

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**RODRIGO BRAVIN**

**(TRANS) PENSANDO A EDUCAÇÃO SOCIAL: OS SENTIDOS DE SER (TRANS)  
EDUCADORA SOCIAL**

**VITÓRIA  
2016**

RODRIGO BRAVIN

**(TRANS) PENSANDO A EDUCAÇÃO SOCIAL: OS SENTIDOS DE SER (TRANS)  
EDUCADORA SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação do Centro Pedagógico da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação na área de concentração de Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas

Orientador: Professor Doutor Hiran Pinel

**VITÓRIA  
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Setorial de Educação,  
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Bravin, Rodrigo, 1980-

B826p (Trans)Pensando a educação social : os sentidos de ser (trans)  
educadora social / Rodrigo Bravin. – 2016.  
141 f. : il.

Orientador: Hiran Pinel.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do  
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educadoras. 2. Fenomenologia. 3. Pedagogia social. 4. Ruas. 5.  
Travestis. I. Pinel, Hiran. II. Universidade Federal do Espírito Santo.  
Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**RODRIGO BRAVIN**

(TRANS) PENSANDO A EDUCAÇÃO SOCIAL: OS SENTIDOS  
DE SER (TRANS) EDUCADORA SOCIAL

Dissertação apresentada ao Curso  
de Mestrado em Educação da  
Universidade Federal do Espírito  
Santo como requisito parcial para  
obtenção do Grau de Mestre em  
Educação.

Aprovada em 28 de julho de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Doutor Hiran Pinel  
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor César Pereira Cola  
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Angela Maria Culyt Santos da Silva  
Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória

Professora Doutora Sílvia Moreira Trugilho  
Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos educadores sociais que em suas tarefas incansáveis contribuem para a construção da cidadania de diversos grupos excluídos.*

*Dedico também à população trans que cotidianamente enfrenta o preconceito e violência produzindo redes de solidariedade e luta pela cidadania.*

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer ao povo brasileiro que por meio de seus impostos me possibilitou cursar o mestrado em uma instituição de qualidade.

Quero agradecer de forma especial ao meu orientador, o Professor Doutor Hiran Pinel por me aceitar, por me apoiar, por me compreender e por estar sempre disposto a ajudar. Foi um prazer “ser sendo” como você mestre!

Quero agradecer ao professor Doutor Alexsandro Rodrigues pela participação na Qualificação dessa pesquisa e pela generosidade em me oferecer valiosa ajuda.

Quero agradecer à professora Doutora Angela Caulyt que, além de me honrar com sua presença na qualificação e na banca de mestrado, foi minha professora na graduação em Serviço Social me proporcionando belas experiências.

Quero agradecer à Professora Doutora Silvia Trugilho por aceitar prontamente o convite de compor tanto a qualificação quando a defesa e colaborar com essa pesquisa. Obrigado!

Quero agradecer de coração ao Professor Doutor César Pereira Cola por aceitar gentilmente participar da minha banca de defesa. Sou muito grato a você professor!

Quero agradecer ao meu pai Hermínio, minha mãe Geralda que, mesmo sem compreender o que é um mestrado, sempre estiveram ao meu lado dando bons exemplos e me ensinando a ser gente.

Quero agradecer à minha companheira Keila pelo apoio incondicional e paciência;

Quero agradecer a todxs professorxs e funcionárixs do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGÉ- UFES e a todxs colegas da turma 28. Foi um prazer estudar com vocês!

Quero agradecer carinhosamente à colaboradora Lady Débora... uma verdadeira Lady e em vários momentos uma leoa defendendo os direitos da população trans... Parabéns e obrigado!

*“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade” (Paulo Freire).*

*“A vida e a morte sempre andam junto com a travesti. Em vários momentos e situações, eu estive entre essas duas coisas”... (Lady Débora).*



## RESUMO

Essa pesquisa pretende descrever compreensivamente os sentidos de ser (trans) educadora social. A educação ocorre em diversas situações e de variadas maneiras e, por isso, a população excluída encontra, em espaços diferentes da escola, práticas e ações que, de alguma forma, contribuem para o enfrentamento das desigualdades. Esses movimentos pedagógicos estão inseridos na pedagogia social que é uma ciência que tem como foco a promoção da educabilidade de pessoas e grupos que se encontram em condição de desigualdade. Nesse sentido, a população trans, em muitas situações, sofre com a rejeição familiar e comunitária, transformando a rua em destino e local privilegiado para construção de suas identidades e bandeiras de resistência, em uma sociedade que as impede de ter acesso aos direitos sociais mais básicos. Para construção deste trabalho foi adotada a perspectiva qualitativa e utilizado como inspiração o método fenomenológico-existencial, tendo como referência teórica as contribuições de Paulo Freire. A captura dos dados aconteceu a partir da história oral e de vida que estimou a realização de três entrevistas não-diretivas possibilitando a livre expressão de uma trans educadora selecionada sobre seus modos de ser. O Ser (trans) educadora social está intimamente ligado ao compromisso com a dignidade de seus pares, da família e de colegas que também experimentaram a exclusão na escola. Ser (trans) educadora social se desvela no apego à fé, quando o único destino é a rua onde o medo é uma sensação muito presente. O Ser (trans) educadora social produz uma pedagogia do aprender com as cicatrizes das travestis mais experientes, na produção do corpo e na construção propostas e projetos que levem cidadania e alegria para essa população. O Ser (trans) educadora social está envolvido no resistir à desumanização promovida pelas drogas, pela prostituição, pelas relações com aliciadores e cafetões e por um modelo educacional que não aceita as diferenças e impõe a evasão. Ser (trans) educadora social é, fundamentalmente, construir uma educação no “chão da rua”, firmada em ser-com-o-outro, adaptada à realidade vivida pela população trans e que busca o ser mais, transformando as rebeldias cotidianas em ações revolucionárias.

Palavras-chave: Pedagogia Social. Educadora Social. Travesti. Ser (trans) Educadora. Rua.

## ABSTRACT

This research intends to comprehensively describe the meanings of being (trans) social educator. Education occurs in a variety of situations and in a variety of ways, and therefore, the excluded population finds in different spaces of the school practices and actions that somehow contribute to the confrontation of inequalities. These pedagogical movements are inserted in the social pedagogy that is a science that has as its focus the promotion of the educability of people and groups that are in condition of inequality. In this sense, trans people, in many situations, suffer from family and community rejection, transforming the street into a destination and privileged place for building their identities and flags of resistance, in a society that prevents them from having access to the most social rights Basic. For the construction of this work the qualitative perspective was adopted and the phenomenological-existential method was used as inspiration, having as theoretical reference the contributions of Paulo Freire. The data collection took place from oral history and life that estimated the realization of three non-directive interviews enabling the free expression of a selected trans educator about their ways of being. The social trans teacher is closely linked to the commitment to the dignity of peers, family, and colleagues who have also experienced exclusion in school. Being a social educator is revealed in the attachment to faith when the only destination is the street where fear is a very present sensation. The social (trans) educative Being produces a pedagogy of learning with the scars of the most experienced transvestites, in the production of the body and in the construction proposals and projects that bring citizenship and joy to this population. The social (trans) educative Being is involved in resisting the dehumanization promoted by drugs, prostitution, relationships with pimps and pimps and by an educational model that does not accept differences and imposes evasion. Being a social educator is, fundamentally, constructing an education on the "street floor", established in being-with-another, adapted to the reality lived by the trans people and that seeks to be more, transforming daily rebellions into actions Revolutionaries.

Keywords: Social Pedagogy. Social Educator. Transvestite. Be (trans) Educator. Street.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Lady Débora ministrando palestra na escola.....	136
Fotografia 2 – Lady Débora na sede de uma entidade LGBT.....	137
Fotografia 3 – Material do Projeto Trans em Ação.....	138
Fotografia 4 – Cartilha do Projeto Trans em Ação.....	139
Fotografia 5 – Cartilha sobre HIV.....	140

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Unidades de Significado.....	96
---	----

## LISTA DE SIGLAS

ABE – Associação Brasileira de Educação

ABLGBT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais

CA – Centro Acadêmico

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CSO – Corpo Sem Órgãos

EDC – Educação para a Diversidade e Cidadania

ES – Espírito Santo

GEPSS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

GOLD – Grupo Orgulho Liberdade e Dignidade

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

ME – Movimento Estudantil

NEAAD – Núcleo de Educação Aberta e a Distância

ONGs – Organizações Não-governamentais

OSCs – Organizações da Sociedade Civil

PPGE – Programa de Pós-graduação em Educação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

UCB – Universidade Católica de Brasília

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>19</b>
1.1	O LUGAR DE ONDE SE FALA: DESVELANDO INQUIETAÇÕES.....	19
1.2	DESVELANDO EXPERIÊNCIAS E INTERESSES.....	21
<b>2</b>	<b>CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>	<b>25</b>
2.1	TIPO DE PESQUISA E A INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	25
2.2	OBJETIVO DA PESQUISA.....	29
2.3	INTERROGAÇÃO DA PESQUISA.....	30
2.4	PESSOA COLABORADORA DA PESQUISA.....	32
2.5	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.....	33
2.6	EM BUSCA DAS NARRATIVAS: A HISTÓRIA ORAL E DE VIDA.....	34
2.7	QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA.....	39
<b>3</b>	<b>OS APARECERES DAS TEORIAS.....</b>	<b>40</b>
3.1	VISITANTO AS PRODUÇÕES DE TRANS PEDAGOGIA SOCIAL.....	40
3.2	PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	44
3.3	FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA SOCIAL.....	47
<b>3.3.1</b>	<b>A PEDAGOGIA SOCIAL NO MUNDO.....</b>	<b>51</b>
<b>3.3.2</b>	<b>A PEDAGOGIA SOCIAL NO BRASIL.....</b>	<b>55</b>
3.4	PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO SOCIAL.....	59
<b>3.4.1</b>	<b>O DIÁLOGO COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL.....</b>	<b>64</b>
<b>3.4.2</b>	<b>VIRTUDES DO EDUCADOR SOCIAL.....</b>	<b>67</b>
3.5	TRAVESTILIDADE EM PERSPECTIVA: ENTRE CORPOS E MUNDOS.....	73
<b>3.5.1</b>	<b>ENTRE CORPOS, MARCAS E PODER.....</b>	<b>75</b>

<b>4</b>	<b>HISTÓRIAS QUE PRODUZEM LADY DÉBORA, UMA TRANSMULHER (TRANS)CRIANDO SUA EDUCAÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>78</b>
4.1	APRESENTANDO LADY DÉBORA.....	78
4.2	SER SENDO (TRANS) EDUCADORA SOCIAL.....	80
4.2.1	COMPROMISSO – NA RUA, EM CASA E NA ESCOLA.....	80
4.2.2	A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO – ESPIRITUALIDADE, MEDO E HUMANIDADE.....	83
4.2.3	APRENDENDO COM AS EXPERIÊNCIAS DE OUTRAS TRANS – GRATIDÃO E ALEGRIA.....	87
4.2.4	RESISTÊNCIAS – PRÉ-CONCEITOS, DESUMANIZAÇÃO, TRISTEZA, EXCLUSÃO E REBELDIA.....	89
4.2.5	PRODUZINDO UMA EDUCAÇÃO SOCIAL – NO CHÃO DA RUA E SEGURANÇA.....	93
<b>5</b>	<b>SER LADY DÉBORA (TRANS) EDUCADORA SOCIAL: LADY DÉBORA POR ELA MESMA.....</b>	<b>96</b>
5.1	LADY DÉBORA FALA COMO EDUCADORA SOCIAL NA ESCOLA.....	100
	<b>PÓSCRITO.....</b>	<b>126</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>128</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>134</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>134</b>
	<b>APÊNDICE B – FOTOGRAFIAS DA EDUCADORA SOCIAL E DO PROJETO TRANS EM AÇÃO.....</b>	<b>136</b>



## **GENI E O ZEPELIN<sup>1</sup>**

*De tudo que é nego torto  
Do mangue e do cais do porto  
Ela já foi namorada  
O seu corpo é dos errantes  
Dos cegos, dos retirantes  
É de quem não tem mais nada  
Dá-se assim desde menina  
Na garagem, na cantina  
Atrás do tanque, no mato  
É a rainha dos detentos  
Das loucas, dos lazarentos  
Dos moleques do internato  
E também vai amiúde  
Com os velhinhos sem saúde  
E as viúvas sem porvir  
Ela é um poço de bondade  
E é por isso que a cidade  
Vive sempre a repetir  
Joga pedra na Geni  
Joga pedra na Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni*

*Um dia surgiu, brilhante  
Entre as nuvens, flutuante  
Um enorme zepelim  
Pairou sobre os edifícios  
Abriu dois mil orifícios  
Com dois mil canhões assim  
A cidade apavorada  
Se quedou paralisada  
Pronta pra virar geléia  
Mas do zepelim gigante  
Desceu o seu comandante  
Dizendo – Mudei de idéia  
– Quando vi nesta cidade  
– Tanto horror e iniquidade  
– Resolvi tudo explodir  
– Mas posso evitar o drama  
– Se aquela formosa dama  
– Esta noite me servir*

---

<sup>1</sup> Canção escrita por Chico Buarque e que fez parte do musical Ópera do Malandro de 1978.

*Essa dama era Geni  
Mas não pode ser Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni*

*Mas de fato, logo ela  
Tão coitada e tão singela  
Cativara o forasteiro  
O guerreiro tão vistoso  
Tão temido e poderoso  
Era dela, prisioneiro  
Acontece que a donzela  
– e isso era segredo dela  
Também tinha seus caprichos  
E a deitar com homem tão nobre  
Tão cheirando a brilho e a cobre  
Preferia amar com os bichos  
Ao ouvir tal heresia  
A cidade em romaria  
Foi beijar a sua mão  
O prefeito de joelhos  
O bispo de olhos vermelhos  
E o banqueiro com um milhão  
Vai com ele, vai Geni  
Vai com ele, vai Geni  
Você pode nos salvar  
Você vai nos redimir  
Você dá pra qualquer um  
Bendita Geni*

*Foram tantos os pedidos  
Tão sinceros, tão sentidos  
Que ela dominou seu asco  
Nessa noite lancinante  
Entregou-se a tal amante  
Como quem dá-se ao carrasco  
Ele fez tanta sujeira  
Lambuzou-se a noite inteira  
Até ficar saciado  
E nem bem amanhecia  
Partiu numa nuvem fria  
Com seu zepelim prateado  
Num suspiro aliviado  
Ela se virou de lado  
E tentou até sorrir  
Mas logo raiou o dia  
E a cidade em cantoria*

*Não deixou ela dormir  
Joga pedra na Geni  
Joga bosta na Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni  
(Chico Buarque)*

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### 1.1 O LUGAR DE ONDE SE FALA: DESVELANDO INQUETAÇÕES

*“Quando percebo, não penso o mundo, ele organiza-se diante de mim” (Merleau-Ponty).*

A proposta desta pesquisa é compreender os sentidos de ser (trans) educadora social. Por isso, essa construção é para mim, antes de tudo, uma oportunidade de deslocamento, de movimentação, de mistura e, principalmente, de desestabilização dos quadros de referência que me foram ensinados desde a infância.

Lembro muito bem da época em que era criança. Conversas sobre sexualidade e corpo não aconteciam. Eu e meu irmão aprendemos rapidamente que éramos “homens” privilegiados e que essa condição nos possibilitava ter total liberdade em relação às nossas irmãs. Não lavávamos sequer os pratos onde almoçávamos e a explicação para abafar qualquer queixa delas era “nós somos homens”, uma tradução de “nós temos pênis”, que logo tinha ressonância nas bocas do meu pai da minha mãe<sup>2</sup>.

Quando uma criança vem ao mundo pesa sobre ela um conjunto de sentimentos, expectativas e sonhos projetados desde que sua genitália é nomeada no exame de ultrassom. “[...] os brinquedos, as cores das roupas e outros acessórios que comporão o enxoval são escolhidos levando-se em conta o que seria mais apropriado e natural para uma vagina e um pênis [...] (BENTO, 2011, p. 550)”.

Voltando à minha infância, em muitos momentos recebi a função de vigiar tudo que minhas irmãs faziam e tinha autoridade para levá-las para casa, inclusive usando a força se fosse preciso. Estavam postos no meu lar o que era de homem e o que era de mulher.

Na adolescência deixei meus cabelos crescerem, meu irmão resolveu usar brinco em uma das orelhas e... o caos estava instalado! Meu pai nos repreendia

---

<sup>2</sup> Mesmo que pareça repetitivo, opto por falar “meu pai e minha mãe” demarcando uma posição política por entender que a palavra “pais” é insuficiente para se referir aos dois.

cotidianamente sempre afirmando aos berros que aquilo não era coisa para meninos fazerem. Para ele, homens com pênis que tivessem cabelos compridos e brinco nas orelhas virariam “veados<sup>3</sup>”.

Embora tivéssemos quebrado algumas regras impostas por nosso pai, incorporamos de forma elogiável a equação pênis-homem-masculino-heterossexual-rua. Nesse contexto, uma das minhas irmãs engravida, e enlouquece toda a família. Foi a nossa primeira aula prática de como dizer tudo que um homem deve dizer para uma mulher que engravida sem estar casada. Soltamos todos os “demônios” que nos atormentavam sobre aquela jovem que acabara de rasgar nosso código de existência, passado de geração para geração. Até hoje me arrependo das coisas que falei com ela.

Durante grande parte da minha adolescência carreguei forte aversão a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)<sup>4</sup>, embora não conhecesse essas definições, pois só aprendi que eram todos invertidos. Esse sentimento que fora desenvolvido na socialização familiar era também chancelado na escola e potencializado na religião que fiz parte durante um longo tempo da minha vida. Mesmo sem saber muito bem sobre relações sexuais, as brincadeiras entre meninos sempre giravam em torno do que era certo e do que era errado. Fazer isso era coisa de “bichinha”, chorar não era coisa de homem, brincar de boneca era coisa de “veadinho”, entre outras interdições que produziam verdades sobre o corpo, entendendo-o como algo herdado desde o nascimento e imutável.

O processo de mudança de comportamento só aconteceu nos bancos da universidade. Primeiro rompi com a forma de viver a religião que me foi imposta. Ao mesmo tempo, os estudos e as relações com pessoas que tinham visões de mundo e opiniões das mais diversificadas contribuíram para que eu enxergasse novas formas de sociabilidade e de viver a vida que me causaram estranhamento e posteriormente possibilitaram a desnaturalização.

Num segundo momento me possibilitei conhecer estudos e literaturas que falavam sobre diversidade sexual e de gênero, além de participar de especializações e

---

<sup>3</sup>Termo utilizado para se referir grosseiramente aos homens gays.

<sup>4</sup>Todas as vezes que aparecer nessa pesquisa os termos Gay, Lésbica, Bissexual, Travesti e Transexual eles serão escritos com inicial maiúscula como posição política de valorização dessas populações.

cursos sobre essas temáticas, que me tornaram um grande interessado em tais conteúdos.

## 1.2 DESVELANDO EXPERIÊNCIAS E INTERESSES

Meu interesse pelas questões de gênero, sexualidade e pedagogia social / educação social foi suscitado, em princípio, durante a graduação em Serviço Social. Além de ter cursado disciplinas como Subjetividade e Cidadania, Questões de Gênero e Serviço Social, Direito e Cidadania e Pesquisa em Serviço Social e ter produzido um trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre “*A prática do educador social de rua com crianças e adolescentes em situação de rua*”, na qual busquei compreender as representações que esses educadores têm do seu trabalho com a população infanto-juvenil de rua, minha formação foi ampliada com os aprendizados adquiridos fora da universidade.

Como estudante de Serviço Social, participei de vários congressos e formações Profissionais promovidas pelo Movimento Estudantil (ME), do qual fiz parte como representante do Centro Acadêmico (CA) de minha escola. Esses momentos informais me oportunizaram uma formação política e crítica que complementava as discussões teóricas e afirmavam em mim a necessidade de inserção em múltiplos espaços de representação, participação e controle social. Ao mesmo tempo, aprendi a reconhecer que a educação também se constrói/produz em outros ambientes além das salas de aula.

Concordo com Freire (2013, p.111) quando afirma que a educação deve servir para a passagem *da transitividade ingênua para a transitividade crítica*. Nesse sentido,

não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação. Vale dizer, uma educação que, longe de se identificar com o novo clima para ajudar o esforço de democratização, intensifique a nossa inexperiência democrática, alimentado-a (FREIRE, 2013, p. 123).

Após a graduação fui selecionado para atuar como Coordenador de Unidade, com bolsa de pesquisa para fomento tecnológico do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), modalidade de Extensão no País - EPX-B no *Projeto Casa Brasil*, que foi uma parceria entre o Governo Federal e a Prefeitura de Vitória – Espírito Santo (ES).

Este projeto é desenvolvido em vários estados brasileiros e tem como objetivo atender comunidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), buscando romper com a reprodução da pobreza, apontando para a melhoria da qualidade de vida, com a inserção crítica da população por meio do uso das tecnologias da informação e da comunicação (TICs).

Durante este percurso no projeto, experienciei o cotidiano de uma turma aberta para maiores de idade, que cursaram informática básica, composta por Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). No cotidiano do projeto, tive a oportunidade de conhecer algumas histórias de vida do público atendido, suas lutas, resistências e as dificuldades que enfrentavam para estudar e conseguir emprego por conta da orientação sexual.

Nos contatos informais que foram estabelecidos com os alunos, muitos narraram que haviam abandonado a escola para evitar humilhações e por não se enquadrar no padrão heterossexual estabelecido compulsoriamente pela sociedade. Tal condição acabava por colocá-los/as em situação de vulnerabilidade e desigualdade social, pois a interrupção do processo de escolarização resultava em dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

Ao mesmo tempo outros(as) contaram suas histórias de luta contra o preconceito, reafirmação das identidades, militância em movimentos sociais e cobranças pela garantia de direitos constitucionalmente garantidos. Esse outro lado acaba, em muitos momentos, sendo ignorado. Louro (2012) assevera que os grupos dominados conseguem, em várias situações, produzir nos ambientes de opressão formas de enfrentamento que se traduzem em resistência e poder.

Por isso, compreender que tipo de educação se produz “na margem” é o que me instiga a buscar a pedagogia social inventada por uma educadora social trans. Essa mudança de foco questiona a visão unilateral que é estabelecida quando se afirma que a população trans aceita viver a exclusão passivamente e que somente a escola formal é capaz de produzir educação.

Continuando minha trajetória, em 2012, inicio carreira docente como professor de Sociologia do Ensino Médio, com a questão da sexualidade ainda latente. Aos poucos, com a atuação diária nas aulas de Sociologia e observação dos locais de trabalho ocupados pelos discentes, percebi que muitas práticas escolares não abarcam, nem respeitam ou estimulam a singularidade dos indivíduos, ao contrário, reforçam valores e comportamentos tidos como “normais” pela sociedade e estimulam o abandono da escola (BOURDIEU; PASSERON, 1975).

No mesmo ano concluí a *Especialização em Educação Especial e Inclusiva*, participei do *II Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos*, promovido pelo *Grupo de Estudo e Pesquisa em Sexualidades (Gepss)* da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Em 2013, cursei duas capacitações promovidas pelo *Núcleo de Educação Aberta e à Distância (Neaad)* da mesma universidade, foram elas: *Educação para a Diversidade e Cidadania (EDC)* e *Gênero e Diversidade na Escola (GDE)*, a partir das quais foi possível aprofundar ainda mais as reflexões sobre a temática sexualidade e os “não-lugares” ocupados pela população LGBT. Ao mesmo tempo, desenvolvi um trabalho sobre diversidade sexual, em uma das escolas em que trabalhava, utilizando o documentário *Ser Mulher*<sup>5</sup>, que mostra um pouco do cotidiano de quatro transexuais.

Já no mestrado em 2014, produzi em conjunto com meu orientador dois artigos ligados ao tema sexualidade e pedagogia social, ambos publicados no livro *Homossexualidades: violências, desafios & possibilidades pedagógicas*, da Editora Pedro & João, e apresentados em eventos na área de educação. O primeiro tratou da experiência com alunos de 3º ano do Ensino Médio, utilizando o documentário *Ser Mulher*, o segundo foi uma etnografia que teve como título “Pedagogia social & a aprendizagem da prostituta no *striptease*”, cujo interesse foi compreender o processo de ensino e aprendizagem do *pole dance*<sup>6</sup> entre garotas de programa em uma boate de Vitória – ES.

Após essa história, convido o leitor a adentrar ao mundo subjetivo (na objetividade do mundo) de uma (trans) educadora social, que tem grande visibilidade e

---

<sup>5</sup> Ser Mulher. Dir. Luciano Coelho. Perf. Maitê Schneider. Projeto Olho Vivo, 2007. Filme.

<sup>6</sup> Palavra de origem inglesa que significa provocação ao se despir. É um ato em que uma pessoa dança e se despe de forma parcial ou total para os seus expectadores. Termo muito utilizado no Brasil.



representatividade no Estado do Espírito Santo por suas lutas em defesa da dignidade, não só da população LGBT, mas de todos aqueles que estão com seus direitos violados.

Após a apresentação inicial, onde trouxe motivações, experiências e interesses que me motivaram a produzir esta pesquisa (capítulo 1), abordo no próximo capítulo, o de número 2, a trajetória metodológica que foi tecida cuidadosamente no sentido de captar de forma compromissada a experiência de ser (trans) educadora social. Por isso, trago nesse capítulo a perspectiva teórica escolhida para produção do trabalho, os procedimentos adotados para captura dos dados, compreensão e análise do fenômeno estudado.

No capítulo 3 (terceiro),faço uma revisão de literatura centrada em teses e dissertações que se conectam com a temática deste trabalho e construo uma breve trajetória da Pedagogia Social no mundo e no Brasil, explicando seus princípios fundamentais. Também dialogo com o clássico pedagogo Paulo Freire e suas contribuições para compreensão da pedagogia social de rua e da prática dos educadores sociais de rua, a partir de conceitos como “educação problematizadora”, “ser mais”, “humanização”, “inconclusão” e “dialogicidade”.

No capítulo 4 (quarto), que é o de apresentação e análise dos dados, trago um pouco do mundo-vida de nossa educadora social, disponibilizo de forma integral trechos de suas narrativas e os analiso a partir da perspectiva fenomenológico-existencial apoiada em Paulo Freire, tendo como referência as unidades de significado percebidas por este pesquisador no contato com o fenômeno. Além disso, disponibilizo a transcrição de uma palestra feita pela educadora social, que colabora nessa pesquisa, sobre diversidade sexual e identidade de gênero em uma escola estadual atendendo a um convite feito por mim.

## 2 CAMINHOS DA PESQUISA

### 2.1 TIPO DE PESQUISA E A INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

*-São as minha memórias, dona Benta. - Que memórias, Emília? - As memórias que o Visconde começou e eu estou concluindo. Neste momento estou contando o que se passou comigo em Hollywood, com a Shirley Temple, o anjinho e o sabugo. É um ensaio numa fita para a Paramount. - Emília! Exclamou dona Benta. Você quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar tudo isso? - Minhas memórias, explicou Emília, são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que deveria haver [...]" (Monteiro Lobato)<sup>7</sup>.*

Neste capítulo, busco descrever o percurso que fiz para organização e construção dessa pesquisa, tratando especialmente dos procedimentos e metodologias empregadas ao longo do processo. Por pensar que a pesquisa é uma construção aberta que se desvela ao pesquisador e onde se faz escolhas, faço uso da expressão “caminhos da pesquisa”.

O contato desde a graduação com questões de sexualidade e educação não formal ajudou a pavimentar o caminho que me levou ao mestrado em educação da UFES. De uma infância marcada por um modelo de educação machista recebido em família, fui aos poucos tendo acesso a outros espaços de sociabilidade que me ajudaram a ressignificar as impressões que tinha sobre a população LGBT e isso me tomou de forma tão intensa que aguçou cada vez mais minha curiosidade sobre esse público e as formas como produz sua existência.

Entendendo que minha intenção foi buscar compreender os sentidos que uma (trans) educadora social atribui à sua prática, o método fenomenológico foi adotado por possibilitar um envolvimento existencial com o sujeito da pesquisa para desvelar seu mundo vivido.

A fenomenologia surge no início de século XX como resposta à insuficiência das ciências positivas. Tem como um de seus principais fundadores Edmund Husserl, que com suas contribuições ajudou a construir uma filosofia científica.

---

<sup>7</sup> Disponível em: [http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/edicao44.htm](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao44.htm). Acesso em 19 de abril de 2016.

Entre o discurso especulativo da Metafísica e o raciocínio das ciências positivas deve, pois, existir uma terceira via, aquela que antes de todo raciocínio nos colocaria no mesmo plano da realidade ou, como diria Husserl, das “coisas mesmas” [...] (DARTIGUES, 2008, p.18).

Conforme Dartigues (2008), Husserl criticava as ciências experimentais por tratarem seu objeto de estudo como algo físico e confundirem as causas exteriores de um fenômeno com o próprio fenômeno.

O que constitui o interesse das ciências humanas – a saber, o fato que estudam as atividades do homem – constitui também sua fraqueza quanto essas atividades são reduzidas a simples fenômenos naturais: neste caso elas aniquilam não somente seus próprios pressupostos, mas também os de toda outra forma de conhecimento, quer se trate de filosofia ou de ciência (DARTIGUES, 2008, p. 17).

Pinel (2004) enfatiza que a fenomenologia significou um rompimento com a proposta de verdade universal pregada pelos métodos experimentais e quantitativos, que apregoavam a descrição do fato, daquilo que se denominava real. Havia interesse em controlar variáveis que interferiam no humano, que passava a ser o sujeito experimental. A fenomenologia aparece resgatando o vivido internamente, o subjetivo. O método

[...] produz e inventa movimentos objetivando resgatar a subjetividade (na objetividade do mundo), dando enfoque na experiência vivida (experienciamento) do outro. Compreendido aqui-agora como ser-no-mundo. A essência existencializada aparecerá quando descrevermos e narramos tal qual esse outro seu sentiu na carne/ alma/ mente sua vivência experiencial, como ele a pensou, emocionou, raciocinou, desejou. (...). Nesses movimentos do ser (sendo) junto ao outro no mundo, o sujeito e objeto se interligam, emergindo pessoa-pessoa(s). Dessa indissociação se cria uma tessitura que precisa ser tecida em quatro ou mais mãos de sentido – dialogada democraticamente. Mas o que se tece? Tece-se as experiências que são gradual e meticulosamente desveladas, evocadas que são do envolvimento existencial (e do distanciamento reflexivo), posturas fundamentais do investigador fenomenológico, sempre em parceria com a pessoa que colabora com a pesquisa. Falamos em um mergulho na “coisa mesma”, ou seja, na experiência “falada” e expressada, e dela se distanciando reflexivamente, objetivando capturar, descrever e analisar o sentido e o significado daquele vivido, mas que, para fazer isso com rigor científico, precisa manter a atitude de envolvimento ou de mergulho. Refletir é assim capturar o significado/ sentido do vivido. (...) Sem se preocupar com as causas ou etiologias das coisas vividas, no máximo, esse método se (pré)ocupa com o que motiva o sujeito a estar experienciando aquilo-de-vivido (PINEL, 2004, p. 121).

A fenomenologia, em contraposição ao método cartesiano que analisa o objeto defendendo uma posição de neutralidade, busca compreender o mundo vivido, entendendo-o como mutável e também relativo.

Martins e Bicudo (2006) definem a fenomenologia como um método de descrever o fenômeno enxergando-o em sua totalidade e abandonando pré-conceitos, pré-suposições e perspectivas teóricas de análise e enquadramento.

[...] o inquiridor fenomenólogo dirige-se para o fenômeno da experiência, para o dado, e procura vê-lo da forma que ele se mostra na própria experiência em que é percebido. Isso quer dizer que há um mundo ao redor do fenomenal. Assim o inquiridor fenomenólogo busca ir-à-coisa-mesma, entendida, não como o objeto concreto fenomenal que está-aí-diante-dos-olhos, mas como a maneira de esse fenomenal se dar à experiência do ver do inquiridor [...] (2006, p. 16).

Não existe possibilidade de separação entre sujeito e objeto. O homem é um projeto lançado no mundo, por isso se constrói no mundo sendo o ser-no-mundo (MARTINS; BICUDO, 2006). Assim, a perspectiva fenomenológica não necessita de conceitos e/ou estudos que interliguem sujeito e objeto, mas ao tentar compreendê-los desvela significados do mundo vivido.

[...] O investigador fenomenólogo procura, assim, ver as coisas de modo direto, aberto às suas possibilidades de aparecer. Ao focalizar o fenômeno a investigar, o modo pelo qual esse fenômeno se dá no olhar de quem busca compreendê-lo, do investigador, é em perspectivas. Ele vai se revelando em suas possibilidades de aparecer, mesmo porque, ele, não sendo uma realidade objetiva e concretamente dada, pode apenas mostrar-se em seu sendo [...] (MARTINS; BICUDO, 2006, p. 19).

Forghieri (2012) define o “ser-no-mundo” como uma composição marcada pela totalidade e que, por isso, não pode ser dividida em partes desconexas. Nesse sentido, a experiência é uma estrutura composta por vários momentos que se complementam e reforçam sua coesão, formatando a diversidade do mundo e as variadas formas de existir nele.

Na vivência pré-reflexiva imediata o ser humano desconhece seu corpo como tal; ou, em outras palavras, este encontra-se englobado na totalidade do existir. E não há manifestação do existir que não seja, de certo modo, corporal, pois não são apenas as sensações, nas quais temos uma percepção direta dos objetos, que são vividas corporalmente. Mesmo quando imaginamos lembramos de algo, ou de alguém, estes aparecem com um colorido, uma forma, ou um perfume, um gosto, uma textura. E até quando estamos engajados num pensamento racional e abstrato, o que visualizamos ainda mantém alguma relação com o que vimos e sentimos (FORGHIERI, 2012, p. 29).

Para Merleau-Ponty (2011), o mundo existe antes de qualquer julgamento que queiramos fazer dele. “O real deve ser descrito, não construído ou constituído. Isso quer dizer que não posso assimilar a percepção às sínteses que são da ordem do juízo, dos atos ou da predicação (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 5)”.

Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador busca alcançar a visão das essências e para isso descreve e analisa fenômenos perceptíveis. Tendo como objeto o fenômeno, o objetivo é conhecer o mundo através das experiências do sujeito (GIL, 2010).

Em “A fenomenologia da percepção”, Merleau-Ponty (2011) nos ensina que não há outra forma de compreender o homem que não seja a partir de sua facticidade. Essa postura é principalmente uma negação da ciência, pois,

[...] eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu “psiquismo”, eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre o mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3).

Em Merleau-Ponty (2011), a experiência vivida não é resultado de fatores antecedentes, pois ao vivê-la, ela se torna o que é para mim. É o meu corpo que me insere no mundo e possibilita a abertura / relação com pessoas e objetos. Por isso, é impossível pensá-lo como algo que se divide em partes. “[...] O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo, é para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 122).

A percepção é a possibilidade de encontro entre o homem e o mundo materializado no que Merleau-Ponty (2011) chama de “corpo-vivido”. Reis (2011, p.40) ressalta que:

Ao explicar a percepção, Merleau-Ponty reconhece o corpo como lugar de um conhecimento originário do mundo e de si próprio, um saber sensível que antecede o conhecimento reflexivo, mas, ao mesmo tempo, o possibilita. Isso não nos permite concluir que o homem seja somente corpo ou que o pensamento esteja excluído dos processos por meio dos quais a subjetividade se (re) constitui. O que o autor reitera diversas vezes é que, na percepção, na qual estão imbricados aquele que percebe e o percebido, opera uma forma de consciência pré-reflexiva, a qual não está “dentro”, habitando um corpo, mas que é corpo [...].

A percepção não pode ser pensada como um acontecimento que se submeteria à ideia de causalidade. Ela é na verdade uma constante recriação e reconstituição do mundo. Por isso, o mundo percebido é de um jeito, porque eu o torno assim e tudo que experencio não depende do meu ambiente físico ou do meu passado, ele é o que eu vivo não o que eu penso (MERLEAU-PONTY, 2011).

Pinel (2005) ressalta que a fenomenologia tem como principal objetivo descrever e analisar de forma compreensiva um determinado fenômeno focando a experiência vivida dos sujeitos.

De acordo com o que ensina Forghieri (2012), entendi que para compreender o que é e como é ser (trans) educadora social deveria estar aberto a uma escuta despida de tudo que pudesse conhecer ou achar que conhecia sobre o fenômeno pesquisado.

## 2.2 OBJETIVO DA PESQUISA

*Uma história narrada pode significar o mundo com tanta profundidade quanto um tratado de filosofia (MERLEAU-PONTY).*

Longe da educação ofertada dentro das escolas se produzem formas de sociabilidade que merecem ser conhecidas e descritas. São as resistências cotidianas que a população trans constrói e reconstrói como forma de empoderamento em uma sociedade que lhes nega a cidadania. Essa educação social é uma legítima ferramenta de enfrentamento e de não-aceitação da naturalização das desigualdades.

Fora do ambiente escolar estão presentes necessidades socioeducativas que atingem a todas as faixas etárias e que estão relacionadas à cultura, ao lazer, ao suprimento de necessidades básicas, ao atendimento a populações de risco, ao trabalho, à formação continuada, à sustentabilidade, aos direitos humanos, dentre tantas outras. Sob o olhar da totalidade da educação, as políticas públicas, por serem focadas e fragmentárias, têm sido insuficientes para atender as demandas da sociedade. E, na ausência de políticas definidoras, vão se construindo formas de atendimento às necessidades da população por novos sujeitos sociopolíticos e culturais, muitos deles institucionais como as fundações e entidades do Terceiro Setor [...] (MACHADO, 2009, p. 11382-11383).

Petrus; Romans e Trilla (2003) destacam que a educação formal parou no tempo e não tem acompanhado as mudanças sociais e culturais da sociedade. Esse descompasso pavimentou um caminho que tirou das mãos da escola a primazia sobre a educação. Nesse sentido, é preciso reconhecer a potência das práticas educacionais que são construídas pelos educadores sociais diante dos mais diversos grupos da sociedade e defender/reconhecer a história como uma possibilidade e não como determinação.

Dentro dessa perspectiva, essa investigação nasce como já foi descrito, no contato com as temáticas de sexualidade e pedagogia social ao longo das minhas graduações em serviço social e em ciências sociais, nas experiências do movimento estudantil, na produção de uma monografia sobre a prática dos educadores sociais com crianças e adolescentes em situação de rua e também na prática de trabalho com uma turma LGBT em um projeto social.

A convivência com questões e pessoas me impulsionou a querer conhecer um pouco mais sobre o público trans. Nesse caminho tive contato com uma importante educadora social trans e defensora dos direitos humanos do município da Serra (ES), que me desvelou seu mundo-vida. Portanto, meu objetivo é **descrever compreensivamente os sentidos de ser (trans) educadora social** para conhecer o mundo vivido a partir de um envolvimento sincero e aberto com o fenômeno pesquisado.

### 2.3 INTERROGAÇÃO DA PESQUISA

A experiência vivida por mim após a graduação me levou a adentrar o mundo da diversidade sexual. Assim, pude conviver e conversar com diversas travestis e transexuais no Projeto Casa Brasil<sup>8</sup> do qual fui coordenador em 2007. A relação com essas pessoas me fez conhecer vidas difíceis, sonhos e muitas lutas pela garantia de dignidade e de direitos.

---

<sup>8</sup> Destacado no início do trabalho.

Um dos maiores problemas narrados pela população trans que convivi foi o acesso à educação. Muitas delas em algum momento da vida frequentaram a escola e por diversos motivos, especialmente os preconceitos, abandonaram.

Com essas vivências senti o desejo, num primeiro momento, de pesquisar os sentidos que as travestis e transexuais atribuem à escolarização. Porém, ao longo do mestrado, aceitando sugestões do meu orientador e após a qualificação I, decidi pesquisar os sentidos de ser (trans) educadora social a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial. Meu espaço-tempo a ser compreendido era como uma travesti educadora social vivencia sua experiência de educar outras trans. Por isso, minha interrogação de pesquisa é: *o que é e como é ser (trans) educadora social?*

Gil (2010) ensina que o pesquisador que utiliza a fenomenologia como base para produção de uma pesquisa não parte de um problema, mas de uma interrogação. Ao trilhar pelos caminhos de uma interrogação, busca-se compreender o fenômeno que será narrado pelo sujeito que o experiencia, sem pré-juízos ou suposições.

Forghieri (2012) ensina que o homem se difere dos animais por não viver de forma estática. Os seres humanos são lançados ao mundo, vivem em um determinado tempo, relacionam-se com outras pessoas, possuem consciência de si e dos outros que entram em contato e ainda conferem significado às suas experiências. Reconhecendo que a experiência é individual e que escapa aos olhos do pesquisador é necessário que a própria pessoa fale do seu mundo-vida. “As situações que alguém vivencia não possuem, apenas, um significado em si mesmas, mas adquirem um sentido para quem as experiencia, que se encontra relacionado à sua própria maneira de existir [...]” (FORGHIERI, 2012. p. 58).

Conforme Gil (2010), não é necessário elaborar hipóteses num estudo fenomenológico, pois para que o pesquisador possa realizá-lo, uma das etapas preestabelecidas é colocar em suspenso tudo que sabe ou que se supõe saber sobre o fenômeno que será estudado.

[...] é importante que o pesquisador deixe de lado tudo o que ele já conhece a respeito do fenômeno que está sendo investigado. Este momento corresponde à chamada *epoché*, ou suspensão de qualquer crença, hipótese, teoria ou explicação do fenômeno (GIL, 2010, p. 136).



O método fenomenológico se diferencia das propostas de pesquisa positivistas, pois sua ambição é descrever as experiências como elas são sem levar em consideração antecedentes psicológicos, biológicos, etc.

#### 2.4 PESSOA COLABORADORA DA PESQUISA

Gil (2010) explica que a escolha dos sujeitos que participarão de uma pesquisa fenomenológica não necessita da realização de amostragem dentro de um grupo populacional e nem da inclusão de muitas pessoas. Por não buscar generalizar seus resultados, o pesquisador deve selecionar participantes que tenham facilidade e capacidade de externar detalhadamente suas experiências de vida, sentimentos, emoções e os significados percebidos nelas sem inibição. Ao mesmo tempo, essas pessoas devem ter facilidade de descrever vivências passadas e recentes de forma minuciosa.

Assim, considerando o que preconiza Gil (2010) e as orientações após a qualificação I, selecionei apenas uma pessoa como sujeito dessa pesquisa. Trata-se de uma travesti educadora social e militante de direitos humanos no município da Serra – ES com destacada atuação em defesa da cidadania, dignidade e direitos da população LGBT, especialmente, e também de outros grupos como pessoas em situação de rua, crianças e adolescentes. Aqui nossa educadora social será chamada de Lady Débora.

A seleção desta colaboradora ocorreu em virtude de sua grande visibilidade enquanto liderança positiva no Movimento LGBT, sua representatividade e várias ações, muitas delas com destaque na mídia capixaba<sup>9</sup>, e anos de atuação como educadora social.

Por indicação de colegas de estudo e do meu orientador, consegui o telefone da educadora social e iniciei uma conversa pelo *Whatsapp* na qual expliquei o que era a pesquisa e meus interesses. Após quase um mês de conversas, ela aceitou

---

<sup>9</sup> A colaboradora da pesquisa fala ao portal G1 no dia nacional da visibilidade trans em - <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2016/01/capixabas-trans-comemoram-dia-nacional-da-visibilidade-no-es.html>.

colaborar e agendamos os encontros para realização das entrevistas, que ocorreram em quatro momentos: no primeiro, que aconteceu após a conversa por *Whatsapp*, a educadora atendeu a um convite meu e ministrou uma palestra sobre Diversidade Sexual e Identidade de Gênero na escola em que sou professor de sociologia. No segundo encontro, realizei a entrevista em um shopping do município da Serra– ES em um clima bastante descontraído e nos outros dois estive na sede da Ong Grupo, Orgulho Liberdade e Dignidade (GOLD) que luta em defesa dos direitos da população LGBT e da qual a educadora social é Presidente.

## 2.5 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

*Instrumentos de produção de dados* – Gil (2010) destaca que numa pesquisa fenomenológica, a produção de dados deve ser feita a partir de técnicas que possibilitem a liberdade para que os participantes se expressem. Nesse caso, utilizei a entrevista não-diretiva por garantir o foco do entrevistador e permitir a livre expressão do entrevistado ao mesmo tempo. Essa entrevista se iniciou com uma questão principal (pergunta disparadora): o que é, e como é ser (trans) educadora social? Meu interesse se direcionou para os significados que uma (trans) educadora social atribui à sua experiência.

*Instrumentos de captura/produção de dados* – Realizei entrevistas não-diretivas, com uma questão principal e, pela filosofia do clima instaurado na relação, podemos dizer que ocorreu uma produção de dados, na qual a pessoa colaboradora com a pesquisa de fato colaborou, participou. Essa questão se dividiu em várias outras, sempre com objetivo de compreender a experiência de ser (trans) educadora social. Minayo (2010) aprecia a pesquisa qualitativa por ser ocupar de contextos que não podem ser quantificados. Assim, esse método de pesquisa trabalha “[...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [...]” (MINAYO, 2010, p.21).

Na pesquisa fenomenológica evitam-se instrumentos que produzam quantidade numérica – o interesse é pela qualidade das narrativas (aprofundadas), dos “causos” (narrativas experienciais) e nada preocupada com estatísticas, percentagens, médias, desvios padrão, etc.

Os procedimentos realizados nessa pesquisa estão baseados em Pinel (2005), Gil (2010) e Meihy (2002): manter constantemente a postura fenomenológica (*envolvimento existencial* indissociado do *distanciamento reflexivo*) – uma atitude nunca abandonada, sendo um pano de fundo para os procedimentos e para toda a pesquisa:

[1.1] produção de uma interrogação (pergunta disparadora) fenomenológica de pesquisa: O que é e como ser (trans) educadora social?;

[1.2] selecionar uma (trans) educadora social para participação do estudo;

[1.3] produzir dados por meio da entrevista não-diretiva, com uma questão central;

1.4] ler várias vezes a produção textual científica, fazendo-a de modo motivado, e com isso compreendendo melhor o mundo vivido pelo outro junto a mim na pesquisa;

[1.5] transcrever a narrativa em seu estado bruto, incluindo repetições, silêncios, etc. e textualizar a narrativa agora retirando palavras repetidas, erros gramaticais, ruídos, sons e repetições. Transcriar a narrativa a partir da teatralização da fala, na qual se inclui, com uma linguagem literária, as emoções, silêncios e, por fim, submeter o texto transcrito para que a colaboradora avalie, sugira modificações e o aprove;

[1.6] organizar os dados, descrevendo Unidades de Significado (US);

[1.7] analisar/interpretar os dados – quando ficará responsável em responder a interrogação de pesquisa, a partir da elaboração de um relatório final.

## 2.6 EM BUSCA DAS NARRATIVAS: A HISTÓRIA ORAL E DE VIDA

*O espaço da Débora é outro, é uma outra realidade que é levar e fazer política para quem não sonha nem estar aqui, não tem acesso nenhum a família, a escola, a igreja, muito menos a um shopping (Lady Débora).*

As narrativas são ferramentas importantes para que as pessoas ampliem o grau de compreensão sobre elas mesmas. Ao revisitar o passado e lembrar de fatos e

sentimentos que foram vivenciados, os seres humanos acabam por atribuir novos significados a essas experiências.

Cunha (1997) explica que, ao narrar, uma pessoa pode valorizar situações, suprimir emoções, negar escolhas, esquecer decepções, enfatizar cores, sons e isso é a forma como a realidade é representada por ela. Nesse sentido, as representações do mundo vivido que um sujeito produz carregam diversos significados e traduções.

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, 1997, p. 2).

Quando se conta uma história, quem narra está continuamente visitando sua memória para construir sentidos e organizar sua existência a partir de fatos, momentos, sentimentos e decisões que fizeram e fazem parte de seu mundo vivido.

[...] A memória é processual e situada, ela vai construindo-se e desenhando sentidos (sempre parcelares) na relação que estabelece entre experiência passada, presente e projeção de futuro (desejo) e, igualmente, com a subjetividade daquele que escuta, num processo dialético entre a subjetividade do ouvinte e a do narrador [...] (BARROS; SILVA, 2010, p. 69).

Barros; Silva (2010) enfatizam que a transmissão do vivido por meio de narrativas é o foco central do método história oral e de vida. Assim, nessa modalidade de pesquisa é preciso valorizar inclusive o não-verbal como silêncios, esquecimentos e repetições.

Concordando que a narrativa é o conjunto de experiências vividas por uma pessoa, Barros; Silva (2010, p.71) entendem que,

Nessa visão, a pessoa que narra sua trajetória é um interlocutor com quem se estabelece uma relação de cooperação, criando, desta maneira, a possibilidade de uma relação dialogada. Busca-se construir uma relação de colaboração e, por isso, adota-se o termo colaborador(a) em substituição a entrevistado ou informante, o qual deixa de ser considerado um objeto de conhecimento para co-conduzir conjuntamente com o(a) pesquisador(a) o registro de sua história.

Gil (2010) define história de vida como a descrição feita por uma pessoa sobre sua vida vivida ao longo do tempo, com a reelaboração dos momentos que considera importantes. E nesse caso, o pesquisador precisa adotar uma postura aberta, silenciosa e com mínimas interferências para que o colaborador se expresse livremente.

Meihy (2002) ensina que o convívio demorado com o colaborador é importante para produção de dados e que acúmulo exaustivo de horas não significa uma entrevista boa, mas um envolvimento sincero que possibilite aprofundamento da conversa.

Para Meihy (2002, p.131-132),

[...] a história oral de vida, ao trabalhar com a experiência, sugere entradas para o entendimento do espaço pessoal subjetivo, supõe-se que haja também um roteiro menos factual e mais vinculado a outras alternativas – que salientem, por exemplo, as narrativas pessoais feitas por meio de impressões, sentimentos, sonhos. O que significa que não se precisa necessariamente seguir um caminho de obediência estrita à continuidade material dos fatos.

Os passos de análise dos dados obtidos nessa pesquisa estão baseados em Pinel (2005), Gil (2010) e também em Meihy (2002) que ensina quatro etapas: transcrição, textualização, transcrição e a conferência/autorização feitas pelo colaborador. Na primeira etapa, a fala gravada é passada para a forma de texto em seu estado bruto, com repetições e palavras sem peso semântico. Na segunda etapa são eliminados do texto as perguntas, sons, ruídos e palavras sem valor semântico. Ao mesmo tempo, são corrigidos os erros gramaticais. Na transcrição, que é a terceira etapa, busca-se através de uma linguagem literária elaborar o sentido percebido na narração do colaborador. Nesse momento são incorporados elementos que estão fora do texto como as emoções, choro, silêncios, etc. Por fim, o texto transcrito deve ser submetido ao colaborador para que o leia, sugira alterações se quiser e aprove o texto final.

Adotar a história oral de vida como ferramenta para captura de dados me possibilitou envolvimento aprofundado com uma educadora social trans, a corresponsabilidade na construção das narrativas, a produção partilhada dos dados e o questionamento das posições de quem pesquisa e quem colabora.

Quem conta uma história, faz necessariamente apelo a sua memória e a trabalha para dar inteligibilidade à experiência e para ressignificar o vivido, conferindo-lhe uma logicidade que constrói, organiza e justifica seu ponto de vista. Ao relatar sua história de vida, o narrador concatena parte dos fatos e eventos que a constituíram de acordo com a situação e com as relações que ocorrem durante a própria narrativa. No entanto, nem sempre tal processo é consciente, ele contém continuamente dimensões que escapam ao próprio narrador. [...] (BARROS; SILVA, 2010, p. 69).

Após construir a interrogação da pesquisa iniciei a busca por sujeitos que pudessem participar dela. Com a perspectiva metodológica firmada na fenomenologia existencial, busquei informações sobre lideranças do Movimento LGBT no Espírito Santo e tanto meu orientador quanto colegas de universidade me indicaram a mesma pessoa. Consegui, através de alguns contatos, o *e-mail* e o telefone celular desta educadora social e a adicionei no *Whatsapp*. Conversamos por quase um mês para construir uma relação de confiança.

Nesse tempo, eu me apresentei, falei do mestrado que estava cursando, expliquei tudo sobre a pesquisa, os objetivos e outras informações pedidas pela educadora. Lembro que ela me perguntou qual seria a novidade que a minha pesquisa traria para a população LGBT, pois muita gente a procurava e às vezes não retornava com a produção e os resultados das pesquisas das quais ela participava como colaborada. Respondi imediatamente que queria produzir um trabalho que mostrasse outro olhar sobre a população trans e que a colaboradora era peça importante nesse processo. Mesmo assim, aquela pergunta permaneceu no meu íntimo e fiquei alguns dias pensando sobre ela.

O que quero quando pesquiso sobre uma educadora social trans? Sem querer adiantar resultados do trabalho, pretendo contribuir para dar visibilidade às múltiplas propostas de educação social que são produzidas longe dos espaços formais de educação e que contribuem para mobilização, politização e busca da cidadania de uma população que, em muitas situações, é invisibilizada pelo estado.

Embora entenda que a população LGBT sofre com preconceito, violência, negação de direitos, é preciso conhecer e reconhecer as práticas transgressoras que questionam a heteronormatividade e produzem outras formas de sociabilidade. Mesmo com todas as limitações impostas por uma sociedade que em geral se calça numa pseudomoralidade e na imutabilidade do corpo, diversas experiências de

animação social, empoderamento e sensibilização são inventadas cotidianamente como instrumentos de luta pela desconstrução de verdades inquestionáveis.

O primeiro passo para aproximação física com a educadora foi fazer um convite para que ela ministrasse uma palestra sobre diversidade sexual e identidade de gênero na escola em que sou professor de sociologia. Ela prontamente aceitou e duas semanas depois falou para alunos do segundo ano do ensino médio. A palestra foi um sucesso com grande interação dos estudantes da turma que, posteriormente, elogiaram bastante a educadora social e a queriam novamente na escola.

Após esse primeiro contato pessoal, conversamos um pouco mais sobre a pesquisa e combinamos que eu aguardaria um espaço em sua agenda para fazermos a entrevista, já que a educadora participa de conselhos municipais e de três entidades que defendem os direitos da população LGBT. Nosso primeiro encontro para realização da entrevista aconteceu em um shopping do município da Serra- ES, conforme escolha da educadora social. Esse momento foi gravado e durou em torno de três horas e meia.

Fui bastante ansioso em direção à casa da educadora para buscá-la, pois não nos conhecíamos. No trajeto, falamos de diversas questões e o clima foi ficando mais amistoso, o que me deixou relaxado. Ao chegar, sentamos em um lugar central desse shopping e a conversa fluiu de forma tranquila, regada com algumas doses de cappuccino. Lady Débora falava, observava o espaço com olhares contínuos para os dois lados e, ao mesmo tempo, tentava perceber como era observada pelos que passavam.

O papo fluía e cada vez me sentia mais envolvido. Nem parecia uma entrevista de pesquisa. Lady Débora contava sobre sua vida de forma aprofundada e, para mim, sem reservas.

Outros dois encontros aconteceram na sede de uma entidade LGBT em que educadora social é presidente. Nesses encontros, além das conversas fiz algumas

fotos e peguei materiais do Projeto Trans em Ação<sup>10</sup> que a educadora ajuda a coordenar.

Procurei, ao longo das entrevistas, manter uma postura fenomenológica e me distanciar de tudo que sabia ou imaginava saber sobre a temática em questão para não comprometer a pesquisa. Husserl (2001) ensina que pré-conceitos e pré-juízos em relação ao fenômeno devem ser colocados em suspensão (*epoché*). Também, seguindo orientações do filósofo, busquei desenvolver a redução eidética que foi a busca da essência do fenômeno pesquisado, sempre me envolvendo com ele para responder à interrogação proposta neste trabalho.

## 2.7 QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA

Como essa pesquisa envolve seres humanos, a colaboradora recebeu informações detalhadas sobre o objetivo deste trabalho, e, após aceitar participar, assinou o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, autorizando a utilização dos dados produzidos e fotos capturadas. As entrevistas foram gravadas por meio tecnológico, transcritas e levadas à colaboradora para que fizesse a leitura e avaliasse. Por se tratar de sua história de vida, foi um dever de o pesquisador fazer a devolutiva para avaliação e correção de possíveis erros apontados. No mais, mantivemos uma postura ética (e estética) de escuta compreensiva acerca da outra e respeito total à sua pessoa.

No próximo capítulo, de número 3, trataremos para os leitores os fundamentos da Pedagogia Social no mundo e no Brasil e as contribuições de Paulo Freire para se pensar a educação social de rua. Essa teorização servirá para compreensão dos dados capturados.

---

<sup>10</sup>O principal objetivo do projeto é contribuir para a minimização da violência, redução dos estigmas das quais as travestis e transexuais se tornam vítimas constantemente e também contribuir para uma maior aproximação com o poder público, para que juntos sejam desenvolvidas ações de enfrentamento à violência e discriminação. Disponível em: <http://blogfolio2014grupo3.blogspot.com.br/2014/07/projeto-trans-em-acao.html>. Página do projeto Trans em Ação no Facebook em: <https://www.facebook.com/transemacaoes/photos/a.1773799312854277.1073741853.1476154689285409/1773799319520943/?type=3>.



### 3. OS APARECERES DAS TEORIAS

#### 3.1 VISITANDO PRODUÇÕES DE (TRANS)PEDAGOGIA SOCIAL

Nesse espaço, busco construir um breve levantamento de pesquisas que se interessaram por travestis educadoras sociais. Para isso, procurei teses e dissertações usando os descritores “travesti”, “pedagogia social” e “educação social” no portal de teses e dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) por ser uma referência no fomento de pesquisas do Brasil e no portal do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – UFES.

No portal da CAPES, utilizando os descritores citados anteriormente, não encontrei nenhum trabalho sobre travestis educadoras sociais. Por isso, levando em consideração essa ausência, optei política e metodologicamente por elencar pesquisas que tivessem como temática a população travesti e que ao mesmo tempo trouxessem contribuições positivas sobre esse grupo e valorizassem suas lutas e por dignidade e garantia de direitos.

Com essa segunda proposta e utilizando somente o descritor “travesti” 138 trabalhos foram encontrados e estavam ligados a diversas áreas como psicologia, educação, antropologia, etc. Fiz a leitura dos resumos e foram selecionados oito (08) textos que atendiam aos parâmetros deste levantamento.

Andrade (2012) produziu a tese “Travesti na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa”. Nesse trabalho, a autora, que foi a primeira travesti a se tornar doutora no Brasil, buscou desvendar as resistências e assujeitamentos que as jovens travestis constroem na escola. Utilizando o método etnográfico, concluiu que existem apenas vinte e cinco transgêneros estudando em escolas públicas estaduais de cento e oitenta e quatro municípios no estado do Ceará.

Para a pesquisadora, essa realidade demonstra a dificuldade que a instituição escolar tem para lidar com as diferenças, o que submete as travestis a viverem entre confinamento e exclusão, pois são vistas como desviantes e indesejadas. Ao mesmo tempo, Andrade (2012) afirma que algumas travestis constroem formas de resistência para garantir o direito à escola, mesmo diante de diversas barreiras.

Davi (2013) escreveu a tese “Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti” que teve como objetivo compreender os significados e sentidos que as travestis atribuem ao processo de transformação de seus corpos. Usando a história oral e de vida como técnica de captura de dados, o pesquisador entende que, ao buscarem construir corpos perfeitos, as travestis produzem resistências cruzando as fronteiras do gênero. Ao se equilibrar entre o que é masculino e o que é feminino, elas reivindicam sua existência e constroem sonhos e projetos de vida a partir de seus corpos.

O autor invoca como elemento importante em sua pesquisa a centralidade que as travestis atribuem aos seus corpos, quando consideram que o tempo passa a partir das transformações que fazem neles. A dor sentida quando se submetem aos procedimentos corporais é também pensada como satisfação e processo necessário para que possam “andar em cima do salto” e se sentirem belas.

Barros (2014) defendeu a dissertação “Experiência das travestis na escola: entre nós e estratégias de resistência” na qual buscou compreender as experiências das travestis no contexto escolar. A partir da aplicação de questionários sociodemográficos e realização de oficinas, a autora concluiu que embora o cotidiano das escolas apresente violência institucional, física e psicológica, há também contextos de acolhimento, inserção e resistências.

A pesquisadora mapeou em seu trabalho práticas construídas pelas travestis participantes da pesquisa que serviram de proteção para elas. A primeira ação foi se invisibilizar na escola e em outros espaços sociais, embora essa prática contribuísse também para fragilização e isolamento. Vestir-se como “garoto”, ainda que perturbasse e custasse um preço alto, era uma forma de tentar concluir os estudos.

Outra ação das travestis, destacada na pesquisa, foi a de se enturmar para construir laços de amizade e receber proteção. Ser simpática, querer fazer trabalhos em grupo, entre outras ações, foram formas de cativar pessoas e conseguir aliados. Por fim, a autora enfatiza que a atuação política foi uma das maiores armas utilizadas pelas travestis para produzir empoderamento. Por isso, fazer parte do Grêmio Estudantil da escola, envolver-se com o Movimento LGBT, denunciar, reivindicar e promover escândalos eram ferramentas políticas de defesa.

Ferraz da Silva (2014) escreveu a tese “Currículo e diferença: Cartografia de um corpo travesti” procurando mapear linhas de fuga traçadas pelo corpo travesti em sua constituição enquanto corpo sem órgãos (CsO). Por meio da cartografia, o autor entende que o corpo travesti carrega uma potência em tensionar discursos que defendem a heteronormatividade.

O corpo travesti é descrito como aquele que não combina com determinismos biológicos, produzindo processos desestabilizadores de hierarquia e abrindo possibilidades em vários campos do conhecimento que trazem novos olhares. Esse corpo transgressor não aceita regulações prévias nem definições fixas, embaralha caminhos, vaza, cria problemas para as demarcações binárias e confunde o masculino e o feminino, incomodando o que se entende por heterossexualidade.

Barbosa (2015) defendeu a dissertação de mestrado “A construção de corpos travestis: trajetórias que falam de binarismo e subversões no espaço escolar”. No texto, a pesquisadora tem como objetivo analisar como os corpos travestis tensionam e subvertem a reprodução das normas regulatórias de gênero na escola pública. Utilizando entrevistas semiestruturadas com travestis que estudaram em escolas públicas, a autora concluiu que os discursos das entrevistadas em alguns momentos reproduzem e em outros subvertem normas de gênero.

A autora reconhece em seu texto que as travestis sofrem diversos tipos de violência no ambiente escolar, mas valoriza as subversões produzidas por elas no uso dos banheiros e nas aulas de educação física, por exemplo. Há uma ênfase também na necessidade de construção de novas pesquisas que produzam outras memórias do ambiente escolar.

Veras (2015) construiu a tese de doutorado “Carne, tinta e papel: A emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza - Ceará (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográficos” buscando analisar a emergência do sujeito travesti na cidade de Fortaleza - CE. A partir de uma análise foucaultiana e de gênero *queer* em fontes como jornais, revistas, obras literárias, antropológicas e narrativas de travestis, o autor concluiu que quando as travestis saem dos espaços restritos de boates, bailes de carnaval e teatros para ocupar o espaço público-midiatizado elas se tornam transgressoras dos dispositivos heteronormativos.

O autor entende essas práticas de transgressão como possibilidades de resistências, pois ao tornarem-se públicas confundem as verdades estabelecidas e também constroem novas formas de ocupação do espaço público. O ato de se montar travesti e produzir escândalo é definido como contrapráticas e contradiscursos que subvertem as relações de poder-saber.

Leite Júnior (2015) elaborou a dissertação “Travestilidades e envelhecimentos: cartografando modos de vida na transcontemporaneidade” almejando compreender a produção de performatividades de gênero e as experimentações da sexualidade na experiência interseccional da travestilidade e envelhecimento em contextos fortalezenses.

Utilizando a cartografia o autor entendeu que o envelhecimento entre as travestis promove a “marginalização da margem”, pois as colaboradoras são sobreviventes que se movimentam entre lutas e resistências mesmo que em alguns momentos internalizem a norma. Nesse sentido, as travestis, ainda que vivam em zonas de abjeção, produzem resistências que questionam discursos que impõe a heteronormatividade como único caminho.

Martins (2016)<sup>11</sup> em sua dissertação “Entre ocos, truques e atraques: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras sociais trans do projeto Transformação” tentou analisar o pensamento das educadoras sociais Trans por meio dos confetos produzidos sobre suas experiências educativas no projeto social Transformação.

Utilizando como método de pesquisa a sociopoética, o pesquisador concluiu que os confetos produzidos pelas educadoras sociais trans propõe novas formas de existir na educação frente à perspectiva da heteronormatividade. Essas práticas educativas inventam/disparam formas de educar nos dias atuais inserindo uma vivência para/com e pelas diferenças.

No portal de teses de dissertações do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, fiz um levantamento de trabalhos desde 2006 e, embora

---

<sup>11</sup> Só tive acesso ao resumo da dissertação de Martins (2016), pois pelo fato de o trabalho ter sido defendido em fevereiro ele não estava disponível em sua totalidade.

tenhamos algumas produções fundamentadas na pedagogia social nenhuma delas tem como foco educadoras sociais trans.

### 3.2 PARA ALÉM DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

*Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar (BRANDÃO).*

Esse trecho de Carlos Rodrigues Brandão (2007) nos ensina que não existe somente uma educação e que não é apenas a escola que educa. Da família à escola, passando pela rua, acontece educação e ela pode ter diversas características. Pode servir para manter e aumentar as desigualdades ou ainda para questioná-las e superá-las.

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar *comum*, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é *comunitário* como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 2007, p.10).

Para pensar as diferentes formas que a educação pode ter, retomamos aqui um exemplo utilizado por Brandão (2007) quando fala do acordo de paz firmado entre os Estados de Maryland e Virgínia e os índios das Seis Nações nos Estados Unidos da América (EUA). Nessa situação, os dois estados se oferecem para receber índios em suas escolas, o que foi prontamente negado pela tribo com a seguinte resposta em forma de carta:

[...] Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa... Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens. (BRANDÃO, 2007, p. 8-9).

Os índios das Seis Nações são muito didáticos ao dizerem que em cada contexto a educação serve para um fim específico. De que adianta formar doutores nas ciências dos “homens brancos”, se esses índios voltarão para suas tribos e não saberão sequer caçar? A educação é uma construção cultural feita por diversos grupos sociais e delinea valores, símbolos, ideias, etc., dentro de cada contexto.

Antes de qualquer organização, a educação acontece e ela se manifesta de tantas formas que parecem imperceptíveis frente ao padrão que estamos acostumados que é o de pregar uma placa com o nome escola (BRANDÃO, 2007).

Quando os antropólogos pouco falam em *educação*, eles pouco querem falar de processos formalizados de ensino. Porque, onde os andamaneses, os maori, os apaches ou os xavantes praticam, e os antropólogos identificam processos sociais de *aprendizagem*, não existe ainda nenhuma situação propriamente escolar de transferência do saber tribal que vai do fabrico do arco e flecha à recitação das rezas sagradas aos deuses da tribo [...] (BRANDÃO, 2007, p. 17).

Em muitos momentos não acontece o que chamamos de “processo formal de ensino”. O que ocorre entre diversos grupos, são as trocas de experiências na vida vivida cotidianamente, onde o saber está presente nas relações que são estabelecidas com os corpos e mentes.

Assim, tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum *tipo de saber*, existe também como algum *modo de ensinar*. Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças, aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade - ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela - idealiza, projeta e procura realizar [...] (BRANDÃO, 2007, p. 22).

Nesse sentido, cabe o seguinte questionamento: a educação escolar, da forma como está organizada, atende às necessidades de todas as populações? Falando especialmente da proposta desta pesquisa, a educação brasileira possibilita o acesso, permanência e garantia de direitos da população trans (transexuais e travestis)?

Para Freire (1996), dois dos maiores problemas da educação brasileira são a curta tradição democrática e a valorização extrema da palavra, do currículo e dos programas. O pensador defende uma relação horizontal entre educadores e

educandos apostando no diálogo, no amor, na humildade e na esperança. Uma proposta educativa fechada e opressora impede um diálogo franco, pois considera o educando como alguém ignorante e, portanto, incapaz de participar do processo.

Rodrigues (2013) conclui que muitas exclusões são produzidas pelo desejo de se construir e impor apenas uma versão da história da humanidade e isso pode ocorrer no campo da cultura, da sexualidade, da religião, da política e da raça.

Ao analisar o filme “A Vila”, que serve de referência para construção de um artigo, Rodrigues (2013, p.71) afirma que esta película

[...] me faz lembrar as muitas invenções que nos aterrorizavam na infância. Tínhamos medo, porque se aprende a ter medo, do bicho papão, do homem do saco, do monstro do telhado, da bruxa da bananeira, da mulher de branco, do cigano que comia crianças, da macumbeira da rua de baixo, do feiticeiro da beira do rio, do demônio das porteiras, e do olhar de Deus que tudo vê.

Foucault (2013) reflete que a escola formal, em muitas situações, com suas pedagogias e ações coercitivas reforça a construção de sujeitos sem forma e que reproduzem o que ouvem e veem. Essa ação de ignorar trajetórias e questões sociais impõe aos estudantes duas escolhas: ou aceitam o que é estabelecido ou abandonam os estudos.

Numa sociedade desigual como a brasileira a educação é pensada sem conhecer a opinião daqueles que a terão como direito. A Constituição Federal em seu artigo 205 afirma que a educação é dever do Estado e da família e que precisa acontecer com a colaboração da sociedade. De qual sociedade se fala? A educação que chega às pessoas que moram nas favelas foi construída com a opinião delas? “[...] Os pais favelados dos alunos são convocados para matricular seus filhos como se fosse um posto de recrutamento [...]” (BRANDÃO, 2007, p. 94).

Voltando à pergunta: que tipo de escola e educação são oferecidas para pessoas em situação de rua, para população trans e para jovens e adultos que não tiveram acesso à educação no período determinado? É a velha versão da história única levada à cabo na educação, pois colocar crianças, jovens e adultos dentro de uma escola para aprenderem tudo que disseram que eles devem aprender não significa que aprenderão o que precisam ou que terão interesse por esses conhecimentos.

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão?” (FREIRE, 2005, p. 340).

### 3.3 FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA SOCIAL

*A escola é indispensável, mas não suficiente (CALIMAN).*

Embora a educação gratuita e de qualidade seja um direito constitucional, ainda hoje assistimos a grandes contingentes populacionais que estão fora da escola. O portal de notícias Uol Educação<sup>12</sup> de janeiro de 2016 traz dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014 onde aponta a existência de 2,8 milhões de crianças fora da escola. Ao mesmo tempo, o site governamental Portal Brasil<sup>13</sup> indica que em 2010 o Censo contabilizou mais de treze milhões de analfabetos no Brasil.

São pessoas com deficiência, crianças, jovens e adultos em situação de rua, gays, lésbicas, travestis e transexuais, trabalhadores, etc. com acesso dificultado ou inexistente à educação. Mesmo reconhecendo essa dificuldade, é importante entender que processos educacionais acontecem em vários ambientes e a população excluída encontra, de formas variadas, outros espaços que de alguma maneira contribuem para o enfrentamento e superação de suas dificuldades.

[...] São associações, clubes, obras sociais e uma infinidade de locais onde têm experiências relativas à educação, ao esporte, ao trabalho, ao lazer e à cultura, por meio de uma riqueza de metodologias, projetos e ações. Em outras palavras, a escola é indispensável, mas não suficiente, isto é, não se pode jogar sobre seus ombros toda a luta contra a exclusão social (CALIMAN, 2010, p. 236).

Essas práticas pedagógicas, chamadas de não-formais, são o foco de atenção da pedagogia social que é definida por Rynänen (2014) como uma perspectiva direcionada ao desenvolvimento de capacidades sociais, que reconhece não haver possibilidade de separação entre pessoas e comunidades. Por isso, estimula a

---

<sup>12</sup> Disponível em <http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/01/19/brasil-tem-28-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-fora-da-escola.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.

<sup>13</sup> Disponível em <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2011/11/censo-2010-cai-taxa-de-analfabetismo-no-pais>. Acesso em 12 de dezembro de 2016.



participação de indivíduos e grupos afirmando que a educação é parte integrante da sociedade.

Colodete; Paiva e Pinel (2012) consideram a Pedagogia Social uma disciplina científica que produz saberes para fundamentação da educação social que é uma prática. Nesse sentido, reafirmam que ela se dirige para a promoção da educabilidade humana de pessoas que se encontram em situação desfavorável.

Sua proposta é a de educar (e cuidar – em todos os seus sentidos, inclusive no de educar) ao outro através de teorias/ recursos e técnicas didático-pedagógicas, aos problemas e aos sofrimentos humanos na esfera da socialização, com atuação em áreas de risco visando a minimização, bem como fazer o acompanhamento psicossocial e pedagógico (não-formal e formal, inclusive escolar). Trata-se dos educandos que vivenciam processos de marginalização e que se sentem sem a mínima autonomia para protestar e denunciar esse vivido injusto – sem ter seus direitos humanos garantidos. Apresenta ainda - esse humano - carências afetivas (e vitais – como alimentação, tratamento médico etc.) ou faltas sociais (em todas as dimensões) – humanos, grupos, coletividade, comunidades, sociedades. É preciso ser protagonista (COLODETE; PAIVA E PINEL, 2012, p. 06).

Embora se eleja o século XX como uma era de significativos avanços tecnológicos e industriais, não houve a inclusão de boa parte da população mundial no acesso aos bens produzidos socialmente. É nesse contexto que o educador social atua buscando problematizar e enfrentar as mazelas produzidas por um modelo econômico no qual poucos usufruem do trabalho que é coletivizado.

Para Caliman (2011), a Pedagogia Social é uma ciência inserida no grupo de Ciências da Educação dedicada aos processos de sociabilidade humana, que transcende barreiras geográficas, alcançando lugares onde o Estado não chega. Nesse contexto, seu papel é contribuir no processo de politização dos sujeitos para que cobrem do Estado políticas públicas que atendam as pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade e escassez de atendimento às suas necessidades mais básicas.

Paiva (2010, p. 02) ressalta que a educação social fundamentada na Pedagogia social,

[...] consiste em um modo de educar voltado aos interesses e necessidades dos educandos em um ambiente adaptado ao aluno, à sua cultura e ao seu meio social, conseguindo de forma integral compreender o indivíduo, como o tal pensa em sua formação e realiza o fazer da "ensinagem" social, em que o olhar atento para a pessoa e seu capital social se torna condição essencial conseguindo de forma integral compreender o indivíduo, como o tal pensa em sua formação e realiza o fazer da "ensinagem" social, em que o olhar atento para a pessoa e seu capital social se torna condição essencial.

A Pedagogia Social, com a contribuição de vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros, move-se numa direção crítica para a construção de uma sociedade mais justa, onde as pessoas possam desenvolver suas potencialidades e na qual os direitos constitucionalmente garantidos sejam efetivados em sua plenitude.

Graciani (2014) reforça que a ciência Pedagogia Social é uma proposta aberta que se adapta às demandas populares vislumbrando a superação do passado e propondo uma nova sociedade mais humana e construída por múltiplas vozes.

A pedagogia social se difere da pedagogia escolar por ter como um dos seus objetivos atender todos aqueles que a instituição formal escola não alcança (CALIMAN, 2006). Seu movimento é diverso, plural e principalmente crítico, visando produzir reflexão e a desnaturalização da desigualdade.

Caliman (2006) aponta outra importante definição que estabelece diferenças entre pedagogia social e pedagogia escolar.

Uma segunda distinção é derivada da anterior e diz respeito à diferença entre pedagogia escolar e pedagogia social. A primeira tem toda uma sua história e é amplamente desenvolvida pela didática, ciência ensinada nas universidades. A segunda, a pedagogia social, se desenvolve dentro de instituições não formais de educação. É uma disciplina mais recente que a anterior. Nasce e se desenvolve de modo particular no século XIX como resposta às exigências da educação de crianças e adolescentes (mas também de adultos) que vivem em condições de marginalidade, de pobreza, de dificuldades na área social. Em geral essas pessoas não frequentam ou não puderam frequentar as instituições formais de educação [...] (CALIMAN, 2006, p. 04).

Graciani (2014) defende a pedagogia social como um modelo educativo que integra correntes e propostas focadas na discussão de sujeitos históricos que reflitam e busquem transformar a realidade em que vivem. Assim, uma das tarefas é estimular os seres humanos na construção de sua própria representação e na do mundo em que estão inseridos para que a realidade não seja naturalizada como algo imutável,

mas como construção de pessoas que fazem escolhas ou são impedidas de fazê-las.

Em contato contínuo com os educadores sociais e entre seus pares, os educandos produzem diálogos potentes para elaboração e reelaboração dos seus sentidos de vida e nas lutas por igualdade e justiça social. Esse empoderamento promove uma responsabilização cada vez maior por si e a necessidade de autovalorização e autoconfiança.

Enquanto ciência prática, a pedagogia social se alimenta das práticas pedagógicas para transformá-las em teorias que possam oferecer novas ferramentas para mudança da sociedade. Nesse contexto, o educador social se insere por ser um profissional em constante contato com pessoas e grupos que vivem em situação de vulnerabilidade, tendo como papel pensar formas de intervir naquele contexto.

Ao adjetivar a pedagogia de “social”, a pedagogia social coloca em questão a própria pedagogia. Então não se trata apenas de uma nova tendência nas correntes da história das ideias pedagógicas. Trata-se de um novo paradigma. Com isso, ela coloca em questão o próprio “modelo” da educação adotado pelo capitalismo que nega o social e sobrevaloriza o econômico [...] (GADOTTI, 2012, p. 27).

Gadotti (2012) valoriza a relação dialética entre pedagogia social e educação social. A pedagogia social na sua perspectiva científica constrói bases teóricas sistematizadas para a prática da educação social que, ao se desenvolver possibilita o desenvolvimento da primeira.

[...] O modelo escolar vigente tem confundido educação com escolarização, tem confundido pedagogia com didática, qualidade da educação com testes de aprendizagem, tem confundido o saber escolar com todo o saber e, por isso, tem concebido a escola como único espaço educativo. Tudo isso por conta de uma sociedade onde o mercado é que dita as normas. Por isso, vivemos hoje uma profunda **crise da educação** e, em particular de uma **crise da relação professor-aluno**. A relação professor-aluno tornou-se tensa, agressiva, porque reproduz relações competitivas de mercado. Ela adquiriu a forma do mercado, reproduzindo as relações de produção dominantes na sociedade. Daí o estresse e a perda da autoestima, a desistência do professor. É uma sociedade que não valoriza seus profissionais da educação. Retira-lhes a alma. Os professores vão se tornando meros “facilitadores”, máquinas de reprodução social (GADOTTI, 2012, p. 28, grifo do autor).

A pedagogia social propõe educar socialmente uma sociedade marcada pela competição, pela valorização da imagem, do consumo que reforça cada vez mais o

individualismo. Não é somente educar pessoas, mas educar socialmente o próprio sistema educacional que por se construir dentro de uma lógica capitalista fatalmente formará pessoas com a mesma visão de valorização do ter em detrimento do ser (GADOTTI, 2012).

Petrus; Romans e Trilla (2003) também oferecem sua contribuição para o entendimento do que é a pedagogia social. Trata-se de um campo do conhecimento que faz parte das ciências da educação e que congrega saberes teóricos, técnicos, experienciais, descritivos e normativos cujo objeto é a educação social.

Nem toda pedagogia é social e ao discutirem sobre algumas acepções que possam dar contornos do que os três autores chamam de “ar da família” da pedagogia social entendem que qualquer processo educativo precisa comungar de pelo menos dois de três atributos abaixo:

- 1- Dirigirem-se prioritariamente ao desenvolvimento da sociabilidade dos sujeitos;
- 2- Têm como destinatários privilegiados indivíduos ou grupos em situação de conflito social;
- 3- Têm lugar em contextos ou por meios educativos não-formais (PETRUS; ROMANS& TRILLA, 2003, p. 28).

### 3.3.1A PEDAGOGIA SOCIAL NO MUNDO

Caliman (2006) ensina que a pedagogia social se origina em ações de caridade realizadas dentro do cristianismo e também nas práticas pedagógicas de Johann Pestalozzi e Friedrich Froebel.

O primeiro a utilizar o termo pedagogia social foi o alemão Karl Mager no ano de 1844 em uma revista. Além da Alemanha que tem produções consistentes na área podemos destacar a Espanha, a Finlândia, a Itália, entre outros.

Gadotti (2012) reconhece em âmbito mundial a contribuição de três pensadores que em momentos diferentes refletiram sobre a pedagogia social. O primeiro foi Paul Naporé que, ao defender a educação como algo condicionado, conclui que as formas como os seres humanos se organizam em sociedade dependem fundamentalmente da educação. Por isso, a família tem grande importância na formação das pessoas e a escola em estimular o intelecto.

Outra figura importante foi o polonês Bogdan Suchodolsk que reafirmava uma educação socialista voltada para a construção do futuro. Com uma visão muito avançada, o pensador reconhece que a realidade capitalista não é a única existente e também não é imutável. Se todos os seres humanos têm direito de se desenvolver plenamente uma sociedade capitalista, cujo foco é o lucro, só pode produzir uma educação dividida e classista que impede o alargamento das potencialidades (GADOTTI, 2012).

O terceiro pensador reverenciado por Gadotti (2012) foi Lorenzo Luzuriaga. Para este espanhol, a educação não pode ser pensada como uma prática passiva influenciada pelas condições da sociedade, mas como uma possibilidade que deve incidir sobre ela para alterá-la.

A educação do século XIX recebeu grande influência de acontecimentos econômicos e políticos (RIBAS MACHADO, 2010). Nesse sentido, a Revolução Industrial foi um grande marco por modificar as formas de produção e alterar a organização social, política e cultural do mundo. Na Inglaterra, por exemplo, houve grande concentração de pessoas em torno das fábricas que viviam diversas mazelas e uma delas era a ausência de educação.

Machado (2011) reconhece que entre os séculos IX e XX a pedagogia social passou por grande revolução, porém não foi somente nesse período que as questões sociais foram associadas à educação. Partindo da história clássica, o autor enumera vários nomes que de alguma maneira contribuíram com perspectivas teóricas e/ou práticas sociais direcionadas a indivíduos e grupos. Destaque para Platão (430 – 347 a. c.) que defendia uma educação integral; Aristóteles (384 – 322 a. c.) que discutia a educação em diferentes espaços como na família e na cidade; Santo Tomás de Aquino (1225 – 1274 a. c.) que compreendia a educação como uma produção intencional e acrescentou a espiritualidade; Comenius (1592 – 1670 a. c.) que questionava o modelo de educação voltado para as elites e afirmava que a educação deve ser oferecida para todos; Locke (1632 – 1704) que enfatizava a construção de uma educação que abarcasse a moral, o intelecto e o físico; Rousseau (1712 – 1778) que trouxe para a educação um projeto de sociedade calcado na igualdade, justiça e fraternidade e Pestalozzi (1746 – 1827) que ficou

conhecido como um grande educador social por suas práticas de insubordinação à teologia e valorização do afeto.

A pedagogia social como ciência surge no século XIX na Alemanha num contexto europeu marcado por muita instabilidade e desigualdade social e tem como característica produzir diversas vertentes. É também nesse período que se fortalece a ideia de que os problemas sociais podem ser enfrentados com soluções pedagógicas (RYYNÄMEN, 2014).

Até a metade do século XX, o pensamento pedagógico sofria grande influência de perspectivas positivistas, técnicas e hermenêuticas. Isso mudaria somente após os anos de 1950, quando a proposta de integração da população excluída na sociedade passa a ser questionada e o foco da pedagogia, que agora é influenciada pela teoria crítica, direciona-se para as estruturas da sociedade capitalista, fontes principais de desigualdade (RYYNÄMEN, 2014).

Essa mudança estimula a politização da pedagogia social, pois somente incluir seres humanos excluídos não transformaria a fonte das exclusões que é a sociedade capitalista assentada no lucro e consumo. Há nesse período uma importante valorização da investigação que além de possibilitar o conhecimento do contexto se torna uma ferramenta para sua transformação.

Essa fase do desenvolvimento da pedagogia social, influenciado fortemente pela teoria crítica da Escola de Frankfurt, trouxe novas ênfases tanto no pensamento teórico como nas práticas sociopedagógicas. Nessa fase de construção a pedagogia social recebe forte influência da Escola de Frankfurt que possibilitaram novas perspectivas teóricas e práticas sociopedagógicas. Primeiro, os pedagogos críticos sociais questionaram a separação da teoria e da prática como se fossem campos distintos. A sua relação foi reformulada como uma união inseparável – como práxis – ao ponto de transformá-las dialeticamente como a consequência da influência recíproca. Junto com o fortalecimento da perspectiva “práxica”, o caráter da pedagogia social com pressupostos emancipatórios, como “ação e crítica social”, começou a ser acrescentado. A análise das estruturas sociais e as tentativas de influenciar as políticas públicas e a sociedade de uma forma mais geral passaram a ser vistas como uma tarefa inseparável da atuação sociopedagógica, como também a de apoiar o crescimento dos indivíduos e das comunidades como atores capazes de exercer o pensamento crítico e reflexivo e de mobilizarem-se por um mundo melhor (RYYNÄMEN, 2014, p. 50).

Paul Natorp é reconhecido como o primeiro a publicar em 1898 um trabalho onde sistematiza a pedagogia social. Em *Pedagogia Social Teoria da educação e da*

*Vontade Sobre a base da comunidade*, ele questiona o individualismo culpando-o como responsável pelos problemas políticos e sociais enfrentados pela Alemanha e defende a comunidade das pessoas (MACHADO, 2011).

A educação do período era basicamente focada no indivíduo. Natorp, além de criticá-la, defendia que toda pedagogia precisa ser social. “[...] Assim, educação vincula-se à comunidade e não aos indivíduos [...]” (MACHADO, 2011, p. 263).

Colodete; Paiva e Pinel (2012, p. 19) destacam que,

Paul Natorp (1854-1924) é outro educador social sempre citado. Defendendo a ideia de que a palavra “Pedagogia” não significa somente a educação da criança nas suas formas tradicionais, mas sim à obra inteira de elevação do homem ao alto da plena humanidade – conceito até hoje aprovado. A Pedagogia Social não é a educação do indivíduo isolado, mas sim do homem que vive em uma comunidade, porque a sua finalidade não é somente o indivíduo.

Ryynänen (2014) aponta Klaus Mollenhauer como um dos mais respeitados nomes da pedagogia social alemã. Interessado na relação entre educação e política, Mollenhauer defendia visões críticas e emancipatórias a partir dos anos 60 do século XX. O pensador questionava a lógica social e educacional da época que defendia a adaptação das pessoas à realidade. Para ele, era necessário lutar pela libertação das pessoas em relação às limitações que lhes eram impostas.

A realidade educacional construída entre educando e educador é parte integrante do que ocorre na sociedade, por isso não pode ser pensada sem considerar o que há de mais amplo.

O também alemão Hermann Giesecke oferece como contribuição o que foi chamado de “pedagogia social ofensiva”. Essa proposta visava mostrar de forma mais evidente os problemas da sociedade superando normas e valores burgueses (RYYNÄMEN, 2014).

Ao falar da pedagogia social italiana, Caliman (2006), no artigo “Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social na Europa”, destaca que as práticas sociais têm se direcionado principalmente para a animação sociocultural como forma de ocupar o tempo de jovens da periferia incluindo-os na vida social e na cultura.

Machado (2009) exemplifica a diversidade de concepções acerca da pedagogia social presentes em alguns países europeus. Na Itália, a pedagogia social está mais conectada à educação informal e sob a ótica da sociedade educadora, ou seja, ela ocorre da sociedade para o indivíduo. Na França, a pedagogia social se centrou no atendimento de necessidades sociais como inadaptação de sujeitos, educação de adultos e animação sociocultural. Em países anglo-saxões, privilegia-se o atendimento de necessidades sociais sobre as questões pedagógicas. A ideia, ao oferecer atendimento social, é de acabar com o uso de drogas, problemas originados pela diferença racial, carência de escolarização, cuidados com a saúde e população idosa. Por fim, na Espanha, Machado (2009) destaca a participação da comunidade científica que ajudou a estruturar a pedagogia social em três eixos: educação de adultos e idosos, práticas socioeducativas e inclusão social.

Na América Latina, a pedagogia social é regulamentada como profissão em vários países como Argentina, Chile e México. Porém, é pouco conhecida como possibilidade teórica e de formação profissional. Machado (2009) situa o Uruguai como a mais importante referência.

### 3.3.2 PEDAGOGIA SOCIAL NO BRASIL

Os termos pedagogia social e educação popular começam a aparecer no Brasil no início do século XX dentro de um contexto onde a maior parte da população não tinha acesso à educação e o número de analfabetos era expressivo. Ribas Machado (2012) explica que com a proclamação da república se buscava o desenvolvimento e modernização do país tendo como parâmetro os países europeus e norte-americanos. Esse momento propiciou a organização de lutas pelo aumento da escolarização da população e a capacitação dos educadores que trabalhariam com a educação.

Esse contexto de grande analfabetismo influencia a construção do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova em 1932. A elite intelectual da época, embora congregasse diferentes visões ideológicas, imaginava a possibilidade de modificar a realidade brasileira a partir da educação (RIBAS MACHADO, 2014).



O movimento pela Escola Nova sofreu muitas críticas da Igreja Católica por que nesse momento histórico concorria com o Estado na oferta de educação, além de influenciar fortemente a política educacional e deter em suas mãos grande parte da educação privada do Brasil (RIBAS MACHADO, 2014).

Citando Saviani (2002), Ribas Machado (2012) enfatiza que nesse período surgiram diversas ações educativas em bairros operários de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, que se concentravam em oferecer educação para operários e seus filhos.

Toda essa efervescência contribuiu para que intelectuais da época começassem a defender a educação como uma ferramenta de formação e participação política e a responsabilidade estatal em oferecê-la para todos. Nesse sentido, em 1924, é criada a Associação Brasileira de Educação (ABE) que se torna responsável por organizar, três anos depois, as Conferências Nacionais de Educação. A ABE se torna então local onde são pensadas ideias para a educação e espaço político de luta e articulação (RIBAS MACHADO, 2012).

A partir dos anos 1960 diversas mudanças ocorrem na América Latina. Leme (2012) enfatiza a institucionalização da violência liberal conservadora como uma marca desse período, além das transformações sociais, políticas e culturais que fizeram surgir práticas pedagógicas críticas e também conservadoras.

Os fundamentos epistemológicos clássicos da pedagogia, as grandes linhas educativas, as diferentes perspectivas e formas de entender o processo de ensino-aprendizagem já não davam conta de explicar a educação latino-americana e, muito menos ofereciam subsídios para sua transformação e adequação às novas realidades e necessidades contextuais (LEME, 2012, p. 1).

Ryynänen (2014) explica que ao mesmo tempo em que ocorria uma virada crítica na pedagogia social alemã entre os anos 1950 e 1960, na América Latina eram construídas dentro da educação popular visões pedagógicas emancipadoras chamadas de pedagogia da libertação, tendo como ícone teórico e prático o educador Paulo Freire.

Nesse período, começam a aparecer movimentos de luta em defesa da educação para todos. Essas práticas sociais não-formais dão os contornos iniciais da

pedagogia social. São ações de movimentos sociais, organizações não-governamentais, movimentos comunitários, entre outros.

As múltiplas realidades culturais do continente latino-americano, e principalmente os contrastes socioeconômicos gerados por políticas autoritárias e elitistas, criaram um ambiente favorável para o surgimento de um processo de revisão epistemológica e de reconstrução metodológica da pedagogia. O fruto desse processo reflexivo recebeu diferentes denominações, como educação popular, educação libertadora, educação inclusiva, educação problematizadora como prática de liberdade, educação social crítica (LEME, 2012, p. 4).

É importante destacar na década de 1960 as contribuições de Paulo Freire para a construção de uma educação popular transformadora baseada no princípio da conscientização que o levaram a ser uma das grandes referências para a pedagogia social.

A partir dos anos 1960, época que Paulo Freire começa a desenvolver suas reflexões críticas a partir de suas experiências de práticas educativas junto a grupos humanos, a Educação Popular passa a ser entendida justamente como essas atividades desenvolvidas em conjunto com comunidades, a partir de uma leitura e aferimento de elementos das próprias Culturas Populares, que buscam a tomada de consciência da existência de sujeitos por eles mesmos, transformando suas realidades, superando processos opressivos. A teoria do patrono da educação brasileira teve sua reformulação a partir da constatação de práticas de alfabetização de adultos, rompendo totalmente com concepções educativas tradicionais (RIBAS MACHADO, 2014, p. 132).

As décadas de 1970 e 1980 são marcadas na América Latina por regimes autoritários e a educação popular se mistura com os movimentos sociais e sindicais questionando a educação escolar. Com a retomada da democracia no fim dos anos 1980 são feitas as primeiras parcerias entre Estado e ONGs. Paulo Freire, que era Secretário de Educação de São Paulo, cria a Escola Pública Popular (GADOTTI, 2012).

Com a crise da educação popular nos anos 80 e 90 perdemos a unidade, mas ganhamos em diversidade. Surgem milhares de pequenas experiências, espalhando-se por toda a América Latina e projetos de toda ordem, no momento em que as lutas políticas se juntam às lutas pedagógicas, experiências essas frequentemente associadas aos movimentos sociais (negros, sem terra, moradia, etc). (GADOTTI, 2012, p.18).

Gadotti (2012) caracteriza a educação popular como aquela que se opôs a educação de adultos oferecida pelo Estado, pois sua característica principal era o

respeito pelos conhecimentos produzidos nas camadas populares em suas vivências cotidianas.

A **educação formal** é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do Ministério da Educação. A **educação não-formal** é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. Trata-se de um conceito amplo, muitas vezes associado ao conceito de cultura. Daí a educação não-formal estar ligada fortemente à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam adultos ou crianças [...] (GADOTTI, 2012, p. 8, grifo do autor).

Gadotti (2012) continua ao afirmar que a educação social se desenvolveu muito mais entre Organizações Não-governamentais (ONGs), Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e movimentos sociais e que esse movimento demonstra de forma efetiva a incompetência estatal em atender os mais pobres no acesso à escolarização.

Nos dias atuais, a discussão teórica da pedagogia social se concentra especialmente nas Universidades de São Paulo (USP), Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade Católica de Brasília (UCB) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na UCB, a disciplina pedagogia social foi incluída no mestrado e no doutorado e tem como professor Geraldo Caliman, um dos maiores especialistas do Brasil. Já na USP, o Professor Roberto da Silva, livre docente em pedagogia social, é responsável por um grupo de pesquisa na área que reúne estudantes de mestrado, de doutorado e outros pesquisadores em torno dessa ciência (MORAES, 2010). Este autor cita também eventos importantes que ajudaram a fortalecer a pedagogia social no Brasil.

No ano de 2006 e 2008 foram realizados em São Paulo, Faculdade de Educação da USP o I e o II CIPS, Congresso Internacional de Pedagogia Social, o que resultou no livro publicado recentemente, Pedagogia Social (2009), uma coletânea com textos de nove autores que discorrem sobre a Pedagogia Social no Brasil e no mundo. Este congresso oportunizou as interlocuções sobre Educação Indígena, Educação em Saúde, Educação em Cidadania e Direitos Humanos, Educação Ambiental, Educação no Campo, Educação Rural, Educação em Valores, Educação para a Paz, Educação e Trabalho, Educação Política, Educação de trânsito, Educação Hospitalar e Educação Alimentar. Em 2010 no mês de abril, entre os dias 21 e 25, aconteceu o III CIPS2 (Congresso Internacional de Pedagogia Social) com as representações da Alemanha, Espanha, Argentina, Uruguai e educadores sociais brasileiros representando as mais diversas instituições, desde CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) e CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) até Secretarias Municipais de Educação que oferecem formação para seus educadores nas áreas da Pedagogia Social. O congresso reuniu também as pesquisas e práticas mais atuais da ação socioeducativa [...] (MORAES, 2010, p. 5).

Com base nesse contexto histórico a pedagogia social chega aos anos dois mil como uma área científica que produz conhecimento, forma profissionais e é desenvolvida por diversos atores. Ao mesmo tempo, essa ciência organiza conhecimentos de práticas pedagógicas diversas dentro e fora do ambiente escolar formal (RIBAS MACHADO, 2014).

A pedagogia social se constituiu no Brasil primeiramente como uma ciência que baseia teórica e metodologicamente a educação social. Esta, por ser prática, utiliza-se das ferramentas teóricas e metodológicas produzidas pela primeira. Assim, ambas estão interligadas e devem caminhar juntas promovendo a conexão entre teoria e prática (CALIMAN, 2010).

Paiva (2011) ensina que a pedagogia social brasileira está em processo de construção e que as práticas construídas na educação social de rua podem contribuir decisivamente nessa produção.

Machado (2009) evidencia que no cenário brasileiro da pedagogia social a prática se impôs à teoria. Isso se explica pelo fato de durante muitas décadas essa ciência ter sido ignorada pelos meios acadêmicos e escolares.

Gadotti (2012), ao falar do processo de construção e reconstrução da pedagogia social no século XXI, reverencia Paulo Freire defendendo a atualidade de muitas de suas bandeiras como a negação do fatalismo neoliberal, a defesa de que toda educação é política, a superação da perspectiva que impõe a escola formal como

único ambiente educativo, o trabalho pedagógico sempre comprometido com a busca da cidadania e a ética como fundamento da luta pela democracia.

### 3.4 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO SOCIAL

*“É preciso resgatar o que há de humano no homem, no sentido radical da palavra” (Juliana Gama Izar<sup>14</sup>).*

Paulo Freire, em toda a sua pedagogia, aposta numa educação centrada no diálogo e no amor e que alie reflexão e ação. Em suas produções teóricas e práticas sociais, o pensador denuncia um mundo marcado pela desigualdade social, exclusão e desumanização dos homens. Por isso, ensina que a educação não deve ser vista como uma ferramenta de mudança dos seres humanos, mas como um meio de refletir com as pessoas e contribuir para a transformação do mundo, tornando-o mais humano e igualitário.

Nesse sentido, Freire (2005), ao falar do processo educativo, discute duas concepções de educação bastante distintas que são a “educação bancária” e a “educação problematizadora”. Na primeira os educandos são entendidos como depósito de conhecimento e fixados na posição de aprendentes. A relação é vertical e fundamentada em narrações e dissertações que trazem a realidade distante da vida dos educandos.

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sem valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educados (FREIRE, 2005, p. 65).

No “bancarismo” a palavra é som, carece de sentido transformando-se em “*verbosidade alienante*”. O narrador é o sujeito do processo e o educando é aquele que precisa memorizar mecanicamente tudo que lhe é passado para ser cada vez melhor. “[...] Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante [...]” (FREIRE, 2005, p. 66).

---

<sup>14</sup> SILVA, Roberto. **Pedagogia social:** contribuições para uma teoria geral da educação social. São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

O educando, no modelo bancário de educação, é testado na prática do ajustamento. Está sempre em posição de reverência e inferioridade, aceitando as narrações como verdades absolutas que precisam ser internalizadas. Freire (2005, p. 69) enfatiza que os oprimidos são considerados “seres fora de” ou “á margem de”. Assim, precisam ser integrados à sociedade caso se adaptem à posição de reprodutores.

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição (FREIRE, 2005, p. 67).

Na educação bancária, a relação é monofônica e por isso somente o educador detém o saber e educa. O educando não tem nenhum conhecimento e necessita da direção do educador. Não existe negociação para escolha de conteúdos ou temáticas. Nesse sentido, o educador é quem controla o processo e o educando é um objeto (FREIRE, 2005).

A prática do educador ajustador é equivocadamente entendida como humanista pelo educando, pois em princípio lhe parece importante para o seu desenvolvimento. Freire (2005) desconstrói esse engano definindo o trabalho do educador bancário como humanitarista, pois pretende preservar a situação de separação e manter o educando numa posição de ignorância. O foco é modificar a mente do educando e não superar a situação de opressão.

Para isso se servem da concepção e da prática “bancárias” da educação, a que juntam toda uma ação social de caráter paternalista, em que os oprimidos recebem o nome simpático de “assistidos”. São casos individuais, meros “marginalizados” que discrepam da fisionomia geral da sociedade. “Essa é boa, organizada e justa. Os oprimidos, como casos individuais, são patologia da sociedade sã, que precisa, por isso mesmo, ajustá-los a ela, mudando-lhes a mentalidade de homens ineptos e preguiçosos”. (FREIRE, 2005, p. 69)

Diferentemente do que afirma propor, a educação bancária mantém educador e educando em posições invariáveis, reconhecendo o primeiro como detentor de todo o saber e o segundo como um completo ignorante. Essa relação hierárquica nega a educação e o conhecimento como processos de busca e colaboração.

Outra dificuldade do “bançarismo” é de saída manter uma contradição entre educador e educando, pois suas bases estão centradas no silêncio e na aceitação

passiva e acrítica da realidade. Não existe superação em um modelo de educação que se materializa nos depósitos, transferências e transmissão de conhecimentos (FREIRE, 2005).

Nas palavras de Freire (2005), a educação bancária é aquela em que:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nessa escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (p.68).

Compreendendo que a vocação do homem é humanizar-se, Freire (2005) expõe os fundamentos da educação problematizadora. Para ele, uma educação crítica deve se orientar no sentido da busca e o educador que a promove precisa acreditar nos homens, crer que os seres humanos possuem um poder criador.

Superando a visão de que os educandos são depósitos, a educação problematizadora desconstrói a ideia de separação entre homens e mundo. Na verdade, os homens então com o mundo e com outros homens interligados pela comunicação. Freire (2005, p. 74) conclui que,

Não pode perceber que somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos, de uma realidade.

A proposta libertadora questiona e supera a contradição entre educador e educando para pavimentar uma relação dialógica transformando um e outro em seres que se afirmam através da liberdade. O educador está a todo o momento refazendo sua

prática e o educando cultivando a criticidade e investigação, pois ambos se constroem em relação.

O reconhecimento dos educandos como seres no mundo os desafia a buscar respostas para os problemas que se apresentam diariamente. Ao mesmo tempo, os estimula a pensar o mundo sempre em movimento para que consigam enxergar a realidade de forma cada vez mais crítica (FREIRE, 2005). A educação como prática da liberdade “[...] implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 2005, p.81).

Se na educação bancária a realidade é mistificada e naturalizada, na educação problematizadora ela é desconstruída a partir do diálogo e os homens convidados a reconstruí-la tendo em vista a humanização de todos. Aqui o saber é uma busca compartilhada.

Comparando a educação bancária e a educação problematizadora, Freire (2005, p. 83) diz que:

A primeira “assistencializa”; a segunda, critica. A primeira, na medida em que, servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda que não podendo matar a intencionalidade da consciência como um desprender-se ao mundo, a “domestica”, nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se. A segunda, na medida em que, servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora.

Por serem sujeitos históricos e de historicidade, os homens são reconhecidos pela educação problematizadora como incompletos, inconclusos e em permanente construção e reconstrução. Desse modo, é impossível construir a humanização dentro de contextos que naturalizam a desigualdade entre seres humanos.

Freire (2005) ressalta que a inconclusão humana é um *quefazer* contínuo fundamentado na práxis. Questiona-se o presente e o passado para a construção do futuro, pois nada está dado ou é imutável. O pedagogo por ser um sujeito otimista enxergava um futuro esperançoso construído sobre um presente revolucionário.

Os homens são projetos lançados no mundo que devem olhar o passado como possibilidade de modificação do futuro. Nesse sentido, é preciso desafiar os



enganos do olhar que fataliza e imobiliza e fortalecer a visão de que situações limitadoras devem nos fazer andar para frente, buscar respostas. Esse percurso de tomada de consciência ensina que a realidade humana é histórica, construída socialmente e, por isso, passível de mudança.

Esse movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao *ser mais*, à humanização dos homens. E esta, como afirmamos no primeiro capítulo, é sua vocação histórica, contraditada pela desumanização que, não sendo vocação, é viabilidade, constatável na história. E, enquanto viabilidade deve aparecer aos homens como desafio e não como freio ao ato de buscar (FREIRE, 2005, p. 86).

A prática de liberdade não pode ocorrer individualmente, mas na solidariedade entre os homens transformando a luta pela emancipação numa responsabilidade de todos; nem fatalismo, nem messianismo, mas ação e reflexão entre os homens, o mundo e os outros homens.

O educador libertador se move num caminho radicalmente oposto ao educador bancário. Seu compromisso é promover uma educação que estimule os educandos a buscarem a liberdade, a humanização e reconstrução do mundo de forma polissêmica.

### 3.4.10 DIÁLOGO COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL

Freire defende o diálogo como condição primordial para reflexão e superação da opressão. Entendendo que a principal missão dos seres humanos é se humanizar, a pedagogia freireana enfatiza que a palavra revela o mundo e possibilita a construção e reconstrução da realidade.

Aqui a palavra não pode estar desconectada da práxis que se constrói por meio da reflexão e ação. Se a palavra nega a ação torna-se apenas ativismo, ao mesmo tempo, se nega a reflexão perde seu poder de denúncia do mundo (FREIRE, 2005).

Os seres humanos são definidos por Freire (2005) como inconclusos, incompletos e em processo de construção. Nesse sentido, precisam estar aberto às novas possibilidades sempre tendo em vista *ser mais*.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 2005, p. 90).

Não é possível construir o diálogo se existem pessoas que não querem pronunciar o mundo. A palavra que desvela o mundo não é doação de alguns que se julgam mais sábios que outros, que se imaginam como aqueles que ensinam o caminho. O diálogo franco e verdadeiro se finca no amor pelos homens e pelo mundo, na crença de que é possível superar um mundo desumanizado tornando-o um local de humanização e busca pela dignidade de todas as pessoas.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não se possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 2005, p. 92).

Freire (2005) reforça que sem humildade também não existe amor. Como pode existir diálogo se o outro é reconhecido sempre como ignorante? Se me imagino superior como posso dialogar com alguém? A arrogância não combina com o diálogo, por isso é necessário a superação da soberba para se aproximar do povo.

Outro fundamento importante para a existência do diálogo é a fé nos homens. Reconhecer que os seres humanos são capazes de construir e desconstruir a história é uma demonstração de fé na humanidade. Compreender que seres humanos em situação de alienação estão impedidos de lutar por sua humanização é também enxergar humanidade neles. “Sem esta fé nos homens, o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação “adocicadamente paternalista” (FREIRE, 2005, p. 94).

Quando o diálogo está fundamentado em amor, humildade e fé nos homens ele se constitui sem qualquer tipo de hierarquia. Os homens se tornam parceiros na denúncia de um mundo desumanizado e na pronúncia da humanização coletiva. A confiança é a marca da relação entre homens dialógicos que se reconhecem como autores de suas histórias (FREIRE, 2005).

Se a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo. Se fala esta confiança, é que falharam as condições discutidas anteriormente. Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não podem gerar confiança. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções. Não pode existir, se a palavra, descaracterizada, não coincide com os atos. Dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo de confiança (FREIRE, 2005, p. 94).

Outro entrave para o diálogo é a ausência de esperança. Os seres humanos são por natureza imperfeitos, por isso, a situação de desumanização não pode servir para que se sintam desesperançosos, mas para que haja uma incessante busca pela humanização e enfrentamento da injustiça.

A desesperança cala a palavra, promove o silêncio e a inércia. A luta contra as condições segregadoras e desumanizantes, pelo contrário, calça-se na esperança. “[...] Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (FREIRE, 2005, p. 95).

O diálogo é o fundamento do encontro entre os homens que lutam e têm esperança de um mundo melhor. Não há diálogo se os seres humanos não esperam nada de suas ações, mas verbalizações improdutivas e sem vida.

Freire (2005) conclui que não existe diálogo se nos sujeitos inexiste um pensar verdadeiro. Por diálogo verdadeiro podemos entender a defesa de posições críticas que não aceitam a existência de dicotomia entre homens e mundo, mas uma ligação que não pode ser quebrada.

O sujeito que constrói um pensar genuíno capta a realidade como algo em constante movimento e não se reconhece como passageiro da história, mas como seu artífice. O futuro não intimida por ser visto como um tempo de possibilidades distante da acomodação e os riscos são preços pagos na busca inquietante pela humanização.

Diferentemente do pensar verdadeiro, o pensar ingênuo nega a temporalidade e se apega à repetição. Ignora os seres humanos como sujeitos que fazem escolhas, pois é mais seguro não arriscar-se. Tal postura mantém a separação entre os que decidem e os que acatam as decisões.

A educação dentro desse contexto é uma ação política que precisa ser apropriada pelos educadores. Moacir Gadotti ao escrever o prefácio do livro *Educação e Mudança* é incisivo ao afirmar que,

Depois de Paulo Freire ninguém mais pode ignorar que a educação é sempre um ato político. Aqueles que tentam argumentar em contrário, afirmando que o educador não pode 'fazer política', estão defendendo uma certa política, a política da despolitização. Pelo contrário, se a educação, notadamente a brasileira, sempre ignorou a política, a política nunca ignorou a educação. Não estamos politizando a educação. Ela sempre foi política. Ela sempre esteve a serviço das classes dominantes. Este é um princípio de que parte Paulo Freire, princípio subjacente a cada página do que aqui escreveu (In: FREIRE, 1979, p. 06).

O diálogo é o fundamento para que os seres humanos sejam mais. Ele desvela o mundo como possibilidade, rejeitando que formas externas o determinem e reafirma a palavra como fonte geradora de solidariedade e esperança para uma eterna busca por humanização.

### 3.4.2 VIRTUDES DO EDUCADOR SOCIAL

Paulo Freire dedicou atenção especial aos educadores sociais e, por isso, escreveu muitas obras dando conselhos e enfatizando as virtudes que ele entende que são necessárias para o trabalho cotidiano.

Reconhecendo a inconclusão dos seres humanos, Freire (1996) evidencia que eles estão em constante movimento de busca por sua humanização. Nesse sentido, reforça que formar pessoas é muito mais que treiná-las. Professores e professoras têm, na visão do pedagogo, responsabilidade ética na condução e realização de suas práticas docentes.

Ao defender *uma ética universal do ser humano*, Freire (1996, p. 16) a define como aquela

[...] que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por essa ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos que devemos lutar. E a melhor maneira por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz aos educandos em nossas relações com eles [...].

Os educadores devem se guiar por uma boa formação científica e também pela correção ética. Discordar de uma concepção pedagógica não é justificativa para mentir, segundo Freire (1996). Outros valores importantes que devem ser incorporados à prática dos educadores sociais são o respeito aos outros, a coerência e disposição de conceber a vida como possibilidade de aprender com as diferenças.

Reconhecendo novamente a natureza ética das práticas pedagógicas, Freire (1996) entende que o educador social viverá dias difíceis e relações complicadas, porém reafirma que essas situações não podem servir para responsabilizar o outro pelo que ele não fez. O fato de diferentes educadores construírem posições distintas sobre um mesmo acontecimento é importante para que os educandos entendam as variadas visões de mundo e analisem a forma como são defendidas. “[...] Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos [...]” (FREIRE, 1996, p. 17).

A ética é extremamente importante para a convivência humana e o homem é *mais que um ser no mundo*. Na verdade, os seres humanos são presença no mundo, em contato com ele e com os outros humanos. Por ser presença o homem tem a capacidade de intervir, de modificar, de avaliar, de decidir e de superar situações. Nesse sentido, a presença do homem no mundo ao mesmo tempo em que instaura possibilidades também exige posturas éticas e responsáveis (FREIRE, 1996).

Na verdade, seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Como presença consciente no mundo, não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-se no mundo. Se sou puro produto de determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-se no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética [...] (FREIRE, 1996, p. 19).

Sendo presença no mundo, os seres humanos entendem que mesmo sofrendo influências de determinantes sociais, econômicos, culturais, etc. eles não são condicionados. O presente, nessa perspectiva da não-determinação humana, é um tempo reconhecidamente de possibilidades e o futuro, embora pareça preocupante, não é rígido. Freire (1996) critica os fatalismos por impossibilitarem a esperança e enfraquecerem o potencial humano de transformar desumanização em humanização. Se naturalizo a realidade como algo inexorável, meu trabalho com os educandos será de adaptá-los à rigidez do mundo por meio do treinamento.

Docência e discência estão interligadas e uma não existe sem a outra. Por isso, ensinar não pode ser transmissão de conhecimento, mas um ato de produção e construção. Se me considero formador e o outro o formado, transformo-o em objeto de incidência das minhas ações e não reconheço sua dignidade como alguém que também me educa.

Freire (1996, p. 23) rejeita esta perspectiva e pontua que “[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado [...]”. Todo o tempo em que ensino estou aprendendo. Educador e educando estão em relação e os saberes que são produzidos nesses contatos não se originam de transmissão, repetição ou depósitos.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 24).

Ao formar, o educador tem um papel fundamental de estimular no educando o senso crítico e a insubmissão frente às verdades postas como imutáveis. Construir um aprendizado crítico exige dos educadores rigor, curiosidade, humildade e persistência para que sua ação não se limite à memorização.

Freire (S/D) ao escrever para educadores e educadoras reforça a necessidade de haver coerência entre o que se fala e o que se faz. Os educadores precisam lutar cotidianamente para diminuir a distância entre o que defendem e o que fazem para que discurso e prática sejam indissociáveis. Nesse sentido, o pedagogo ensina que é impossível defender uma sociedade justa se não aceita críticas de um estudante. Do mesmo modo, não posso defender a libertação sem ter um sentimento de desconfiança pelos grupos populares.

O educador social deve construir também sensibilidade para trabalhar a tensão existente entre a palavra e o silêncio. Quando fala, o educador não está discursando, mas construindo pontes de diálogo com os educandos. Se não sei escutar o que eles dizem os estímulo ao silêncio e não me submeto às suas proposições. “Se não sei escutar os educandos e não me exponho à palavra deles, termino discursando para eles. Falar e discursar ‘para’, termina sempre em falar ‘sobre’, que necessariamente significa ‘contra’” (FREIRE, S/D, p. 03).

Perguntar é parte constituinte dos seres humanos, assim o educador deve ter como fundamento de sua prática construir uma *pedagogia da pergunta* para que os educandos gostem de perguntar e respeitem as perguntas. Ignorar perguntas ou rir delas promove a castração da curiosidade e o desaparecimento da criatividade.

A pergunta é fundamental, engajada na prática. Às vezes, por exemplo, o educador percebe em uma classe que os educandos não querem correr o risco de perguntar, justamente porque temem os seus próprios companheiros. Não tenho dúvida em dizer que, às vezes, quando os companheiros riem de uma pergunta, o fazem como uma forma de fugir da situação dramática de não poder perguntar, de não poder externar uma pergunta (FREIRE, S/D, p. 03).

Freire (S/D) continua afirmando que o educador precisa diferenciar seu momento do momento em que se encontra o educando. Para isso, deve respeitar os saberes, a compreensão de mundo e o senso comum que o educando carrega consigo.

Em muitos momentos, o educador se esquece que os educandos também têm percepções do mundo e do cotidiano e tenta impor o seu “*aqui*”. Uma relação dialógica precisa ser construída dentro de práticas que levem em conta o saber popular, ainda que seja necessário ultrapassá-lo.

Continuando seus conselhos para os educadores sociais, Freire (S/D) critica práticas pedagógicas baseadas no espontaneísmo e na manipulação e oferece uma terceira via a qual chama de *posição radicalmente democrática*. Ele reforça a importância de o educador viver plenamente teoria e prática. [...] Temos que pensar a prática para, teoricamente poder melhorar a prática” (FREIRE, S/D, p. 7). Sem prática qualquer teoria perde seu sentido.

Outra recomendação dada pelo pedagogo é compreender e sentir a relação entre paciência e impaciência sem jamais separá-las. Paciência demais se transforma em imobilidade e muita impaciência produz confusão. Ao mesmo tempo, o educador deve ter a capacidade de compreender as situações dentro do contexto em que elas ocorrem. Freire (S/D) chama isso de *“ler o texto a partir da leitura do contexto”*. É impossível analisar um acontecimento sem compreender o contexto maior em que ele ocorre.

A consciência da incompletude é outro caminho que o educador deve trilhar. Inconclusão e inacabamento são belas definições para a existência humana no planeta.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou eu serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mais algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente, porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse a inexorabilidade (FREIRE, 1996, p. 52-53).

O inacabamento é entendido por Freire (S/D) de uma forma positiva por possibilitar a constante construção, desconstrução e reconstrução. Ser inacabado não é o mesmo que ser determinado. Minha presença no mundo demonstra que estou implicado com ele e sou responsável por minhas escolhas, mesmo sendo condicionado pela genética e pelo que recebo nos processos de socialização com as outras pessoas.



Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso, o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do *suporteamundo* nos coloca. Renuncio a participar, a cumprir a vocação ontológica de intervir no mundo [...] (FREIRE, 1996, p. 53, 54).

A educação se constrói no processo de inconclusão dos seres humanos. Pessoas só podem ser alvos da educação quando se reconhecem inacabados. O reconhecimento de que estamos sempre em processo possibilita a busca pela superação das situações-limite.

Respeitar a autonomia do educando é outro conselho dado por Freire (1996). O respeito à autonomia do outro não é uma escolha do educador, mas um dever ético. Usar a autoridade para desrespeitar a curiosidade do educando, sua forma de falar ou outra diferença é inaceitável para um educador que se considera democrático.

Realizar sua prática eticamente conduz o educador a reconhecer e respeitar a cultura dos educandos. Freire (1996) reconhece como fundamental conhecer e compreender as dimensões individuais e de classe dos educandos. É preciso que o educador sempre leve em consideração as vivências sociais, culturais, históricas e políticas para estimular o educando a assumir-se.

Nesse sentido, entra em cena para o educador a necessidade de avaliar o seu bom senso.

[...] É o meu bom senso que adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É minha autoridade cumprindo o seu dever [...] (FREIRE, 1996, p. 61).

O bom senso me faz entender os limites da minha atuação e me lembra todo o tempo que não sou juiz para julgar a identidade ou impedir a autonomia daqueles que ensino. Ao mesmo tempo, ter bom senso é não construir posturas naturalizantes diante das mazelas produzidas culturalmente pelos seres humanos como a fome e a miséria.

Ensinar exige do educador alegria e esperança para desconstruir um mundo determinado e apostar que educador e educando podem problematizá-lo para

construção de mudanças. O amanhã não está dado, por isso não é possível que eu me imobilize “[...] diante da miséria, esvaziando, desta maneira minha responsabilidade no discurso cínico e “morno” que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é assim mesmo” (FREIRE, 1996, p. 76).

Não há como ensinar sem comprometer-se. Quando educo, minha presença é política e sou percebido pelos educandos que constroem opiniões sobre mim. Esse perceber pode facilitar ou dificultar o meu trabalho. Assim, práticas democráticas não podem prescindir de solidariedade e de compromisso, não podendo o educador estar presente e ao mesmo ausente (FREIRE, 1996).

Por fim, ensinar é reconhecer que a ideologia está presente na educação. Freire (1996) reconhece o poder que a ideologia tem de nos tornar míopes e naturalizar a realidade como se fosse o único caminho possível.

O poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro em que mal vemos o perfil dos ciprestes como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra, mas não divisamos bem. A própria “miopia” que nos acomete dificulta a percepção mais clara, mas nítida da sombra. Mais séria ainda é a possibilidade que temos de docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida (FREIRE, 1996, p. 126).

Em muitos momentos, sem pensar, aceitamos e reproduzimos discursos de que a desigualdade é algo que sempre existiu e que o desemprego é apenas por falta de qualificação. Essa construção acrítica e, por isso, ideológica, nos impede de ver que desigualdade, globalização, neoliberalismo, etc., são construções humanas, e nesse caso, passíveis de serem transformadas.

O educador crítico e democrático não pode ceder a essas formas mais fáceis de conceber o mundo. Sua prática precisa pautar-se pela constante inquietação e não-aceitação de verdades propagadas como universais e imutáveis que transformam os seres humanos em passageiros da história.

### 3.5 A TRAVESTILIDADE EM PERSPECTIVA: ENTRE CORPOS E MUNDOS

Os seres humanos vivenciam seus corpos de diversas maneiras, transformando-os em meios de expressão. Nesse sentido, o corpo é uma expressão simbólica que fala

e que carrega o mundo em si, contrapondo-se à teoria cartesiana que o divide em partes.

Não faço contato com o mundo simplesmente pensando sobre ele, como diria Descartes, mas experimentando-o com os sentidos, agindo sobre ele, por meio das mais elaboradas tecnologias até dos movimentos irrefletidos mais simples, e tendo sobre ele sentimentos que cobrem toda a gama de complexidade e sutileza. É a partir do contato com o mundo por meio do meu corpo que resulta na significação dos objetos para mim: experimento as coisas à minha volta não como objetos distanciados, mas tendo como tendo significado emocional, sensual, prático e imaginativo (DAVI, 2013, p.54).

Pensar o corpo apenas sob uma perspectiva biológica é enquadrá-lo, limitá-lo e torná-lo algo estático, imutável. A sexualidade, dentro desse processo, é construída pelo corpo em contato com o mundo. Merleau-Ponty (2011) entende que o corpo não é algo original e nato. Por isso, a sexualidade afeta a experiência que uma pessoa tem com o mundo, quando ela é lançada nesse mundo.

O corpo fala, mas não fala sozinho, fala com alguém, fala para um outro, sua essência é dialógica. A capacidade expressiva do corpo transcende os mecanismos de sua fisiologia, revelando sua segunda natureza: o social. Merleau-Ponty (2006) explica esta comunicação como uma forma de comunhão com o outro, na qual um sujeito retoma a intenção expressa no corpo do outro, permitindo que ela reverbere em seu próprio corpo (REIS, 2011, p. 43).

O corpo em Merleau-Ponty (2011) é muito mais que órgãos e ossos, na verdade é a porta de entrada no mundo. De uma forma geral, instituições sociais como a família e a religião tentam impor formas de existência para o corpo dentro uma perspectiva que aceita somente a heterossexualidade. Essas imposições ignoram as formas de ser no mundo que grupos sociais como o público LGBT constroem. Por isso, entendo ser necessário conhecer os sentidos que uma educadora social trans atribui à sua experiência.

Para Merleau-Ponty (2006) o corpo é um ser sexuado. A vivência e a expressão da sexualidade humana, com suas diferentes possibilidades, igualmente apontam para uma subjetividade encarnada. Cada sujeito, ao mesmo tempo em que baliza sua expressão sexual a partir de modelos socialmente instituídos, também descobre por seu próprio corpo um modo também próprio de viver sua sexualidade (REIS, 2011, p. 44).

A realidade mundana se desvela para o homem por meio de seu corpo. Desde as tarefas que são consideradas mecânicas às mais complexas. Por isso, o corpo não

pode ser considerado algo nato, dividido em partes e coordenado pelo espírito. Merleau-Ponty (2011, p. 203) ressalta que o corpo “[...] é no espaço [...]” e liga o homem ao mundo.

Reis (2011, p. 47) afirma que,

É o corpo que nos abre inicialmente a possibilidade de vivenciar qualquer experiência nesta realidade mundana em que nos encontramos. Qualquer atividade que possamos realizar é concretizada pelo corpo, desde as coisas mais banais como amarrar um cadarço de sapato, até as ditas atividades “mentais” como ler um livro, escrever, e inclusive as atividades consideradas espirituais, como rezar ou se conectar pela fé com uma instância superior. O corpo não é uma simples máquina operada por um eu interior, por uma consciência imaterial, pois ele mesmo tem uma forma específica e originária de consciência, uma consciência sensível e pré-reflexiva que opera na percepção, e sobre a qual o pensamento objetivo irá sempre, de algum modo, se basear.

Para Dentz (2008), o corpo conduz o mundo em si por ser um contrato intencional. Ele é o lugar onde as possibilidades humanas se concretizam. A subjetividade humana só pode se construir no contato entre corpo e a concretude do mundo. Se o corpo não for humanizado de sentidos, é impossível haver corpo ou consciência.

### 3.5.1 ENTRE CORPOS, MARCAS E PODER

*A vida e a morte sempre andam junto com a travesti. Em vários momentos e situações eu estive entre essas duas coisas... (Lady Débora).*

Ao longo da história da humanidade corpos têm sido utilizados para determinar posições de cada pessoa dentro da sociedade e comportamentos aceitáveis. “[...] os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, hierarquizados, e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2008, p. 75).

Peres (2015) aponta para a existência de um bio-poder enraizado nas normas e leis que impõe limite aos corpos e determina práticas sexuais aceitáveis. Nessa perspectiva, os corpos precisam ser reprodutivos e dóceis para que não sejam punidos.

Borillo (2010) nos exorta que a homofobia se produz na união de estruturas psíquicas e um sistema social que se constrói impondo a heterossexualidade monogâmica como uma forma de viver o corpo. [...] A interação do psicológico e do social é que deve ser questionada para se compreender melhor os elementos constantes que facilitam, incentivam ou banalizam a homofobia [...] (BORILLO, 2010, p.87).

O sexo e a sexualidade são produtos na cultura que, muitas vezes, é naturalizada a partir dos processos de socialização a que somos submetidos. Gonçalves dos Santos (2015, p. 27) traz uma importante contribuição ao dizer que:

Gênero, sexo e sexualidade são instâncias diferenciadas, que se misturam no social de forma intrigante. A sociedade ocidental, principalmente a partir do século XIX, definiu uma associação entre esses três elementos, da qual podemos extrair a seguinte definição: masculino-homem-heterossexual-, em oposição à sequência: feminino-mulher-heterossexual. O embaralhamento dessa organização, e a possibilidade de inserir a categoria homossexual em uma das duas, foi considerado como uma patologia, um desvio ou até mesmo um crime [...].

Nos processos de socialização, as crianças vão assistindo e assimilando comportamentos e formas de enxergar o mundo. Essas práticas são ensinadas por instituições sociais como a família, a religião, a escola, etc., se tornam verdades e fundamentam a vida vivida desse público.

Para garantir uma visão unidimensional do corpo, os saberes médicos são invocados e reconhecidos como norma para determinar diferenças entre homens e mulheres e a heterossexualidade como natural.

[...] Centradas em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para as mulheres e para homens onde o espaço privado - o lar - passou a ser reconhecido como de domínio da mulher, que nele poderia exercer, na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias de seu sexo tais como a paciência, intuição, a benevolência, entre outras. As explicações para tal localização advinha da biologia do corpo, representado como frágil, não pela tenacidade de seus músculos, pela sua maior ou menor capacidade respiratória ou, ainda, pela envergadura dos seus ossos, mas pelo discurso e pelas representações do corpo feminino que nesse momento operam (GOELLNER, 2013, p.33).

Berger e Luckmann (2009) caracterizam a realidade como uma produção construída socialmente dentro de cada cultura. Por isso, não há nada de natural em ser homem

ou mulher, mas contextos culturais dirigidos por redes de poder que impõe o que é certo ou errado em uma determinada sociedade.

Toda cultura tem uma configuração sexual distinta, com seus próprios padrões especializados de conduta sexual e seus pressupostos “antropológicos” na área sexual. A relatividade empírica dessas configurações, sua imensa variedade e exuberante inventividade indicam que são produtos das formações socioculturais próprias do homem e não de uma natureza biologicamente fixa (BERGER; LUCKMANN,2009, p.71).

Quando se define a heterossexualidade como conduta aceita, qualquer outra forma de viver o corpo é caracterizada como anormalidade. Esses “anormais” se tornam alvos de tratamentos psiquiátricos. Dentro desse contexto, as travestis são pessoas que rompem a barreira do binarismo de gênero, pois se recusam a viver os papéis que lhes são impostos a partir de perspectivas biológicas.

À travesti é atribuído o papel de destabilizadora da ordem, já que ela demonstra ser o gênero, o resultado de um esforço performático e não biológico; a construção do gênero não é um *continuum* do sexo que o indivíduo apresenta. No caso das travestis esta consideração fica patente: ainda que seu sexo seja culturalmente definido como de homem, na medida em que ao nascer se lhe foi identificada a genitália masculina, o pênis; as travestis atuam na produção do gênero feminino. Elas dedicam parte considerável de seus dias na (re) elaboração de uma feminilidade que tenha reconhecimento social [...] (GONÇALVES DOS SANTOS, 2015, p.55).

Por enfrentarem as normas impostas, elas sofrem com a homofobia, inclusive dentro de suas próprias casas, quando começam a fazer modificações em seus corpos. Tendo a rua como único destino, as travestis tecem redes de solidariedade entre elas e produzem saberes para enfrentar cotidianamente o “problema” que é romper com as normas de gênero.

No próximo capítulo, o de número 4, faço uma breve apresentação da colaboradora da pesquisa, trago vários trechos de suas narrativas e as analiso a partir das unidades de significados percebidas sobre o fenômeno. Além disso, incluo na íntegra uma palestra feita pela educadora social em uma escola estadual do município da Serra – ES.

## **4 HISTÓRIAS QUE PRODUZEM LADY DÉBORA, UMA TRANSMULHER (TRANS)CRIANDO SUA EDUCAÇÃO SOCIAL**

Neste capítulo apresento um pouco do mundo de nossa educadora social, trago integralmente trechos de suas narrativas, elegendo unidades de significado (US) e as analiso a partir da perspectiva fenomenológico-existencial e das contribuições de Paulo Freire. Também incluo, na parte final do capítulo, uma palestra ministrada pela colaboradora sobre diversidade sexual e identidade de gênero numa escola estadual situada no município da Serra atendendo a um convite meu.

### **4.1 APRESENTANDO LADY DÉBORA**

Lady Débora nasceu em Vitória – Espírito Santo, no ano de 1979. Atualmente mora no município da Serra, onde vive com seu filho. Nascida em uma família cristã evangélica com outros oito irmãos, ela afirma que desde cedo se sentia desconfortável com a masculinidade que lhe era imposta.

Ao falar sobre seu processo de inserção na escola, a educadora o descreve como um pouco problemático por ter sofrido preconceitos. Isso fez com que se envolvesse com outros colegas, que também eram estigmatizados no ambiente escolar.

Na adolescência, Lady Débora lembra a dificuldade de se encaixar na igreja protestante Assembleia de Deus, que sua família frequentava. Por isso, acabou se envolvendo com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica, onde se encontrou e iniciou sua militância e defesa dos direitos humanos.

Lady Débora reconhece que o encontro com as Comunidades Eclesiais de Base foi um potencializador de sua militância. Após viver uma infância marcada por dúvidas sobre sua identidade, ela se identificou com bandeiras defendidas pela Igreja Católica nos anos de 1990, como a defesa dos negros, das mulheres, entre outras.

Ao mesmo tempo, a religião é reconhecida pela educadora como um ponto de segurança contra os perigos da rua. Ela entende que a fé a salvou em momentos extremos, nos quais correu risco de vida. Por isso, ensina que é muito importante acreditar em alguma coisa, ter fé.

Mesmo não podendo continuar na Igreja Católica, por conta de seu processo de transformação corporal, ela afirma que a fé a ajudou no caminho que foi obrigada a fazer de sair de casa para morar na rua, espaço onde precisou se prostituir e usar drogas.

Aos 20 anos, Lady Débora adota uma criança e sua vida muda completamente. Impedida de trabalhar na rua, ela inicia um processo de empoderamento que a conduz por caminhos de luta e envolvimento com a população LGBT. Atualmente, a educadora faz parte de Conselhos de Direitos, é diretora da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABLGBT), a maior entidade do Brasil, da América Latina e Caribe, faz parte da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e coordena o Grupo Orgulho Liberdade e Dignidade (GOLD) com sede em Colatina – ES.

O processo de transformação de seu corpo contribuiu para saída da igreja e da família e a educadora teve como única opção a rua. Vivenciando a prostituição e uso de drogas, Lady Débora consegue ressignificar experiências dolorosas e passa a defender a cidadania de outras trans e populações que experimentam a desigualdade.

A educadora afirma categoricamente que a política que faz em favor de populações vulneráveis está alicerçada em sentimento. Para ela, se não houver sentimento, o trabalho vira politicagem. Por isso, Lady Débora enfatiza que o seu papel é representar pessoas e grupos excluídos. Muito além de defender o público LGBT, a educadora se considera uma defensora dos direitos humanos e, nesse caso, inclui como alvo de sua luta crianças e adolescentes, idosos, pessoas com deficiência, etc.

Sua formação como pessoa é marcada também pela troca de experiências com travestis e transexuais mais velhas. Muito de seu aprendizado para lidar com a rua foi repassado por essas colegas. Aprendeu gírias, cuidados com a saúde, e a “malandragem” nos pontos onde trabalhou. Uma de suas principais frases é *“a vida e a morte sempre andam com a travesti e em vários momentos eu estive entre uma e outra”*.



Ao falar sobre sua relação com a escola, a educadora o faz com certa tristeza. Afirma que uma das suas maiores dores foi não ter podido estudar. Embora se reconheça como uma pessoa politizada e conhecedora dos seus direitos, Lady Débora gostaria de ter aproveitado a escola como um espaço de aprendizado para ter uma profissão. Estar na escola, para ela, não era uma coisa comum. No ambiente escolar, sofreu preconceitos, apanhou e em nenhum momento pôde se mostrar da forma como gostaria. Mesmo assim, construiu estratégias para enfrentar essas situações e formou um vínculo de amizade com colegas que sofriam discriminação, protegendo-os em muitos momentos.

Mesmo diante de tantas dificuldades para se desenvolver como ser humano, a educadora conseguiu transformar dores, tristezas e privações em bandeiras de luta e militância. E o faz muito bem sendo reconhecida no Espírito Santo e no Brasil como uma das mais importantes lideranças do Movimento LGBT.

#### 4.2 SER SENDO (TRANS) EDUCADORA SOCIAL – LADY DÉBORA POR ELA MESMA

##### 4.2.1 COMPROMISSO – CIDADANIA, PROTEÇÃO E DIGNIDADE

*O que é ser militante/educadora? Na verdade, me confunde essa pergunta. Eu conheço muitas pessoas que não estão atuando como eu estou em conselhos ou em algum organismo que é de direito, mas que eles são militantes também. Às vezes, é imperceptível, eles não percebem que são militantes. Por exemplo, você é um militante, você está militando na área dentro da sua escola, entendeu? Então é uma pergunta assim: ser militante é uma tarefa, lógico que eu sei que tem diferenças, mas é uma tarefa difícil por que você tem um compromisso de vida com aquilo, o tempo todo você está sendo cobrado ou você tem que ser politicamente correto, o que eu gosto dentro da minha militância. Mas você tem que ter um papel chato, você vai perder amigos, você vai deixar de fazer novas amizades, vai questionar os seus amigos pelas falas preconceituosas, entendeu? Pelas brincadeiras que estão ali depois que tomou cerveja tipo “seu macaco” essas coisas. Aí vem a Débora no meio da cervejinha no bar em plena sexta-feira e diz “poxa gente para que falar isso?” Aí vem a pessoa e fala bem assim “já vem a Débora com a questão de partido político”. Vem com outro processo todo confuso. Então, militante eu acho que é isso, é um compromisso com a população, com os direitos de quem não entende desse processo natural do preconceito entendeu? São muitas*

*coisas, eu acho que não dá para definir não. [...] E começou dentro da família. A minha família era toda de igrejas protestantes. E logo quando eu cheguei dentro da igreja protestante com a questão de não me assumir, mas tentar naquele momento, eu me lembro de criança que eu tentava imaginar assim: o que eu sou? Por que eu sou assim? Por que eu tenho esses pensamentos? Será que todo mundo tem o mesmo pensamento que eu? E aí eu não gostava daquela estrutura da igreja, eu não gostava daquela estrutura que eles me colocavam e eu parti para um outro momento que foi o encontro com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica. E foi ali que começou a minha militância em direitos humanos, ali eu me encaixei, ali eu sabia que estava “atenada” nas políticas que eu defendo. Com as CEBs que nasceu minha defesa pelos índios, pelos negros, pelas mulheres, pelas crianças, pelo público de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (LGBT), pelas pessoas vulneráveis. Então foi dali que partiu isso tudo e é lógico que não deu para eu continuar por que nisso eu fui pega pelo meu processo de aceitação, pelo processo de preconceito [...].*

*Um menino da Ufes heterossexual. Não era da Ufes não, era uma escola privada e ele ficou com o tema travestilidade para fazer um trabalho. O menino veio falar comigo com muito medo, com muita vergonha de mim. Eu disse “se você quer fazer um trabalho como você pega na minha mão e vai à sua casa e diz pai e mãe essa e minha namorada Débora travesti e você vai ver o que vai acontecer”. “Ou me chama para ir ao shopping dar uma volta entendeu? Vamos de mãos dadas, vamos lá onde seus amigos estão. Chegue lá onde estão seus amigos sem eles saberem que é um trabalho, num bar ou algum lugar que você frequenta e diga assim “essa aqui é minha amiga Débora, ela é uma travesti”. Você vai perceber o impacto nas pessoas e seu trabalho estará pronto, não preciso dar entrevista para você. Então, assim, o que é muito simples para as pessoas é totalmente diferente para a população trans. No sentido que eu estou falando, além desse de querer a entrevista como se fosse um safári que me incomoda muito, é não perceber que a população trans... Eu tenho questionado muito as pessoas “por que você quer fazer esse trabalho, o que é diferente no seu trabalho, o que vai mudar”? Várias pessoas já fizeram trabalhos com pessoas trans.[...] Na hora de construir o trabalho tem que pensar. Tem muita gente rodeando aqui o shopping e eu tenho o olhar muito apurado. Quantos gays passaram por aqui para lá e para cá? Eu tenho o olhar muito “coiso”, observo tudo, mas você não vai ver uma Trans. É muito difícil. Com certeza elas estão morando no Bairro de Fátima que é um polo de prostituição. Ele é bem localizado, é um bairro que está muito próximo de Jardim da Penha e de Jardim Camburi. E aí ele consegue atender tanto a clientela da Serra quanto de Vitória. O Bairro de Fátima é muito bom por isso para prostituição. Tanto é que quando eu comecei na prostituição eu comecei no Bairro de Fátima. Então o Projeto Trans em Ação tem como contribuir bastante para mapear quem são, onde estão, como estão, escolaridade, a questão da saúde, a gente vai contribuir com isso [...].*

*Eu acho que é medo de mãe, é medo de mãe. Será que meu filho está preparado. Quando eu ouço algumas falas dele, algumas coisas dele eu vejo que ele não está preparado, eu tenho medo ainda. O mundo é muito cruel, ele foi cruel comigo. Eu fui pessoa viciada e não foi por pouca coisa, não foi por que ninguém chegou ali e me falou[...].[...] Agora quando a gente está na mesa do bar, cabe, a todo o momento, a gente cobrar sobre essas falas machistas. Lá em casa, eu fazendo isso, consegui muita coisa. Eu peguei uma cisma de uma sobrinha minha. Consegui reeducá-la sendo muito cruel com ela. A palavra dela era o tempo todo falar assim “Dilma é uma puta, Dilma é uma piranha, Dilma precisa morrer”. Essa é a fala dela no grupo e, depois sete da noite do domingo, ela tira uma foto com a bíblia na mão indo para a igreja. Eu comecei a “cacetar” ela. “Como você fala que quer ela morta? Com a bíblia na mão? Toma vergonha.” Eu “esculachei”. Eu faço esse debate para as pessoas tomarem consciência. A minha família, para mim, é um grande exemplo disso tudo, desses debates. Elas conseguiram mudar muito, mas eu não vou falar agora não.*

*[...] Outra menina chamada de Maria da Ajuda, que era uma negra imensa, com um corpão. Ela sofria muito preconceito o tempo todo. Outra negra chamada Camil. Tinha um leite em Vitória chamado Camil, então todo mundo chamava ela de Camil e ela sofria muito. Outra cadeirante que morreu. Essa menina sofria muito, mas gostava muito de mim. Eu sofria porque tinha que empurrar essa menina em ruas que não eram asfaltadas. Eu não podia deixar essa menina para trás entendeu? E ela sofria muito. Ela tinha também uma coisa. Ela passava cada roupa, vestia cada roupa que não combinava com ela. Hoje está na moda batom roxo, naquela época ela passava batom roxo e aquele batom roxo era um sofrimento para ela, mas ela amava aquele batom. Tinha outras partes. Tinha uma filha de um vereador que eu ameaçava todo dia. Para eu não bater nela, ela tinha que trazer um biscoito para mim todo dia, eu era uma peste. Eu jogava rato em professor, jogava bosta em professor. [...] Não, era um processo muito difícil. Eu tinha que pegar a roupa e me vestir diferenciada dos dois gêneros, deixava minha roupa no meio da rua, trocava de roupa no meio das árvores e ia para a escola. Voltava, trocava de roupa no meio das árvores e ia para casa. Era um sofrimento e eu não aguentava entendeu? Era muito difícil estudar, era mais fácil você evadir. É lógico que a questão da igreja me ajudou um pouco, porque com a igreja eu não poderia fazer muita praga na escola porque o pessoal da igreja era o mesmo que estava aqui. E as coisas foram mudando também “estão vendo a igreja está mudando, é o senhor”. Mas não é. A gente vai aprendendo algumas coisas. Eu já era militante sem saber, pois aquele grupo que estava comigo eram os excluídos. Aí eu fui para a igreja nas Comunidades Eclesiais de Base, que não é essa renovação carismática católica, que ajudou a igreja a fazer essa instituição política deles, essa renovação para o crescimento da igreja, mudança financeira também. E aí a gente já tem esse debate lá também sobre sexualidade. Tanto é que na Pastoral da Juventude todo mundo sabia da minha sexualidade. E hoje eu sou a única pessoa sem formação, eu sou a única. Todas as pessoas têm formação.*

#### 4.2.2 A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO – ESPIRITUALIDADE, MEDO E HUMANIDADE

*Sim, eu saí da casa da minha família e fui direto pra rua, viver na rua. Todo o meu processo, eu aprendi lá na igreja. E aí, às vezes, quando você está com essa discussão importante dentro do movimento que as pessoas ficam “igreja, religião, movimentos sociais e LGBT”. A religião é importantíssima. É importantíssimo você acreditar e ter fé em alguma coisa. Acho que faz bem, acho que é importantíssima a religião no mundo, seja ela crença, cultura. É muito mais gostoso quando se mistura tudo. Só que o que preocupa a gente é o fanatismo, entendeu? De todas as partes, esse fanatismo que preocupa. A fé é muito boa e eu aprendi isso dentro da igreja e não posso esconder agora e dizer “sou militante e tudo que eu aprendi foi...” não, foi na igreja, foi com os padres, foi com a Igreja Católica, foi com as freiras Cambonianas, foi com a Pastoral da Criança, foi ali que eu aprendi. E assim, o retrocesso é visível da igreja. Eu tenho cartazes lá em casa da Igreja Católica de alguns anos atrás. Tem alguns cartazes que eu guardei de fotografias. Em alguns lugares que você está, você pega cartazes lá de trás de fotografias. A gente em noventa... Vou esquecer... Noventa e dois, a gente falava dos homicídios da juventude, a gente falava da AIDS, a gente falava da criança e do adolescente. Coisas que a igreja só fala superficialmente.[...] Que mesmo que a gente vá aos palácios e visite os palácios, e agora eu estou colocando o shopping como um palácio, a gente tem que se referir às pessoas da nossa população.*

*A vida e a morte sempre andam junto com a travesti. Em vários momentos e situações, eu estive entre essas duas coisas e, mesmo que as pessoas não acreditem e discordem da fé, a fé foi muito importante para mim por que ter esse temor do medo, do cuidado, do agradecer e o medo da maldade das pessoas me ajudou, porque talvez eu não estivesse aqui. Dos números que eu tenho de quando eu cheguei à rua. Quando eu cheguei à rua eu fui com um perfil, então as meninas que chegaram junto comigo diferentes ou iguais a mim chegaram com o mesmo perfil. Nós estamos vivas, todas as outras estão mortas. Talvez por a gente conviver, mesmo elas não tendo passado pelo mesmo processo, a gente começou a se respeitar, então a gente não roubava, não assaltava, não sequestrava. Tudo isso existe, sequestro, puxar a chave. Isso tudo eu tive que aprender a fazer. Entrar dentro do carro, começar a fazer um sexo oral enquanto a outra pessoa chega na porta do carro puxa a chave e joga no meio do mato. O cara saía dali sem nada. Era uma loucura! Mas, nunca ninguém queria me colocar, porque eu era muito medrosa, como eu era muito medrosa, elas falavam que eu trazia coisa negativa. Olhe só..., eu trazendo coisa negativa..., a coisa não dava certo por minha causa. A coisa ruim não dava certo por minha causa. [...] E várias situações que eu tive de homens com arma. Em algumas situações, eu fui ajudada por alguém. Do nada aparecia alguém que abria a porta do carro. Eu já estive em morro atrás de droga e traficante querendo me matar. Taxista passou e falou assim “deixa que eu pago, porque eu a conheço. Amanhã ela volta”. Eu cheguei a gritar em boca de fumo “se você não me*

*der um papel para eu pagar amanhã, eu vou chamar a polícia”. O traficante falou “o que”? Que maluquice. Como eu estava falando, a gente tem que aprender certas coisas com a vida. Mas a minha sorte é que, como eu já vim com essa parte tranquila, sem maldade, eu continuei com isso. Eu não queria nunca fazer essas coisas. Eu sempre sabia que chamava coisa ruim. Faz coisa ruim, recebe coisa ruim. Eu sempre tive esse ditado comigo. Só que tem alguns momentos que você não tem escolha, então, por isso, eu sei entender esse pessoal “fulano assaltou, fulano fez isso, fulano fez aquilo”. Eu passei na rua e sei que em alguns momentos você vai ter que roubar, porque está com muita fome e não está aguentando. [...]*

*[...] O taxista me explicou. “Olha, alguma coisa vai acontecer, a menina que estava na mesa com você me passou essa informação, mas você tem que despistar”. Eu disse para ele, “mas se eu fugir vai ser pior, eu tenho que ficar”. Essa é a questão da rua, se você não resistir, no outro dia você não volta. Se você permanecer ali e apanhar e grudar ali, você resolve, mas, se você fugir, você não volta mais, porque todo mundo vai querer te bater. E aí eu não fugi e foi exatamente na hora que a Dara me chamou “vamos ali atrás da barraca que vamos fumar um e cheirar uma “linha, você vai junto com a gente”. Foi na hora que a Pantera bateu no meu pé por baixo da mesa. Foi a hora que eu tive certeza do que estava acontecendo e que ela tinha falado com o taxista. No percurso da mesa do bar, os quiosques não existem mais em Camburi, os mais antigos, nem aqueles prédios todos. Era na época do Partido Alto, não sei se você lembra, era um restaurante. Era a única coisa que existia no final da praia praticamente. Caiu uma tempestade, uma tempestade tão grande que você não conseguia andar e ela caiu durinha no chão, a Dara Vamp. As outras que eram inimigas dela a arrastaram do quiosque até a porta do motel. A intenção era que na hora que um carro entrasse no motel ela fosse atropelada e morta. O que eu fiz? Quando as outras foram embora, pois conseguiram carona e demorou um carro entrar no motel por causa da chuva. Eu a puxei e a levei até um quiosque e a deixei na chuva em cima de uma barraca, não a deixei lá. Fui arrastando e puxando pelos braços, ela estava passando mal, acho que deu princípio de overdose nela, estava fria. Aconteceu aquilo, a chuva caiu exatamente na hora. Existia outra travesti muito perigosa chamada de Pâmela Cicatriz. Ela tinha uma cicatriz imensa no rosto. Ela era muito má, muito má. Ela falou assim “hoje você não me escapa, hoje você vai ter que me dar uma porta. A única menina que tem aqui é você”. Durante o dia, assim entre seis e oito horas, elas achavam que quem mais saía eram as meninas mais garotas, que se vestiam mais delicadamente. Eu era a única menina que usava calça jeans para trabalhar. Todas as outras usavam saia e eu tinha muita vergonha do meu corpo então usava muito calça jeans. Mas era bom para mim, porque todo homem que queria me levar a algum lugar, em apartamento que eu tinha que andar em elevador dentro de condomínio não chamaria a atenção dos moradores, eu usava blazer e conseguia disfarçar. Eu tinha duas calças, uma da Zoomp e outra da Fórum, essas calças só faltavam andar, Vitória toda conhecia elas. Essa Pâmela chegou, eu estava atendendo um carro e ela chegou e fez sinal para mim dizendo que ela queria a chave do carro. E eu virei*

para o motorista e disse: "por favor, você tem que me tirar daqui, você tem que me deixar entrar no seu carro. Eu não quero fazer programa com você. Se você não fizer, eu vou apanhar muito e, se você não me colocar dentro do seu carro agora, elas vão pegar você e te roubar, elas estão vindo ali". Só que eu estava falando isso com o cara sem saber se ele era um amigo delas, um cliente delas. Teria acabado com a minha vida. Eu nunca tinha visto o cara e estava falando aquilo para ele "elas vão te roubar"!! Eu tinha medo também, porque a gente recebia isso, o "doce". Na nossa linguagem é uma maldade com você. Então, olha, estão te dando um doce. A gente chama também de doce mineiro que ficou famoso. Você joga álcool misturado com açúcar no corpo da pessoa e joga fogo. Como o álcool penetra no açúcar ele não sai então é chamado de doce mineiro. A aí eu falei assim "você tem que me tirar daqui". Elas estavam chegando muito perto. Eu conversava com ele e pela porta fazia sinal para que elas viessem tipo assim "eu estou do lado de vocês, eu estou fazendo o que vocês querem". E ele abriu a porta, elas tinham que ver pelo retrovisor do carro, porque não tinha isso de insulfilm. Então elas tinham que ver pelo carro que eu estava fazendo o que era correto. Aí o cara abriu a porta, elas viram, e isso é um sinal de que ele quer o programa. Ele puxou a porta, a maçaneta e eu entrei e aí elas não falaram nada. Eu tinha que voltar para rua, não podia ir embora, tinha que voltar e voltar com qual dinheiro? Eu tive que convencer esse cara a me dar um dinheiro que ele não tinha, coitado, para eu voltar. Eu tinha que voltar para a rua com o dinheiro do programa, como que eu ia falar para elas? Eu contei toda essa história de vida na rua, o cara tirou dinheiro dele e me deu como se fosse do sexo oral (boquete) e eu levei para a rua e elas chegaram e disseram "e aí fez o programa? Cadê o dinheiro? Me mostre". Tive que planejar tudo para ter certeza que não seria pega. Eu vi várias travestis serem assassinadas.[...] Uma delas foi a menina do policial de Vitória que se enforcou, outra na porta da boate e outras tantas meninas que morreram de AIDS sem a gente poder fazer nada. Não tinha esse cuidado, não tinha hospitalização. As meninas iam para o hospital e ficavam largadas e a gente não podia fazer absolutamente nada. Eu tenho muita sorte por que eu não saí inimiga de ninguém. As pessoas me tratavam como "Déborazinha". Eu apanhei muito, eu tomei muito tapa na cara.[...] É a lei da rua. Primeiro dia que eu cheguei à rua eu tinha 14 anos. Eu ficava naquela vida de vai e volta. Eu ficava na rua um dia e voltava para casa para me acostumar e ver se era isso mesmo. No primeiro dia na rua, eu levei um tapa na cara e fiquei só de calcinha. A travesti me deixou pelada, outras que vieram de carro me pegaram. Eu já passei por muitas, não tem como enumerar a quantidade de maldades que fizeram comigo. Eu não sei o que dói mais, se é o homem que faz com você sem te conhecer ou se é a maldade da mulher trans que faz isso com você.

Então dali nasceu minha militância, a minha militância não mudou, eu continuei, foi um processo difícil porque viver na rua, na prostituição, no meio de tudo que a rua comanda e tentar viver o que você aprendeu é muito difícil. Então eu tive um processo de vida muito difícil e acho que eu estou viva hoje graças à minha militância e tudo que eu aprendi, porque eu passei por diversas situações:

prostituição, drogadição, fui viciada em cocaína. Foi uma das piores experiências. É isso, a militância é tentar hoje, antes das pessoas criticarem uma pessoa viciada em crack, entender que eu fui uma viciada e aí eu tenho que tentar pensar o quanto foi difícil, o quanto é doloroso, o que faz uma pessoa chegar num processo desses, quais são as situações. São diversas situações, e eu tentar ajudar de alguma forma, porque em algum momento alguém me ajudou, entendeu? É lógico que eu me ajudei, a fé me ajudou, a minha militância, que eu voltei a refletir de novo, me ajudou[...]. É muito bom fazer qualquer tipo de serviço e ter o resultado depois. Porque, às vezes, você demora assim três, quatro anos atrás quando você faz uma reunião e do nada você tem uma ideia. Aí demora tanto tempo e a pessoa te liga e diz “aquele processo que você deu aquela ideia está rodando”. Estou te falando isso, porque aconteceu isso hoje de manhã. Uma pessoa da saúde disse “Débora, você lembra uma ideia que você teve há quatro anos? O processo está rodando na prefeitura e pode virar um projeto”. É fantástico, porque você deu aquela ideia do nada e todo mundo gostou. É muito bom fazer alguma coisa e ser reconhecido ou quando a pessoa fala assim “você me ajudou! Você me ajudou! Eu tive um olhar totalmente diferente a partir do momento em que você me ajudou”. Isso é muito bom, seja na área da saúde, da assistência, dos direitos. Você simplesmente ensinar uma pessoa totalmente perdida que te pergunta onde é a defensoria pública do estado. Você fala assim “pega tal ônibus e salta em tal lugar”. Essa pessoa vai ser grata por muito tempo. Então assim: existem várias formas de ajudar, mas eu fico extremamente feliz com as coisas mais simples. [...] A gente faz política, a gente constrói coisas grandes e coisas pequenas também. Eu aprendi uma coisa assim: nisso que eu chamo de política, na militância a gente faz política, você não pode perder o sentimento. A partir do momento que você perde o sentimento vira politicagem. É sempre bom você fazer as coisas e pensar sempre nas pessoas. É o meu papel nesse momento, enquanto eu estou no shopping tomando um cappuccino com muita gente circulando, pensar que eu estou gravando uma entrevista, mas falando das pessoas que estão ali na chuva agora, que estão fazendo programa e que terão que pagar a diária quando chegar em casa. E aí ela não vai ter dinheiro hoje porque a chuva caiu, porque o cliente não vai pegar, ela está sem sombrinha e ela vai ter que assaltar, vai ter que roubar, vai ter que se drogar para aguentar o frio. Entendeu? Não é do estado, não vai poder entrar, o traficante criou problema, um espertinho quer o dinheiro dela. Então é o seguinte: esse momento meu não é para aparecer, esse momento meu é para falar daquelas pessoas que neste momento não têm esse espaço aqui. Então o tempo todo eu tenho que estar martelando na minha cabeça que o espaço da Débora de vir aqui hoje no shopping não é o espaço da Débora. O espaço da Débora é outro, é outra realidade que é levar e fazer política para quem não sonha nem estar aqui, não tem acesso nenhum à família, à escola, a igreja, muito menos a um shopping.[...] Eu fui aprendendo a questão da AIDS muito cedo e quando eu comecei a fazer prostituição a gente tinha um espaço no centro de Vitória que íamos pegar preservativo, que eu não me lembro o edifício agora, era ali na Rua 7 do lado do Banestes. A gente ia ali no Grupo Pela Vida. Se você pesquisar o Grupo Pela Vida nasceu no Rio de

*Janeiro, tinha uma filial no Espírito Santo e era nesse grupo que a gente buscava preservativo. Era toda quarta-feira todo mundo junto, só que aí definiram por letrinhas, que antigamente chamavam categorias, para não dar confusão por que as meninas se chocavam muitos com as mulheres CIS, com os homens também e virava aquele bafafá dentro do elevador do prédio. Assim, quarta-feira era o dia das travestis, o que não resolveu porque se chocavam lá no dia as meninas que trabalhavam em Camburi, as que trabalhavam em Viana e tinha muito rixa. Então assim: era esperar na Costa Pereira para bater, era aquela confusão e eu tinha uma particularidade. Eu nunca criava muita confusão e tinha uma coisa interessante: todo mundo queria ir junto comigo. Todo mundo queria ir comigo, pois a maioria das meninas que eu morava, convivia e conhecia não sabia ler. Então eu ia para o centro da cidade e na hora de ir embora eu tinha que ficar no ponto de ônibus dando sinal para todos os ônibus de todas as meninas, principalmente para quem ia para Viana, pois não existia terminal de Campo Grande ainda. Então todas as meninas que iam para Viana, todos os ônibus eram de Vitória e era aquele tumulto e muito rápido. E, quando as meninas queriam comprar alguma coisa, elas não queriam passar vergonha para se empoderar tipo assim: “eu estou comprando, eu tenho dinheiro”, elas não queriam que as pessoas perguntassem o preço então eu falava assim “está barato isso aqui, custa tantos reais”. Elas já calculavam na cabeça delas e pagavam[...].*

#### 4.2.3 APRENDENDO COM AS EXPERIÊNCIAS DE OUTRAS TRANS – GRATIDÃO, ALEGRIA

*Eu vou falar um pouco de como era a situação no passado, quando eu me assumi uma pessoa trans. Quando adolescente, eu conheci a primeira pessoa trans, ela sempre ensinava para gente. “Olha tem uma doença aí que se você pegar vai ficar magra, vai morrer então você tem que usar camisinha. Se não tiver camisinha, coloca sacola, mas só faça sexo com preservativo”. Naquela época era diferente, porque as travestis eram, a gente tinha (eu achei o nome agora, mas me perdi), a gente tinha um passar de informações, entendeu? Como se fosse uma coisa de trocar, ensinar. Era muito comum a gente pegar aquelas travestis já de uma certa idade de 30, 40 anos e as ouvir dias e dias e dias, elas contarem como era na época da ditadura, como era enfrentar polícia. A gente olhava cada cicatriz e depois quando a gente lembrava cada cicatriz no braço, no corpo, a gente sabia daquela história. Aquela cicatriz na bochecha dela foi quando passaram isso, aquela cicatriz assim foi quando ela tomou um tiro. Cada pessoa a gente conhecia a história, hoje é mais difícil com tudo, com o crescimento da população. A gente tinha antigamente um processo assim: “você é trans? Vá lá na casa de fulana de tal, que ela vai te ensinar”. Eu sempre defino nas minhas palestras, naquela lá na escola não teve, eu sempre coloco uma figura de um desenho animado para definir quem são as*



peças LGBT e TRANS e eu defino sempre como X-MAN, pois vivem no submundo, sempre escondidos, têm que ir para casa de alguém, são mutantes, tem aquelas pessoas boas e as ruins. O preconceito todo da sociedade está em torno daquela população como diferentes, como pragas, como pessoas que têm que ser mortas, sabe? Então é mais ou menos assim. [...] Então, quando eu caí na prostituição tinha 16 anos. Eu comecei a frequentar sim, mas não diretamente, eu ia à rua e voltava, ia e voltava, por que eu estava estudando por isso eu ia para a rua tipo quinta, sexta, sábado e domingo, aí estudava segunda, terça e quarta. Faltava ou ia depois quando chegava de madrugada. Então, era assim, até que realmente eu fui e também eu fiquei naquele momento de transição que você é alguém dentro de casa, outro momento você é outro, então foi nesse momento. A partir disso, lá na rua, eu conheci diversas meninas que me chocaram, porque eu convivi bem próximo com várias meninas que se foram por causa do HIV e eu tinha caído, como te falei, num momento que elas passavam essa preocupação para gente, elas não queriam e contavam para gente que eram os clientes, quem tinha e quem não tinha por causa do sexo oral, por várias situações. E a gente estava passando por um processo que era visível a diferença de quem tinha para quem não tinha. Hoje em dia é imperceptível, hoje em dia você não consegue definir quem é que tem e quem não tem, é impossível. Essa questão desse tema está muito ligada não só a mim, mas a toda história do Movimento LGBT. Porque foi daí que surgiu a militância LGBT, na década de 70. Você tomou a culpa da doença, você foi culpado disso tudo e o que você faz? Você atinge e vai tentar mudar isso. Então assim, eu sou muito grata à história e a todos esses militantes que fizeram isso naquela época.

É, então assim, nós vamos ter que trabalhar nas questões da DST/AIDS para tentar fazer o que eu chamo de descriminalização. É muito preconceito em torno do tema e você nem quer trabalhá-lo, porque já tem um preconceito, sempre está ligado à sexualidade. Acho que é isso que eu tenho para falar sobre as DST/AIDS. A gente está com o Projeto Trans em Ação e eu estou como presidente da GOLD – Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade. A GOLD é uma entidade que nasceu em Colatina há 10 anos. O Projeto Trans em Ação fez um mapeamento com 91 (noventa e um) questionários, todos eles com mulheres trans. Todos esses questionários estão sendo tabulados pelo ORGANOM da UFES. Eles estão ajudando a gente por que não sabíamos tabular e a gente está começando a chegar a alguns dados importantes. Essa é primeira tabulação e eu acho que é a maior tabulação feita na história do movimento aqui no Espírito Santo e eu fico muito feliz que o Projeto Trans em Ação nasceu de uma ideia louca que tive de um projeto de transição de governo.

Então, Linhares foi um lugar que muito me preocupou. Linhares é um lugar onde as pessoas agredem. Houve uma agressão em Linhares que foi uma coisa muito estranha. Foi uma agressão verbal de dentro de um carro com as bíblias para cima. Então assim, eu já tinha visto de tudo com bíblia, mas não parar em um ponto de

prostituição. [...] Com a bíblia na mão. Aquela coisa assim “satanás, seus demônios, coisa e tal”. O Trans em Ação foi importantíssimo para mim. Falamos para várias pessoas sobre o Trans em Ação, mas só de visitar as casas das pessoas trans, de ouví-las, de conversar com elas de conhecê-las, foi muito bom. Teve um momento em Linhares, no dia do projeto, que a gente fez um aniversário. Era aniversário de uma trans e a gente marcou a reunião exatamente naquele dia. Ela não conseguia, ela chorava muito. Foi uma coisa assim emocionante, ela dentro do quarto não queria participar da reunião. A gente levou bolo, refrigerante e ela não conseguia sair.[...] Ela dizia “eu nunca tive aniversário. Eu não tenho família, cadê minha família? Quem são? Onde estão?” É horrível essa situação [...]. E acho que aí é a questão da DST e do Projeto Trans em Ação. Ele é muito bom, ele é muito gostoso porque a gente vai pegar as meninas que não têm certidão de nascimento, a gente vai pegar as meninas que não têm identidade e nós não vamos pegar a mão delas e levar lá para tirar a identidade. A gente vai dizer onde é que elas podem tirar a identidade, onde podem tirar segunda via. “Você vai tirar segunda via dos seus documentos na Casa do Cidadão, que é de graça. Caso você não saiba ou tenha algum problema de visão, de não saber ler. Se você não souber chegar nós ajudamos”. Mas nossa intenção é “botar” uma autoestima na menina trans e, lógico, a gente já está pensando nisso, pois a gente vai passar pelo processo de falar sobre o Projeto Trans em Ação para toda a rede do município de Vitória. Então, quando chegar lá, a menina já vai levar um encaminhamento. “Eu vim aqui pelo Projeto Trans em Ação”.

#### 4.2.4 RESISTÊNCIAS – PRÉ-CONCEITOS, DESUMANIZAÇÃO, TRISTEZA, EXCLUSÃO E REBELDIA

Eu trabalhava na Secretaria de Direitos Humanos de Vitória na gestão de João Coser [...]. Eu tive que voltar correndo para a escola, tive que fazer supletivo, tive que fazer isso, aquilo. Meus documentos eram perdidos, eu era militante, mas não tinha documentos, era uma bagunça. Tive que me colocar no eixo e eu era uma pedra muito bruta. Eu era uma pedra muito bruta! Então, estavam tirando uma pedra dali... Foi um choque, uma bomba. Só que eu também senti um pouco de preconceito por parte de algumas pessoas que sabiam que eu era capaz, que eu tinha ideias boas, mas que às vezes não construía isso. Existe muito dentro da política, mesmo que você seja um secretário de direitos humanos e tenha uma funcionária da área de limpeza que seja de direitos humanos, a ideia dela não pode ser melhor que a sua. Eu tive muitos problemas com isso, só que aí eu não ficava calada, eu ia para o embate, eu ia para a briga “não, a minha ideia é boa, você tem que entender”. Só que na hora da disputa todo mundo apoia o chefe, não apoia você.

*Falei para um militante coordenador de políticas da Bahia ele ficou assustadíssimo com minha fala, ele disse que nunca tinha ouvido isso. Eu falei bem assim “será que eu sou trans?”. Ele falou “por que”? Você não se acha trans”? Eu falei assim “não, eu não me acho trans. Eu acho que tive que me fazer trans, assim como várias pessoas tiveram que se fazer de assassinos, como várias pessoas tiveram que se fazer de ladrões”. Eu acho que fui feita trans, porque eu passei fome e eu tinha que vender o corpo e vestir roupa de mulher. Lógico que tem um contexto também de criança que eu queria me vestir afeminadamente, entendeu? Mas eu podia crescer e não querer mais, mas não tiveram essa paciência de esperar. E aí o que aconteceu? Eu tive que ir para rua, tive que me prostituir, tive que me fazer trans. É muito ruim quando a gente está na rua nova, fazendo prostituição, porque você não faz o sexo porque você gosta do sexo. É raridade você conhecer aquela pessoa assim viciada em sexo. Eu conheci amigas minhas que elas tinham paixão em fazer sexo. Elas eram um baque de cama. Eram boas mesmo. Nós não. Uma que a gente não tinha essa estrutura física e a gente não gostava. Então o que você tem que fazer com isso? Você tem que beber para perder a noção e isso acontece até hoje, porque os adolescentes fazem isso. Aquela época, a gente bebia para perder a noção do medo e ter coragem de fazer certas coisas, então ficar bêbada e se embriagar para ter coragem de fazer sexo com aqueles homens, mas pior do que a bebida que ia te derrubar e te fazer cair era melhor a droga, entendeu? Por que aí você tem coragem de fazer o que quiser, você cheira cocaína e bebe. Algumas pessoas não ficam excitadas, mas você tem coragem de fazer outras coisas, você enfia a mão, você faz isso, pinta e borda dentro do quarto. Então, às vezes, eu me pergunto isso.*

*Eu sempre falo isso, talvez em alguns outros momentos em alguns trabalhos. Cada momento que a gente vai relembrar isso e como você estava falando muito de educação, vejo mais a questão da educação em minha mente. Mas, então, hoje eu não falo mais com aquela dor. É um processo muito dolorido quando eu me entendo como pessoa, o que está acontecendo comigo, o que eu sou, tudo isso. É um processo muito dolorido que às vezes as pessoas não têm noção do que é. Eu não tive apoio nenhum da família, pelo contrário. Eu passei por tudo que muita gente passou. Outras pessoas não passaram, eu já encontrei trans que me disseram que a família foi maravilhosa, deu apoio e tudo. A minha família não, ela foi preconceituosa, homofóbica, eu fui agredida, eu sofri agressões físicas e verbais. Não vou ficar contanto as historinhas, porque quando a gente fala a gente relembra aquele processo todo. E uma outra coisa também que eu não gosto é que as vezes parece que a gente está se vitimizando nesses casos. Eu já contei várias vezes isso. Foi um processo difícil e doloroso dentro da família e da comunidade. Quando a família não aceita a comunidade também não vai aceitar. A família quase que concorda com a comunidade, pois eles acham que você vai mudar. Depois desse processo todo que eu fiz e que eu sempre falo assim. Até na carta que vamos lançar amanhã tem uma frase minha assim, “sem família, sem religião, sem escola não nada tem mais a não ser a rua”. E a rua você vai ter que fazer isso (se prostituir).*

*Como a pessoa entende, fazer prostituição é com a mulher. A mulher nunca sai para pegar homem, para pagar homem, sempre o homem que sai com a mulher. Você vai ter que se vestir de mulher para ser a mulher. Já está lá, está tachado e nós vamos ter que fazer prostituição para sobreviver. Foram momentos muito dolorosos, que eu tenho muita tristeza, porque eu me acho uma pessoa muito inteligente, uma pessoa muito capaz. Fico muito triste porque de todas as pessoas que eu estive quando era adolescente nos movimentos sociais da Pastoral da Juventude do meio popular... De todas as pessoas que eu estive hoje, por exemplo, professores, inúmeros nomes de pessoas, todas elas militantes, lutadoras, que fecharam rua, colocaram fogo em pneus. Todas elas conseguiram alcançar algum espaço e eu por conta do preconceito religioso, familiar e social, eu não consegui. Eu tenho muita tristeza por isso. Eu tenho muito mágoa disso. Por que não me deixaram ser quem poderia? Eu seria capaz, seria muito capaz. O que eu perdi? O que eu perdi eu estou aprendendo. Cada dia eu estou aprendendo alguma coisa. As pessoas falam assim, porque é muito fácil falar. Você está gravando, mas se fosse para eu escrever eu teria que voltar várias vezes para saber se a palavra está errada ou está certa. Meu filho fala: “mãe você é muito burra”. Eu grito de lá, ontem eu estava escrevendo muitas mensagens e eu grito de lá, meu celular estava demorando muito e às vezes ele não corrige. Eu dizia “meu filho posso é com dois S?” “Mãe se é com dois S é isso se é com Ç é outra coisa, você é burra”. Eu não sei português. É muito triste, eu sei fazer política e não sei escrever. Isso é muito doloroso, isso tudo para mim. Eu sei fazer política, mas eu não sei outras coisas, pois eu não tive oportunidade. Aquela pergunta que você me fez: você tem vontade de fazer faculdade? Eu tentei uma prova na Emescam e passei. Nem sei se eu passei mesmo, privada todo mundo passa. E aí eu passei as pessoas fizeram vaquinha para eu pagar a primeira prestação e eu não apareci na faculdade. Depois daquela felicidade toda de ter passado na faculdade, teve o problema do meu filho que não estava na idade ainda, não podia deixar ele sozinho.*

*[...] Quem me drogou foi um cliente. Ele era um cliente muito bom, me pagava muito bem, mas eu não conseguia ficar com ele, então ele me trocava por outras pessoas. A única forma que a gente encontrou foi usando droga. Ele falou assim “você vai se drogar, porque quando você se drogar você vai aguentar ficar comigo, você vai querer droga”. Moral da história: eu não tenho dentes, porque a droga comeu tudo. Eu não tenho condições, o que eu ganhei, (poucas pessoas sabem disso, você é uma das únicas pessoas, além de alguns militantes) foi de uma dentista aqui de Vitória. Ela ficou muito triste quando me conheceu. Ela disse “como uma pessoa tão inteligente que fala tão bem não tem dentes na boca? Vá ao meu consultório”. Ela fez uma massa, isso é tudo mentira. Eu perdi tudo com a droga, eu me droguei muito, eu fui muito viciada em cocaína e passava muita cocaína na gengiva. Eu tinha aquela doença que fecha a boca, bruxismo. No meu fechar de maxilar, quebrava os dentes todinhos, pois me drogava muito. Isso tudo foi um complicador para mim. Então são diversas coisas que... Se eu tivesse estudado, se eu tivesse terminado os estudos será que eu seria trans? Será que eu não teria condições hoje?*

[...] Minha relação com a escola... Como foi minha relação com a escola? Minha relação com a escola era a amizade com os professores e era uma palavra que eu detesto hoje que era supercompensação, eu era supercompensada. Eu não gritava e não agredia o professor para ele não criar problema comigo. Ele não criava problema comigo para eu não agredí-lo. Aquele que era ruim mesmo me reprovava, então tive muitas reprovações. Eu era uma praga, uma desgraça dentro da escola. Eu parei com isso quando, num momento da escola, eu tive um “ataque” com um coordenador. E um belo dia, de menor, eu estava tentando entrar numa boate que ficava ali na Praia da Costa, a Star Gate, uma das primeiras boates maravilhosas, depois da Eros que era no centro da cidade vai para o lado da casa do governador. Eu entrei como menor na boate e quando eu chego lá dentro e estou dançando, curtindo, aquela coisa, aquela vibe “que massa, é esse mundo que eu quero” aquelas Drag Queen com as perucas que hoje nem se usa mais. Aí eu vejo uma mãozinha me pegando “Ei eu quero falar com você”. Quando eu olho quem é? “Quero falar com você. Você é assim, você é assim, você é assim e você não pode ser assim”, era o coordenador. [...] Eu largava a escola, parava de estudar, porque não podia usar nem o banheiro das meninas nem o dos meninos. Não podia jogar futebol, nem queimada. Vôlei não era tão conhecido, só foi conhecido depois da medalha olímpica. Na escola, não podia entrar na hora do recreio e tinha quatro turnos: de 6 horas às 10 horas, de 10 horas às 14 horas, de 14 às 18 horas e de 18 às 22 horas. Então você se chocava, todo mundo se chocava. Era uma bagunça e eu apanhava muito no corredor. Tomava muito tapa na cara e na cabeça. E o que aconteceu? Eu fiz uns buracos no muro e dava a volta e pulava pelo muro. Todo mundo era conivente, porque era a melhor forma. O professor não criava problema com outros alunos, não sofria também porque se ele fosse me defender... [...] E eu, ao invés de estudar, ficava arrumando a sala da diretora, tirando poeira e ajudando a cortar e lavar prato na cozinha. Eu era a graça da escola. Perturbava todo mundo... [...] Hoje eu tenho convicção que mesmo que alguns momentos tenham sido bons, eles foram ruins. Quando eu vejo isso acontecer de novo, fico triste por que é uma história igual a minha se repetindo. “Não, ela está dentro da sala e estamos passando a mãozinha...” Mentira, isso não é bom, isso é ruim. Todo mundo tem o direito de estar do jeito quiser. [...] Da escola é isso. Mágoas da escola por não ter podido completar, não ter sido respeitada. Tive momentos em que saí da escola com problemas. Eu sofri um preconceito, e bati em um menino. Veio uma onda de violência tão grande em mim de defesa que eu bati muito em um menino e futuramente o irmão desse menino se torna um dos maiores matadores deste município e eu tive que sair um pouco, eu tive que me esconder um pouco. [...]

[...] Era o coordenador que eu tinha agredido. Eu queria entrar de short e blusa amarrada aqui (na barriga). Todo mundo fazia isso, mas eu não podia. É igual a situação da coordenadora lá. Todo mundo pode entrar de blusa amarrada. Esse negócio de blusa amarrada é um complexo comigo. Teve uma coordenadora da escola do meu filho, da creche que me proibiu de entrar com uma blusa aqui. Eu ia de top buscar meu filho e ela falou que eu não podia entrar, só que era somente eu.

*Eu disse “olha, eu vou vir aqui na escola tal dia e vou entrar com a blusa”. Ela falou assim “não vai entrar”. Eu disse “é preconceito seu. Você está mexendo com a pessoa errada. Você nunca vai ver uma pessoa tão nervosa na sua vida e vai se arrepender”. E essa mulher tinha entrado tinha poucos dias, faltavam dois meses para acabar o ano e ela entrou na escola, alguém pediu licença, não sei. Eu disse “você vai me ver louca”. A diretora da escola falou “para que você foi arrumar confusão com Débora”? Estava no entendimento que era preconceito dela comigo, a minha barriga não podia ficar de fora. Pois o que eu falei para ela eu fiz. “eu vou subir no teto da escola e vou sapatear”. Com uma mãozada eu subi na parede, pulei no telhado, arranquei as telhas e comecei a jogar para baixo. Imediatamente acabou. “Eu vou começar a tacar todas as telhas da escola para baixo”. Nunca mais! Complexo não é, queria mostrar a barriga e não podia. Naquela época estava entrando na moda pegar a calça santropê, cintura baixa. Quem não tinha dinheiro pegava a tesoura, cortava e desfiava. Eu andava com a bunda de fora praticamente, toda hora tinha que puxar a calça. Eu adorava, era vital naquela época e eu peguei muito homem. Eu peguei muito homem naquele vital, gente eu beijei muito na boca naquele vital e não tem coisa melhor na minha vida. Nunca beijei tanto homem na minha vida. E tudo de coisa que eu falsificava os abadás. Agora pode contar ninguém vai me prender mesmo. Está vendo como eu já fiz coisa errada? Eu queria ver a Ivete e beijar na boca dos homens bonitos [...].*

#### 4.2.5 PRODUZINDO UMA EDUCAÇÃO SOCIAL – NO CHÃO DA RUA E SEGURANÇA

*Eu chamei uma amiga e falei “eu vou fazer e você vem assistir para entender o que é o Trans em Ação”. Liguei para minha amiga que tem um apartamento que ela aluga para as meninas que fazem prostituição em Jardim Camburi (Praia de Vitória), ela falou “Débora você pode fazer o que quiser”. E então fui para lá. Levei o datashow, o notebook e o carro da Prefeitura me conduziu. Conversei com o secretário e achei melhor as pessoas não irem, porque a ideia do Trans em Ação é as meninas poderem falar de igual para igual, então qualquer pessoa que estivesse lá poderia inibir. Tinha um horário definido, pois as meninas chegam de madrugada em casa ou de manhã, então o horário era até meio-dia. Elas acordavam meio-dia, almoçavam e estavam lá do jeito delas, da forma como quisessem. Então, nós tínhamos meninas lá só de toalha, meninas que estavam com os peitos de fora, meninas que estavam sem calcinha, tudo no meio da reunião, do jeito delas, do jeito que elas acordam e era a realidade delas. E essa amiga minha e quando começou o processo que eu queria ela entendeu que aquilo era um projeto. Ela falou assim: “Débora é um jeito diferente, você vai até elas e não elas vão até o governo”. Eu levo primeiro as palestras até elas e, inclusive, aconteceu a palestra de DST/AIDS que foi a primeira, depois a palestra sobre cidadania Trans que eu ministrei e teve grande repercussão.. Todas as meninas vivem o preconceito, eu consegui provar*

isso através dessa palestra com uma dinâmica que eu criei com algumas perguntas: Quem é você? As meninas responderam “Eu sou um homem doido”, “eu sou um louco”, “eu sou um exu”, “eu sou um tranca rua”. Tudo isso é pejorativo, preconceituoso, misturado à religião, tudo que elas disseram. Então eu fiz a pergunta quem é você, não sei se foi para a minha amiga ou para outra menina que estava mais ligada, e ela disse assim: “eu sou uma mulher”. As meninas disseram “o que? Toma vergonha na sua cara, você é um homem, você tem pênis”. E isso se tornou uma confusão, uma loucura que a gente ficou horas, horas. De DST/AIDS também foi outro tema muito legal, o rapaz não estava conseguindo desenvolver o tema então eu falei assim “olha, você vai ter que se preparar, você vai ter que falar a língua delas senão não vai conseguir atender”. Por que quando ele começava a falar de sífilis, mostrava as fotos e falava assim “a sífilis aparece na palma da mão desse jeito, desse jeito”. A menina levantava e falava assim “é isso (mostrando a mão)? Entendeu? [...] Eu tive que chamá-lo no canto e dizer “você vai ter que mudar. Não sei o que escrotal, meu filho! Deixa isso de lado, é “piru”, cabeça. Aparece nas meninas isso, vai aparecer na cabeça do pênis, a crista de galo como é conhecida, etc.” A menina já “regaçou” o pênis e perguntou “é isso aqui? Eu estou com isso”? A menina tirou o pênis entendeu? Ele tomou aquele baque. Acho que ele estava tomando baque toda hora, porque as meninas estavam sentadas no sofá sem calcinha e ele não estava preparado. A partir daquele momento, a minha amiga entendeu, ela veio de Colatina para isso e falou “Débora eu vou te ajudar, seu projeto é muito bom! Esse projeto vai dar certo, a gente precisa de dinheiro”. [...] Em alguns momentos, eu tive que ir às ruas passar a noite. Por exemplo, em Cachoeiro a gente teve muita dificuldade, elas não deixavam a gente entrar em Cachoeiro do Itapemirim. Na rua, não podia passar na rua. Em cada município a gente achou uma menina e fez formação com elas de vários dias. Foram várias formações para elas aprenderem como chegar nas outras meninas, porque elas não eram militantes. A gente precisava fazer essas meninas serem militantes e gostar do que iriam fazer.

[...] A questão da escolaridade não é colocada como um problema do Brasil por falta de vagas ou pela permanência daquele indivíduo na escola. Eles colocam escolaridade como um problema de burrice da pessoa. “Você é burro, porque você não está na escola. Você saiu da escola, por quê?” “Eu saí da escola, porque sou trans”. “Por favor! O que tem isso a ver? Você saiu por que você quis, você é safada.” Como elas entendem isso, porque passaram isso para elas, elas querem demonstrar que estudaram e fizeram. Mas é mentira. Outra coisa é a mentira do número de recursos que recebem com a prostituição. “Quanto você recebe por mês?” “Cinco mil reais”. Se eu recebo cinco mil reais de prostituição no mês que está ruim com certeza eu vou conseguir pagar uma casa para mim e se tiver taxa de rua eu vou conseguir pagar as taxas de rua, porque cinco mil reais, se eu tenho uma taxa por mês para trabalhar naquela rua de quatrocentos reais eu estou tranquila. [...] A nossa intenção não é fazer entrevista nem atendimento nas ruas. Nós queremos que as meninas que fazem esse cadastro ou entrevistas vão à rua do jeito que elas estiverem. Elas são prostitutas, então elas vão pegar telefone e endereço

das meninas e no outro dia marcado elas fazem a entrevista. Nada de fazer na rua, porque a gente tem que parar com esse negócio, e eu sempre fiz uma crítica ao pessoal da Ufes que tinha uma mania de pedir a gente para levar as pessoas para fazerem... Vou falar um nome que eu tenho pavor disso, eles se sentiam num safári. Os estudantes da Ufes acham que estão em um safári. “Vamos à África para ver os Leões, as Girafas. Olha a Zebra que não tem no Brasil”. Era horrível essa situação. Gente vocês não estão fazendo um trabalho, vocês estão piorando a situação. Eles querem “Débora leve a gente, a gente está com professor tal”. Colocam o nome de um professor para achar que a gente.... Eu falava “gente, eu não vou levar vocês”. Eu já tive grandes contrapontos com professores da Ufes por causa disso. “Projeto Trans em Ação deixe a gente participar”! Eu digo “não vão participar”. Não que a gente não queira deixar, mas atrapalha. O que acontece? Lugar de prostituição é lugar de trabalho, não é lugar de entrevista, não é lugar de visitar as pessoas [...].

[...] Eu tinha um olhar diferenciado. Eu criei sistemas de segurança na rua com placas do carro, de marcar com tijolo na parede a placa do carro, coisa que ninguém tinha. Como eu trabalhei como estagiária, eu conhecia emblemas. Eu conseguia diferenciar para as meninas o valor do preço pelas logomarcas. Eu conhecia o símbolo da Garoto, da Vale, da CST e sabia quem morava em Vila Velha por que tinha aquele sistema da terceira ponte. Foram algumas coisas que eu falava com as meninas, elas assistiam pouco jornal. Eu sabia quem era filho de delegado que falou sobre o crime no jornal e estava saindo com a gente. Tudo isso eu trouxe da escola, da comunidade, porque eu tinha que assistir essas matérias por causa da igreja, por causa do movimento popular. Namorei com pessoas importantes da justiça de Vitória que faziam programa. Quando entrei na boate foi por conta de um membro da justiça que até hoje exerce a função e conseguiu minha autorização. O sonho dele era tirar minha virgindade e esse foi o combinado “eu te dou o que você quer que é entrar na boate e você me dá o seu “cabaço”. Eu entrei na boate, só que quando chegou aqui em casa tinha acontecido um caso de violência muito grande aqui no estado e ele tinha aparecido na televisão, quando chegou aqui em casa no dia que ele veio me pegar a minha família o reconheceu e falou assim “não foi você que apareceu na televisão? O que você quer aqui”? Ele falou “depois eu te vejo e falo com você”. A gente ficou um tempo junto namorando e o sexo não aconteceu.



## 5 SER LADY DÉBORA (TRANS) EDUCADORA SOCIAL

*[...] Sem família, sem religião, sem escola, não tem mais nada, a não ser a rua, entendeu? (Lady Débora).*

A partir da minha interrogação de pesquisa, que se direcionou para os sentidos de ser (trans) educadora social, das leituras que foram feitas de artigos, livros e das narrativas produzidas pela colaboradora na pesquisa, identifiquei algumas unidades de significado que serão discutidas posteriormente.

Ao seguir na busca dos sentidos de ser (trans) educadora social, as categorias compromisso, fé, aprendizado, resistência e educando na rua com algumas subcategorias se desvelaram para mim como centrais na compreensão do fenômeno e para as análises. Compreendo que essas categorias foram percebidas por mim ao longo da produção desta pesquisa e entendo que outros olhares poder ser direcionados para ela já que não me propus a produzir verdades inquestionáveis sobre o fenômeno observado.

TABELA 1- UNIDADES DE SIGNIFICADO

<b>UNIDADES DE SIGNIFICADO</b>	
<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUBCATEGORIAS</b>
COMPROMISSO	1. Cidadania 2. Proteção 3. Dignidade
FÉ	1. Espiritualidade 2. Medo 3. Humanidade
APRENDIZADO	1. Gratidão 2. Alegria
RESISTÊNCIA	1. Pré-conceitos 2. Desumanização 3. Tristeza 4. Exclusão 5. Rebeldia
EDUCANDO NA RUA	1. No chão da rua 2. Segurança

Fonte: Autoria própria

*Ser Lady Débora (trans) educadora social na rua* é compreender seu trabalho como um *compromisso* com a população trans. É estar misturada com a defesa da cidadania dessa população e no cotidiano causar desconforto questionando brincadeiras e falas preconceituosas que foram naturalizadas em nossa sociedade.

*Ser Lady Débora (trans) educadora social em casa* é proteger seu filho reconhecendo a vida difícil que teve para que ele fosse criado numa perspectiva transformadora e não se torne um reprodutor de preconceitos.

*Ser Lady Débora (trans) educadora social na escola* é sofrer preconceito no ambiente escolar, viver na iminência de abandonar os estudos e, mesmo assim, enxergar a dignidade em colegas de escola que também sofriam exclusão e protegê-los.

Freire (2005) ensina que o amor pela causa dos oprimidos é comprometer-se. O amor é um ato de coragem que se materializa no compromisso decorrente da percepção do outro. As práticas da educadora social demonstraram preocupação em três níveis: defender a dignidade da população trans; proteger seu filho e ensinar um caminho de respeito à diversidade; e proteger colegas de escola que experimentaram, assim como ela, a exclusão.

Ser educadora social é segundo Freire (S/D) ter coerência com o que se fala e o que se faz. Ter compromisso é envolver-se com o outro de tal forma que se torna um viver-com-o-outro, no qual as diversas formas de sofrimento entrelaçam pessoas e motivam a construção de um mundo humanizado, onde seja possível a convivência das diferentes formas de existência.

*Ser Lady Débora (trans) educadora social* é apegar-se a fé e reconhecer a contribuição que a espiritualidade teve na sua formação como militante/educadora social e na politização construída na relação com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica.

Ser Lady Débora (trans) educadora social é caminhar entre a vida e a morte tendo o medo como uma ferramenta de proteção. É experimentar o que Paulo Freire (2005) chama de situação-limite, produzindo novas possibilidades.

Ser Lady Débora (trans) educadora social é enfrentar a prostituição como meio de sobrevivência e a drogadição, reelaborar essas experiências e reconhecer a humanidade da população trans.

A fé é um suporte fundamental para nossa educadora. O envolvimento com a espiritualidade marcou intensamente sua vida e possibilitou a construção de resistências diante da difícil vida na rua. Frente à dureza representada pela rua, Lady Débora enxerga seus pares e se move no sentido de diminuir o sofrimento dessas pessoas.

Nossa educadora social concorda com Freire (2005, p. 34) quando este afirma:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

Ser-no-mundo para a educadora social é ser-com-o-outro e transformar angústias em possibilidades de enfrentamento e em ações políticas para o resgate da cidadania dela e outras pessoas que experimentam a exclusão.

*Ser Lady Débora (trans) educadora social é aprender com a vida de outras trans, estar agradecida por esse aprendizado ter protegido sua vida e também sentir-se alegre por possibilitar momentos de felicidade para pessoas que tiveram como único destino a rua.*

Nos relatos da educadora social é possível perceber a gratidão às travestis mais velhas pela iniciação na arte de “fazer o corpo”. Assim, o corpo como porta de entrada para o mundo (MERLEAU-PONTY, 2011) é o corpo que aprende com cada “cicatriz” contada pelas mais experientes, que constrói laços de solidariedade e compaixão frente à morte produzida pelo HIV.

É também um corpo que se mobiliza para construir o Projeto Trans em Ação como meio de estimular a politização e a garantia de direitos da população trans. Freire (2005) ensina que um dos maiores desafios do mundo é humanizar as pessoas, pois as situações de injustiça, mesmo sendo concretas na história, são construídas por uma ordem injusta que gera opressão e separação.

*Ser Lady Débora (trans) educadora social é ser resistente e enfrentar o preconceito no trabalho ao ter sua competência questionada por conta da orientação sexual. É experienciar no corpo e na alma a desumanização da rua que a levou a se drogar para ter coragem de “ficar” com homens desconhecidos. É sentir profunda tristeza pela rejeição dentro da família e da comunidade que, diferentemente de seus amigos de infância, impediu-a de estudar e ter uma profissão, impondo-lhe a exclusão. É também “descer do salto” e se rebelar contra regras preconceituosas impostas na escola de seu filho para que ela não entrasse com roupas que eram liberadas para outras mulheres.*

A rua é o local de construção para muitas travestis. É para lá que vão após serem expulsas da família, da escola, da religião e é onde vivem, trabalham e produzem seus corpos e identidade. Lady Débora mostra nas suas falas o perigo que é viver na rua e depender da prostituição como forma de sustento. É preciso construir estratégias para enfrentar clientes, cafetões, traficantes, chuva, frio e também outras travestis que disputam espaço em ruas e avenidas das cidades.

O enfrentamento da dor e do sofrimento, materializados na rejeição familiar e comunitária contribuíram para que a educadora social ressignificasse sua existência e encontrasse caminhos para transformar tristeza em reflexão e ação. Descer do salto é uma forma de encarar radicalmente preconceitos e limitações impostas pelo binarismo de gênero.

Na mundanidade da rua, a educadora inventou possibilidades pedagógicas para que a população trans saísse da invisibilidade para ser mais (Freire, 2005). Sua prática política é libertadora por reconhecer seus pares como *seres que estão sendo* e, por isso, inacabados e inconclusos. Nesse sentido, Lady Débora ensina que as travestis não podem ser conhecidas/associadas apenas à prostituição mesmo que muitas delas dependam desse trabalho.

A realidade de exclusão que muitas trans experimentam é construída na e pela sociedade e precisa ser questionada por práticas revolucionárias. “Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação os homens se “apropriam” dela como realidade histórica, por isso mesmo, capaz de ser transformada por eles (FREIRE, 2005, p. 85)”.

Por fim, *Ser Lady Débora (trans) educadora social* é educar no “chão da rua” para produzir uma (trans) educação adaptada ao movimento da rua, reconhecendo esse espaço como local de trabalho, transformando situações desumanizantes em meios de segurança e materializando formas de transgressão.

A rua, enquanto espaço psicológico constituído de múltiplas determinações, provoca o educador social a compreendê-la e tomá-la com esperança de que é possível ensinar e aprender, lutar e resistir contra os obstáculos que impedem a cidadania e a humanização.

Freire (1996, p. 76-77) enfatiza que um ser-da-esperança precisa compreender que:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição ao nosso direito de ser, pretende que sua *presença* se vá tornando *convivência*, que seu estar no *contexto* vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da história como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências [...].

A rebeldia de se levantar contra condições perversas faz de nossa educadora uma defensora da vocação para ser mais (Freire, 2005). Lady Débora traz nos seus relatos provas cabais de que seu ser-com-o-outro é fundamentado em rebeldias cotidianas que se transformaram em ações revolucionárias em favor dos excluídos, grupo do qual ela fez parte. Ser-com-o-outro é ter a certeza de que é possível modificar estruturas desumanizantes, pois elas são construídas e não permanentes.

## 5.1 LADY DÉBORA FALA COMO EDUCADORA SOCIAL NA ESCOLA

Neste subcapítulo, a educadora social Lady Débora leva sua pedagogia social e fala sobre diversidade sexual e identidade de gênero para alunos de uma escola estadual da Serra – ES, em dezembro de 2015, atendendo a um convite do pesquisador, que é professor de sociologia nessa instituição.

*Meu nome é Débora, sou militante de direitos humanos, na temática LGBT, diversidade sexual e identidade de gênero. Eu não consigo falar de diversidade*

*sexual e identidade de gênero sem o tema direitos humanos, que é o tema que eu mais gosto, a política que eu mais gosto de fazer, porque apesar de estar na letrinha LGBT a defesa tem que ser transversal. A gente tem que fazer a defesa de todas as populações que sofrem algum tipo de vulnerabilidade. E aí só fazer a defesa da minha população não me serve, me serve fazer a defesa do adolescente, da criança, do idoso, da pessoa com deficiência, dos estrangeiros, de todas as pessoas que sofrem algum tipo de vulnerabilidade. A gente pode combinar o seguinte: qualquer dúvida, eu estou aqui para tentar tirar. Não sou conhecedora de tudo, mas posso tentar ajudar. Vou falar um pouquinho das entidades que eu faço parte. Sou uma das diretoras da ABLGBT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, a maior entidade do Brasil, da América Latina e Caribe. Somos trezentos e cinquenta filiados na nossa entidade aqui no Brasil. Essa entidade tem uma grande responsabilidade com a maior parcela das vitórias já alcançadas no Brasil, por que foi através dela que demos entrada no direito ao casamento, no direito ao nome social, no direito ao uso do banheiro. A ABLGBT que tem esse compromisso de ter feito vários projetos para isso. Também faço parte da ANTRA, outra entidade, mais nova, mas também com abrangência nacional. A ANTRA é a Associação Nacional de Travestis e Transexuais, a maior entidade do Brasil também que eu a represento. Estou coordenando uma entidade que se chama GOLD – Grupo Orgulho Liberdade e Dignidade com sede em Colatina – ES. Sou conselheira no Conselho Estadual de Direitos Humanos, Conselho Municipal do Negro da Serra – CONEGRO e também no Conselho Municipal de Saúde da Serra - CMSS.*

*Diversidade sexual e identidade de gênero é o tema que eu vou falar e por que falar de identidade de gênero? Por que geralmente a gente sempre fala de diversidade sexual, mas esquece de um ponto primordial que é a identidade de gênero para tratar as questões da mulher e das mulheres travestis e transexuais. Preconceito, alguém sabe o que significa? O que é?*

*Aluna: É um pré-conceito, julgar alguém sem conhecer.*

*Isso aí, e a gente tem algumas manias preconceituosas que estão inseridas no nosso dia a dia e que não percebemos. Alguém pode dizer alguma delas?*

*Aluna: Todo negro é bandido, todo gay tem AIDS.*

*Essas frases estão inseridas na vida da gente, na educação da gente e sem perceber repetimos isso. É bom nos policiarmos sempre para não ocorrer e para tirar isso, questionar as pessoas quando fizerem essas falas. Então: preconceito é um juízo pré-concebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória perante pessoas, culturas, lugares ou tradições consideradas diferentes ou estranhas. A gente sempre costuma ouvir diversas piadas o dia todo sobre religiões. Hoje mesmo eu estava no grupo do Whatsapp de família. Sai cada coisa assim, absurda, não é?! E aí como todo mundo tem a mania de hoje tirar selfie<sup>15</sup>, assim com a língua para fora eu não sei quem teve essa loucura de criar um e-mail dizendo que botar a língua para fora é uma referência a uma deusa hindu que é o Satanás. E aí você lê aquilo assim, as pessoas dizendo que vão apagar todas as fotos. E na minha família os adolescentes disseram “vou apagar todas as fotos minhas que estiverem com a língua para fora por que eu não quero ser o Satanás”. Eu fiz uma pergunta no grupo assim: Alguém já ouviu falar em fome na Índia? Alguém já ouviu falar em guerra na Índia? Alguém já ouviu falar em Satanás na Índia? Nunca ouviu falar por que isso é tudo criado pelo Cristianismo e lá eles nem acreditam nisso, vai falar de Satanás e eles nem sabem o que é. Então assim, o meio é totalmente preconceituoso e já ensina as pessoas a terem um outro preconceito com deuses de outras religiões e no Brasil não é diferente. A gente falou em macumba, alguém sabe o que significa macumba?*

*Aluna: É um instrumento de percussão.*

*Isso! Acho que não precisa dar palestra não... Vou embora (risos). Isso não é só com a macumba, isso aconteceu várias vezes no processo e eu tenho debatido isso. Isso aconteceu com a capoeira. Todos os capoeiristas da época eram colocados na linha de frente da guerra, eram colocados para morrer primeiro. Isso aconteceu com o samba que hoje completa, se não me engano, 107 anos e todo sambista era marginal, desceu o morro era bandido. Isso está acontecendo agora com o funk também. Todo funkeiro, todo mundo que gosta de funk é marginal. Lógico também que eu tenho um debate com a questão da linguagem das letras, mas não é só o funk, é em todos os ritmos. A pessoa que curte funk está sofrendo preconceito. LGBT alguém sabe o que significa?*

---

<sup>15</sup>São fotos tiradas pela própria pessoa.

*Aluna: Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e transgêneros.*

*Não, na verdade o transgênero não está contemplado ainda não, então é LGBT. Alguém lembra de outras siglas mais antigas? GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes? Foi trocando GLS. GLBT alguém saber por que é LGBT? Era GLBT, começava com G, mas a gente trocou em 2008. Aconteceu um fato inusitado no Brasil e a gente, eu vou falar para vocês algumas coisas do movimento, vou falar de direitos humanos e também vou falar da vida política por que a gente tem que estar inserida na vida política para entender a história e o contexto do movimento. Em 2008 corajosamente o ex-presidente Lula convocou a primeira conferência LGBT do mundo LBGT, nunca houve na história do mundo uma conferência LGBT, que nos proporcionou construir políticas até hoje. E aí, naquele momento, a gente conversava sobre a questão que hoje ainda afeta o Brasil que é a violência contra a mulher e aí defendendo a questão do gênero feminino e das mulheres lésbicas que sofriam mais agressão que os homens gays a gente coloca o L na frente que é uma defesa da mulher e então fica LGBT ok? L de Lésbica, G de Gay, B de Bissexual, T de Travesti e Transexuais. O guarda-chuva transgênero que você falou é uma coisa muito grandiosa que entra muita gente ali. A gente chama de guarda-chuva. Alguém ainda costuma falar LBGTI, alguns países já têm o I na frente que são as pessoas intersex que são as aquelas que nascem com dois sexos. Isso ainda não é uma coisa nossa do Brasil, não foi decidido nessa conferência, e vai acontecer a próxima em fevereiro, em março acontece a terceira conferência nacional, então a gente não decidiu isso ainda, vamos decidir isso lá. E outras pessoas também questionam o significado de travesti e transexual. O Brasil é o único país no mundo que usa a palavra travesti, não existe em outro lugar é só o Brasil. Ainda não é fato se a gente tira travesti ou não tira, alguém faz a defesa outros não. Até por que gay também nos Estados Unidos, que a gente pega muita coisa dos Estados Unidos, de fora do país, brasileiro tem essa mania, tudo que é bonito é dos Estados Unidos. O gay era uma palavra muito pejorativa nos Estados Unidos, gay era uma coisa feia e eles construíram no gay uma identidade legal. Então a gente também nacionalmente discute sobre pegar esse nome pejorativo de travesti e trazer nele uma versão mais de autoestima. Nessa conferência talvez a gente debata isso. Lembrando para vocês também que o Ministério da Saúde e Organização Mundial da Saúde não consideram a homossexualidade como doença ok? Gays, Lésbicas e Bissexuais não*



*são doentes, então é um erro quando a gente fala em tratamento. Mas quando chega na letra T de travesti consideram que a gente tem transtorno mental. Então quem está falando aqui para vocês tem transtorno mental, está bom?*

*Nós estávamos reunidos com o Ministério da Saúde esse mês na Paraíba em um congresso e a gente decidiu em protesto, porque a Organização Nacional de Saúde ainda não tirou esse CID de transtorno mental e também não tem consenso e eu vou explicar depois. A gente combinou de fazer um protesto, de começar a entrar na fila do banco e pedir para passar na frente, quando perguntarem por que você quer passar? Responderemos: Por que eu tenho transtorno mental. Ou ainda pensamos em pedir aposentadoria por invalidez.*

*Então está aí no Power point o que já conversamos. Lésbicas, duas mulheres juntas. Temos lésbica? Você é Lésbica? Gays.. Bissexuais... temos Bissexual aqui? Pan? Aluna responde sobre ser pansexual.*

*Foto de João Neres... Alguém conhece? É uma pessoa transexual. Alguém sabe explicar o que é?*

*Aluno: É uma mulher?*

*Isso aí. Nasceu com um órgão biologicamente feminino e fez a cirurgia de readequação e está no gênero masculino e com órgão genital masculino. Lógico que o João Neres foi o primeiro homem transexual, sofreu muitas intervenções cirúrgicas. Ele se arrepende de ter feito muitas por que atingiu a saúde dele. Hoje ele é meio debilitado, anda com a ajuda de muleta, de cadeira de rodas. Se a gente for fazer o processo é muito longo. Então isso trouxe também uma dificuldade na vida dele. E também, uma coisa interessante para falar com vocês, o João Neres, depois de ter feito essa cirurgia, sofreu preconceito e às vezes as pessoas não entendem. Por que LGBT quer direitos? Qual o momento que você tem mais direitos que eu? As pessoas se perguntam, perguntam para gente. Quando a gente vai fazer política na Câmara de Vereadores, na Assembleia Legislativa as pessoas dizem: Qual o direito que você tem que eu não tenho? O primeiro que eu digo é o seguinte: você namorou? Você pegou na mão de alguém? Você saiu com alguém dentro do ônibus? Você teve esse direito? Eu não tive e até hoje eu não tenho. Primeiro: Na adolescência eu não tive direito de ir para a escola, eu fui retirada da escola. Eu não*

*tive direito à família, eu saí de casa com 11 anos de idade e fui viver nas ruas. Então assim, todos os meus diretos são diferentes dos seus. Lógico que a minha história não é a história de todas as pessoas, cada história é uma história diferente, mas é uma história de preconceito, história de preconceito em casa, na escola e também em outras instituições. E aí João Neres, depois vocês podem pesquisar um pouco sobre a vida dele. O interessante que quando o Juiz concedeu para o João Neres o direito de ele se chamar João Neres ele tirou todos os direitos do outro nome. Mas, o João acreditava que o Juiz pegaria o nome dele, ele fez psicologia. O juiz falou assim: "Te dou um nome, mas o diploma não". Então o que o João teve que fazer por conta de preconceito? O João teve que voltar para faculdade e fazer tudo novamente, concluir todo o estudo novamente, por que o juiz não concedeu a ele o direito de troca do diploma e de todos os documentos. Pode passar os slides: Orientação sexual todo mundo entende sobre orientação sexual. Quando eu perguntei quem era lésbica quem era bi. A maioria daqui se entende heterossexual e aí também tem aquela dúvida que paira de por que orientação sexual e não opção sexual. Todos entendem essa parte, não é?*

*Aluna: Já tivemos uma palestra.*

*Então vamos lá, pode passar. Orientação sexual pode passar, o povo já sabe... heterossexual, bissexual, homossexual... e aonde eu estou?Então qual a minha orientação sexual?*

*Aluno responde: TRANS.*

*Não, essa aí é minha identidade, eu sou uma pessoa trans. Estou dizendo a minha orientação sexual.*

*Aluna: Heterossexual*

*Porque hétero?*

*Aluna: Por que você é mulher.*

*É isso, eu gosto de homens.*

*Mas eu também poderia ser Bi ou poderia ser Lésbica. Por que eu poderia não ter interesse no órgão genital, mas na forma como a pessoa me trata ou pela questão*

de gênero. Acho vocês meninas lindas, mas só sinto atração pelo gênero masculino. Então eu sou heterossexual, um debate que ainda é omissivo em relação às causas das mulheres trans é a nossa orientação sexual. Até isso a sociedade quer encaixar para gente.

*Aluna: Mas se uma pessoa se sente mulher e gosta de homem ela é heterossexual.*

*Mas isso é muito fácil para vocês. Fale isso para um deputado. A gente do movimento chama isso de bancada BBB – Boi, Bala e Bíblia. Por que a maioria dos deputados eleitos é ruralista, têm fazendas e bois no Brasil. A gente pegou os nossos deputados estaduais aqui, não vamos tão longe. Se você pegar a vida e história de quem são nossos deputados estaduais você vai pegar o deputado federal que perdeu as eleições que é o Camilo Cola que é dono da Viação Itapemirim. A gente vai pegar o dono de praticamente todas as lagoas de Linhares, praticamente dono de metade de Linhares que é o Luiz Durão. São os nossos deputados. O Espírito Santo tem dono e a gente tem que atentar para isso, tem dono! Quando você começa a entender um pouquinho da política você vai perceber que tem donos. É a família Dadalto, a Gazeta, os Buaiz, são famílias que são donas do Espírito Santo, para onde você correr, eles têm um pedaço. Essa ECO 101 que corta o Espírito Santo tem dono, são famílias. Todo o Espírito Santo tem donos divididos. Um na área sul, praiana, na área norte. Então vocês têm que entender que tudo que é jogado para gente tem um fim político e familiar. Família Buaiz, Família Lindemberg, aquela outra... Dacasa financeira. Vamos lá, a expressão incorreta que a gente falou. Eu tenho a opção de estar com essa camisa e a opção de não estar, mas a minha orientação sexual é minha e eu não tenho como tirar ela de mim. Gostaria, pois com tanto preconceito, às vezes me pergunto, não gostaria de ser TRANS para passar tanto preconceito, mas infelizmente nasci, ou felizmente nasci com essa orientação então eu não tenho para onde correr dela.*

*Aluna: Existem muito mais casais gays felizes do que héteros.*

*Homossexualismo é um termo que ainda as pessoas usam muito. E são pessoas que... eu fico muito feliz porque quando eu chego nas escolas públicas e eu vejo todos os estudantes falando os termos corretos. Homossexualidade ao invés de homossexualismo. Eu fico muito triste. Ontem eu estava do lado de uma promotora e ela o tempo todo falando homossexualismo, homossexualismo, homossexualismo.*

*Poxa! A promotora vem dar palestra e passa essa vergonha. E a gente vai às escolas e entra dentro das escolas e os alunos se afirmam. Na minha época não era assim, não podia, eu nem costumava entrar dentro na escola era muito difícil ser, afirmar com sua orientação sexual dentro da escola e hoje a gente vê esse debate normalmente sendo assim tão falado e respeitado por todo mundo.*

*Aluna: Mas isso é agora também, porque quando eu comecei a querer me expor eu tive certos preconceitos. No começo eu escondia das pessoas e só esse ano eu fui buscar, eu disse chega! Agora eu tenho que ser respeitada, eu adquirir respeito.*

*Aluna: Sem contar que vem de quem é mais próximo. Por que quando eu fui afirmar alguma coisa que eu sentia muita gente perguntando como é que é? Era um sentimento que eu quis expor, que estava preso há muito tempo. Todo mundo se afastou, muita gente sentiu nojo como se eu estivesse com uma doença. Não era uma doença, era só um sentimento que eu tentei amenizar.*

*É assim mesmo, esse sentimento é o mesmo que eu tenho. E gente isso faz muito mal para gente. Para vocês que são meninas e conseguem viver com o gênero compatível ao seu sexo é uma coisa. Para gente que nasceu com um sexo e vive com outro gênero aí complica mais por que esse processo de preconceito é extremamente doloroso. A gente sofre de chacota no meio da rua, as pessoas chamam a gente de diversos nomes: João, traveco, trava, boneca. A gente é insultada e vista o tempo todo como objeto sexual, entendeu? Então assim, é muito doloroso quando você sofre isso o tempo todo. Eu que sou militante, que sei os caminhos dos meus direitos, que sei entender que culturalmente a população foi ensinada assim, para mim é difícil imagina para outras pessoas iguais a mim que não têm esse conteúdo que eu consegui ter durante a minha saída de dentro de casa. Eu sempre tive uma coisa: eu vou ser diferente do que eles colocaram para mim. Eu tinha isso comigo, então eu pensava o seguinte: eu vou provar que eu não sou aquilo. Porque, quando eu saí de casa, minha família dizia as piores coisas do mundo e eu consegui voltar para minha casa hoje e minha família tem orgulho de mim e chega a ser chato, chega a ser chato. Eles adoram chegar em algum lugar e falar assim “eu sou irmão da Débora, eu sou irmã, eu sou sobrinho”. Eu sofri muito preconceito com eles, com meus irmãos, com meu pai. Meu pai me batia tanto que, às vezes, era necessário me colocar dentro da caixa de água com sal e vinagre para*

*curar todas as feridas que eu tinha. Então isso acontece até hoje gente, uma escola de ensino médio aqui da Serra recentemente me chamou para acompanhar um caso e quando tiver um caso assim vocês podem chamar a gente enquanto movimento social ou enquanto entidade de direitos humanos. Uma menina lésbica foi espancada na escola ao assumir a sua orientação sexual e a professora foi exemplar. A gente tem que dizer que a professora foi exemplar. Imediatamente ela passou pela diretoria....*

*Aluna: Fui espancada e saí de casa. Fiquei vários dias num abrigo. O professor e o pessoal da turma me ajudaram. Passei por polícia, por abrigo. As autoridades não tratam a gente com respeito. Tratam melhor um animal. Eu passei por um constrangimento sério. O professor me ajudou muito, sempre perguntava como eu estava.*

*Então, é o que gente passa o tempo todo tentando fazer, sensibilizar esses órgãos públicos e gestores públicos, porque todo gestor público se baseia, principalmente, na religião para condenar a questão da homossexualidade. A minha religião te proíbe, tratam mal. Primeiro que a pessoa tem que entender que nós estamos em um espaço público, esse espaço é público, se é público é de todos. Se o professor é homofóbico, ele vai ter que se virar e sair, porque em espaço público ele não pode ficar. Se eu tenho a minha religião e assim o meu pastor me ensina que a homossexualidade é pecado, vão pecar e se baseiam naquele texto da bíblia que diz que todo homem que se deitar com homem, de Levítico. Alguém conhece? Quando alguém falar isso com vocês, vocês perguntem: vocês já leram o livro de Levítico? Quando você pergunta isso para um evangélico ele nunca leu o livro de Levítico. Ele só lê aquilo que diz a frase: "todo homem que se deitar com homem vai morrer". Eles se esquecem de lembrar que Levítico diz que toda pessoa que usar dois tipos de tecidos queimará no inferno, que todo homem que retirar a barba vai morrer no inferno, que toda pessoa que comer carne de porco vai para o inferno. Então Levítico condena todo mundo...*

*Aluna: É velho testamento.*

*Então não tem como encarar esse velho testamento.*

*Aluna: E outra, o Estado é laico.*

Isso.

*Aluno: Entre aspas.*

*Que bom que vocês estão tendo esse olhar. Não é nosso interesse fazer nenhum tipo de discriminação religiosa, até porque eu tenho minha religião, agora eu não posso em momento algum pegar meu símbolo religioso e trazer para dentro do espaço público. Meu símbolo religioso nem trago ele para fora, ele está aqui dentro da minha blusa para ninguém ver, por que ninguém precisa saber qual a minha religião. Eu tenho que defender a política pública para todas as pessoas. E a gente tem essa dificuldade em vários setores, por exemplo: hoje quando uma mulher lésbica sofre uma agressão de outra mulher, por exemplo, casal, ela sofre preconceito na delegacia da mulher. Porque chega lá a delegada não concorda com aquilo. A gente não tem números, por exemplo, de mortes de pessoas travestis e transexuais no Brasil, porque quando morre ou mata uma pessoa eles olham o órgão genital e não olham o gênero. Quando não olham o gênero eu não vou ter o quantitativo de mulheres travestis assassinadas. E aí o que acontece? Quando vai construir a política pública lá em cima no Ministério da Justiça eles perguntam “que violência vocês sofrem que vocês não morrem”?*

*Como que a gente faz para alimentar esses dados. Acontece fato dentro de nosso município, as pessoas informam. Geralmente muita gente conta para gente, falam o que acontece e a gente passa esses dados para o Luiz Mote do GGB – Grupo Gay da Bahia, que historicamente faz isso. É questão de Whatsapp, Facebook, por e-mail a gente manda esses dados para ele. Quase ninguém sabe que recentemente uma travesti chamada Ramona teve a sua cabeça esmagada num ponto de ônibus no município da Serra ali de frente para o Clube Golaço. Naquele ponto de ônibus eles “pocaram” a cabeça dela no e o que aconteceu? Saiu no jornal assim “homem morto” entendeu? E nós vamos fazer essas cobranças ao delegado. E o que acontece? Morreu agente fala para a polícia que é uma pessoa trans e o que a policial faz? Manda a gente resolver na delegacia de crimes contra o homem. “Não! A gente quer vá para delegacia de crimes contra a mulher, porque aí vai se basear no gênero e no órgão”. E isso é muito difícil, a gente chega na escola, na unidade de saúde, nas escolas ainda tem professor, a gente recebe inúmeras denúncias de professores que chamam seus estudantes num canto para conversar e dizem “eu*

*entendo, te respeito, mas acho que você deveria ir para a igreja, tentar arranjar um namorado ou fingir”.*

*Aluna: Eu conheço uma coordenadora assim.*

*Eu falo para vocês o seguinte: a gente tem duas opções na vida. Ou é reagir, se defender, buscar os nossos direitos e para isso eu tenho visto que vocês entendem perfeitamente da laicidade, da orientação sexual, dos direitos de vocês, ou se omitir. Hoje eu recebi inúmeros telefonemas, porque eu denunciei uma prática de “Rachid” sem medo nenhum e as pessoas disseram para eu ter cuidado porque eu não tenho carro, ando de ônibus e moro em um bairro considerado violento. Eu fiz uma denúncia gravíssima e sem problema nenhum, porque eu sei que aquilo atrapalha a população. A gente tem que ter essas ações.*

*Aluno: Você já teve vontade de sair do país?*

*Tive sim, mas não quis, sou apaixonada por isso aqui.*

*Aluno: Lá fora o preconceito contra esse gênero, orientação sexual é tão forte como é aqui nesse país?*

*Não, é totalmente diferente, todo mundo tem relato que é diferente, por vários fatores, mas é totalmente diferente. Agora tem uma coisa muito interessante quando você fala fora do país. Por exemplo, a gente mexe com todas essas políticas e interessante é que nós temos inúmeros brasileiros presos fora do país. Saiu uma matéria do fantástico e vocês podem procurar depois também. A maior quantidade de brasileiros fora do país é de adolescentes e estudantes, por quê? Porque saem do Brasil e vão para outros países que têm outra cultura como não jogar chiclete no chão no Japão. E ficam presos lá por que cometem um crime. E a maioria das pessoas presas fora do país são travestis na Itália. São 40 travestis presas na Itália.*

*Aluno: Muitos países da Europa negam vistos para os brasileiros que vão para lá, muitos entram para a prostituição e acabam discriminando os brasileiros.*

*Isso aí. Vamos lá.*

*Aluno: Débora posso te fazer uma pergunta?*

*Claro.*

*Aluno: Você é operada?*

*Não.*

*Aluna: Você soube do caso de dois gays em São Paulo?*

*Não. A gente acompanha alguns casos, mas tem alguns casos que não vão para frente. Temos muita dificuldade.*

*Aluna: Foi ali que muita gente viu o que acontece de verdade. Muita gente abriu o olho.*

*Eu vou fazer uma fala que tudo que é. Vou te contar um caso que aconteceu recentemente que quase ninguém deve saber. Esse é mais grave que você não colocou. Nós tivemos uma mulher travesti que tomou um tiro na boca, ela ficou viva andando pelas ruas com o tiro na boca pedindo ajuda e veio uma pessoa gravando isso e não teve repercussão. Sabe por que não teve repercussão? Porque tudo que é relacionado ao homem, ao homem gay é bonitinho, traz um transtorno para a sociedade. Bater num gay é uma ofensa, mas as mulheres travestis estão todas em situação de rua, vivendo na rua e ninguém fala nada. Por quê? Porque virou moda gay na novela das oito, virou moda gay apresentando programa, virou moda você encontrar um gay numa lanchonete, trabalhando no shopping, na loja. Agora você não vai ver uma travesti trabalhando em determinados locais. Eu conheci uma travesti que recentemente está trabalhando na área da limpeza de um Shopping na Serra. Só uma. Se essa empresa colocasse uma travesti em cada shopping a gente teria mais de 10 travestis empregadas, seria legal mesmo que seja na área de limpeza e a não temos isso. A maioria da nossa população está ou em situação de rua, de vulnerabilidade social total, passando fome, na miséria ou está se prostituindo.*

*A gente tem inúmeros casos de violência, não só em São Paulo que deu repercussão no Fantástico, mas inúmeros casos que acontecem todos os dias em algum momento e as pessoas não sabem como reagir. Vou contar um caso para vocês que se trata de faculdade. Um casal aqui do estado foi comemorar formatura e aí na festa se beijaram na boca e foram proibidos de beijar na boca na festa de formatura que eles estudaram e que pagaram. Eles entraram com um processo na justiça contra a empresa que organizou a festa. Eu achei muito interessante o*



*juízo e também a defesa da empresa, porque a empresa disse o seguinte: eu não disse a nenhum dos meus seguranças para separar pessoas que estavam se beijando, não existe isso na minha empresa. A culpa é toda do segurança e aí realmente a justiça condenou o segurança a pagar cinco mil reais. Isso porque os dois gays ficaram com muita pena depois do relato de vida que ele disse ter. Ele estava numa situação que não podia pagar aquele valor todo que o salário por mês era quase mil reais e como ele iria pagar? Dividiram os cinco mil reais e ele teve que fazer oficinas com a gente de direitos humanos para pagar a dívida. Em inúmeros locais já aconteceram atos de violência contra mim. O mais recente aconteceu esses dias, mas também acontece quando as pessoas me reconhecem e vem para cima de mim. Esses dias passei por uma situação desagradável dentro de um ônibus. Pessoas estavam lá e começaram a me agredir. Eu tive que descer do ônibus e passei quase a noite toda na rua, pois era o último coletivo e a quantidade de homens era muito grande e eu não ia conseguir nem brigar, muito menos me defender daquilo tudo. Resolvi descer do ônibus, o motorista abriu a porta, eu voltei a roleta, pulei ela de volta e saltei pela porta da frente e aí o que fazer? Quem são eles, de que lugar eles são? O que eu faço? Os motoristas têm medo de denunciar e depois sofrerem represálias, porque eles estão nessa rota todos os dias. Então você pega inúmeras situações que vão fugir totalmente, você vai ter que ter coragem ou se omitir em diversos momentos. Ali, no Power Point, bruxismo, reumatismo e tabagismo são doenças que terminam com ISMO. Então toda vez que vocês se lembrarem de alguma doença vocês não vão falar mais. Isso está referente ao ISMO de bruxismo, tabagismo, reumatismo. A gente está falando de gênero e o que aconteceu? Recentemente houve um retrocesso gigantesco dentro da área da escola. Os planos municipais e estaduais de educação do Brasil todo retiraram a palavra gênero e muitos vereadores aqui nesse município votaram pela retirada da palavra gênero e agora estão precisando comprar produtos de merenda escolar do gênero alimentício não podem comprar, porque dentro da lei não tem a palavra gênero. Vereadores daqui que talvez vocês votaram neles. Para você saber que vereador tem coragem de tirar a palavra gênero sem entender que é gênero alimentício. É sempre bom a gente estar antenado na política por que tem uma lei tramitando no congresso, na câmara federal que proíbe professores de falar de política dentro da escola.*

*Aluna: Um monte de gente vai ser presa.*

*Mas é essa a intenção. A intenção é essa mesma, esconder a história, pois quando for falar de política tem que falar de política LGBT, política de igualdade racial. Política de movimentos sociais envolve as conquistas que a gente tem. Pode passar o slide. É uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento. Pode passar. Transsexualidade. Eu tenho alguns posicionamentos nacionais. Às vezes eu apanho e às vezes eles acertam. Fiquei muito feliz que recentemente, descobri isso. O governo federal pediu para retirar a frase “PARADA GAY” dos projetos e eu sofri muito por causa disso. A primeira cidade no Brasil a usar a palavra Manifesto de manifestação foi o município da Serra. Eu sofri com o povo de São Paulo, com o povo do Rio de Janeiro, com o povo da Bahia. Diziam “você é doida, a palavra é parada”. Eu respondi “não a gente tem que ter outro vínculo, a gente tem que ter o vínculo de manifesto, manifestação popular” e ontem o governo pediu para retirar a palavra parada, porque dá sentido de festa e deixar manifesto.*

*Aluno: O que a televisão passa sobre a parada gay é que é uma festa. E o pessoal fica assim vamos para lá, vai ter mulher.*

*São essas coisas e eu falo para vocês, não tenham medo de usar a capacidade de vocês em pesquisar e fazer. Às vezes é muito difícil quando a gente faz uma luta. Às vezes você tem um olhar tão rápido assim. Eu estou com dois projetos de lei tramitando. Às vezes as pessoas ficam bobas que dão certo. Alguém aqui mora na Serra Sede? Por exemplo, alguém já entrou pela BR 101 e passou pela entrada de Cidade Pomar. Já perceberam que tem uma árvore gigantesca ali? Chama-se Mulembá. Eu fiz uma pesquisa sobre aquela árvore e só encontrei quatro na serra. Duas no Hospital das Clínicas, a grande maioria foi cortada. Ela foi chamada de Mulembá, tem samba enredo, uma figueira africana. Ela tem uma história com a religião também. Os africanos acreditam que nossos espíritos quando morrem vão para aquela árvore. E eu percebi que aquela árvore precisa de um projeto e pedi a um vereador pela defesa dela. Eu falo para vocês que a gente tem que ter esse olhar de direito, de defesa, mas de tudo para gente não fica só pautado no nosso umbigo. Porque se as pessoas só se defenderem é ruim. Eu estou com outro projeto de lei já na Assembleia Legislativa que prevê cadeira de rodas em todas as*

*plataformas dos terminais rodoviários e banco amarelo do lado do banco azul. Se a gente tem banco amarelo dentro do ônibus, porque não ter na fila também? Por que o idoso chega com 74 anos, e a gente não tem plaquinha para saber a idade deles, se a pessoa está passando mal ela tem o banquinho amarelo. Está tramitando e eu estou muito feliz, porque todo mundo está incorporando isso. Então a gente tem que ter uma visão para os direitos humanos e observar que todas as populações precisam de um olhar diferenciado.*

*Aluno: Você não participa de política não?*

*Eu participo de uma certa forma. A política é muito gostosa de se construir, mas chega lá dentro... Eu trabalhei na Assembleia Legislativa, fui convidada para trabalhar pela pessoa que eu sou. Agora eu fui convidada de novo, mas a pessoa que me convidou falou bem assim “olha você tem que me defender, entendeu? Você tem que fazer tudo para aparecer meu nome”. Eu não vou fazer o trabalho, eu estou trabalhando para ele. Eu quero trabalhar para o movimento, eu quero fazer política. Para eu ficar puxando o saco, eu não sei fazer isso. Deve ser horrível você ficar lá na frente falando assim “Eu represento o deputado tal”. E o pessoal “metendo o pau”. Só para receber um bom dinheiro? Porque não é pouco dinheiro. Eu não estou fazendo crítica aos cargos comissionados. Eu entendo que os cargos comissionados são importantes para empurrar a política, porque o que a gente tem de funcionários preguiçosos dentro das prefeituras, que não gostam de trabalhar. Aconteceu uma vez comigo quando eu fui levar uma pessoa para ser abrigada e a mulher me respondeu o seguinte: “São 16 horas e 40 minutos, a pessoa está aqui em risco de vida”? Eu falei que não, senão eu não estaria levando para abrigo. A mulher disse: “Ela não pode esperar até amanhã”? Eu disse “Não!”. Ela disse “meu horário é até as 17 horas e não pode passar”. A gente encontra pessoas que não entendem. Eu entendo que tem horário, mas se eu estou levando aquela criança naquele momento é porque alguma coisa muito grave aconteceu com ela e eu tenho que deixá-la. Eu não posso levar para minha casa.*

*Aluna: No meu caso foi basicamente isso. Não queriam me abrigar, porque uma mulher disse que o expediente dela tinha acabado. Disseram para procurar a juíza de plantão e já eram seis horas da tarde.*

*Tudo que acontece na Grande Vitória é um juiz somente de plantão e ele tem que atender todas as cidades da Grande Vitória: Serra, Cariacica, Viana, Guarapari. Então se acontece um caso de vulnerabilidade em Guarapari tem que atender. Você deve ter passado por isso, eu conheço. Eu gosto muito de trabalhar pelos direitos humanos. Hoje a gente estava discutindo lá na reunião de Direitos Humanos. As mães estão reclamando muito da quantidade de mosquitos dentro do sistema prisional, da UNIP, dos adolescentes que estão presos. O que eu tenho com isso? As crianças não conseguem dormir em paz e a gente está discutindo com o sistema prisional como vão fazer para resolver isso, pois eles não conseguem dormir com a quantidade de mosquito. E fomos conversar com a UNIP hoje e eles disseram assim que algumas mães têm condições de levar repelente. Mas esse repelente não vai durar muitas horas ou muitos dias. Eu levo repelente o outro não leva? Isso pode se transformar, porque qualquer coisa que tenha de diferente dentro do sistema prisional gera briga, gera conflito e vira quase um dinheiro, um prêmio lá dentro. Então a UNIP está conversando com a gente e estamos nesse debate para ver como vão fazer para resolver essa questão do mosquito, pois as crianças não conseguem dormir, os adolescentes. São muitas questões de direitos que às vezes a gente deixa passar despercebido e é intolerante. Pode passar. Olha aqui as pessoas trans no Power Point. Eu trouxe a SYMMY que para gente é importante a pessoa da SYMMY. Todas as pesquisas sociais de academia, de entidades já mostram que dessas letrinhas todas que eu apresentei para vocês as travestis e transexuais são as que mais aparecem nas questões de vulnerabilidade. Por exemplo: a margem de vida de uma pessoa TRANS é de 35 anos de idade. A gente está começando a passar isso. Vocês todos devem ter parentes com mais de 35 anos de idade. Eu consegui passar dos 35. Eu saí da margem dos dados de violência. A SYMMY é uma mulher TRANS que assumiu a Coordenação Nacional LGBT do Brasil pelo governo federal. Nunca houve uma mulher TRANS nesse cargo e agora ela assumiu. Vai estar aqui no Espírito Santo segunda-feira. Esse aqui é o Thomas, ele é um homem que nasceu com o sexo feminino, fez a cirurgia para retirada da mama para ter o sexo masculino, mas resolveu assumir a questão da maternidade. Deu para entender isso? Minha mãe quando viu essa foto disse assim “minha filha eu não entendo, eu tento entender vocês, mas o mundo está acabando minha filha. Deus criou o homem e a mulher e agora os homens engravidarem? Deus não gosta disso”. Eu disse “mãe é um homem que tem “perereca”. É a mesma*

*coisa mãe se eu quiser fazer um filho biológico”. Demorou uns dias para ela entender. Mas aí o debate de direitos humanos quando é feito na casa da gente, mesmo que a gente apanhe depois vemos resultados. Recentemente eu tive um resultado com minha mãe fantástico. A minha mãe virou para mim e falou assim “que coisa ridícula essa discussão se tem ou se não tem direito ao nome social. Por que as pessoas não querem chamar a pessoa pelo nome social? É um absurdo um homem viver o tempo todo com um nome, entra para dentro de uma sala, sai uma fumaça ele vai na varanda e vira Francisco”. Eu disse “mãe perfeito! Ele viveu a vida toda com um nome e entra numa sala, sai uma fumaça e agora ele diz que se chama Francisco. Ninguém lembra o nome do papa. Agora eu vou falar que meu nome é Débora e dizem que não pode. Por que não pode? Porque você nasceu com outro nome. E ela fez essa fala. Meu filho também a gente teve vários embates com a questão dos direitos humanos. Eu às vezes sou muito rígida. Esses dias eu me estressei quando ele estava ouvindo uma música de funk que falava “vou riscar, vou cortar, vou bater, vou chutar”. Perguntei “Está falando do que essa música, eu não estou entendendo? “Está falando daquilo, mãe, você não entende? Do ato sexual”. Está falando da vagina da mulher? Não, você vai apagar essa música. É inadmissível para mim, eu não aceito”. A gente tem uns ataques, mas também tem outras coisas que ele começa a perceber tipo assim: como o Sílvio Santos é preconceituoso mandando as mulheres alisar o cabelo. Ele tem alguma coisa com isso? Me dá uma alegria também os embates que a gente tem em casa. Mesmo eu sendo militante de direitos humanos, meu filho está o tempo todo na rua, o tempo todo com os amigos e aprende coisas. Está com alguns processos de construção e a gente tem que ter esses embates dentro das nossas famílias porque ele já deveria ter aprendido. Seu pai tem quantos anos? (pergunta para uma aluna).*

*Aluna: 36 anos.*

*Muito novo. Eu peguei meu filho com 05 dias de idade. Domingo passado foi a primeira vez que eu ele e a mãe dele biológica tiramos uma foto juntos. A mãe do meu filho é uma pessoa vivendo em situação de rua. Todo mundo sabe o que é isso? Com 05 dias eu já conhecia ela e ela falou que ia me dar um filho. Eu falei: “vou pegar para brincar, deve ser “facinho”, na hora que quiser água dá”. Com um mês eu queria devolver. Três meses eu estava batendo a mão na parede, aí depois*

*passou, depois de três meses. Agora está com 15 anos, já toma banho, já fala, já tira a gente do sério.*

*Aluna: Meu sonho é ser mãe e minha companheira também. E as pessoas acham estranho e isso é visto como anormal. As pessoas dizem que isso não é uma família, que a família é constituída por um casamento.*

*Vou contar um caso já que dá uma polêmica danada. Às vezes eu saio com meu grupo de amigos. Aí estou com meus amigos e as pessoas na rua dizem “nossa ele também é gay? Que lindo!” Eu digo “não é meu filho”. Todo mundo que vê um gay comigo pergunta se é meu filho. Colocaram na cabeça, filho de uma TRANS vai ser gay. Agora não, agora é diferente. Agora eu olho. Fui numa festa com ele o segurança me barrou e disse que eu não poderia entrar, porque eu estava com um menino menor de idade. Eu disse que era meu filho. Levaram o meu filho para o canto e perguntaram o que eu era dele. Ele disse “ela é minha mãe”. Eu disse assim “vem cá, se você está achando que eu estou entrando com um menino”... Na festa existia espaço diferenciado para banheiro. Como era grande a festa tinha muitos banheiros. Eu disse “você está achando que eu estou levando o menino para fazer um ato sexual?” Eles ficaram sem graça. Alguns minutos antes, eu havia encontrado o Prefeito de Vitória na portaria e ele me falou assim “Débora, manda uma mensagem para mim, para você subir na área VIP”. Coisa que eu detesto, não sei para que isso. Foi o pior erro dele ter me chamado para isso. Mas eu falei assim “Prefeito venha aqui na portaria porque estão me proibindo de entrar com meu filho no evento”. E aí o questionamento era que o documento dele não batia com o meu. Era outro problema. Eu perguntei: “Mas vocês já olharam os documentos de todos os adolescentes que entraram? Então vamos chamar todo mundo e botar para fora e perguntar para todo mundo”. Eles arranjam um monte de argumento. Mas agora eu sofro outro preconceito, porque todo mundo olha para mim e as mulheres olham para mim e falam “que mulher safada, dessa idade com um menino novinho olha lá”. Depois ele fala bem assim, adolescente tem mania de falar alto às vezes, ele fala assim: mãe! Dentro do ônibus esses dias o pessoal todo me olhando e ele me chamou de mãe. Aí acontece outro preconceito, pois é um negro chamando uma mulher branca de mãe.*

*Aluna: Quando você adotou ele, você já era TRANS?*

*Eu sou TRANS desde...*

*Aluna: Eu sei, mas quando você começou a se assumir, a se vestir?*

*Com 10 anos de idade.*

*Aluna: Então, como você educou seu filho para ele não sofrer com preconceito ou ele sofreu? Como foi a parte educativa por que ele era uma criança?*

*Boa pergunta. Não teve!*

*Aluno: Não teve? Risos.*

*Por que todo mundo acha... Débora qual foi o dia que você falou para seu filho que você era TRANS. Mas até hoje eu não falei. Porque até hoje ele não perguntou. Desde pequeno comecei a dizer que meu filho não é adotivo. Eu falo isso porque ele está junto comigo. Meu filho a gente chama de “adoção à brasileira” que é proibida. É aquela coisa do tipo, pega uma pessoa e começa a criar, um primo, parente, sem documento nenhum. Isso está proibido agora, não pode mais.*

*Teve uma vez no aniversário dele que a gente fez e fui convidar as pessoas. Eu sempre falei assim “vai com papelzinho e convida quem você quiser”. Se der deu, se não der você se vira com seus visitantes. Eu fazia o aniversário para ele, a gente fazia tudo no quintal e ficava dentro de casa para testar o limite das pessoas e deixava ele organizar o aniversário dele. Colocava bolo eles cortavam e faziam o que quisessem. Em um desses casos umas crianças chegaram chorando em nossa porta. Aí eu disse entra. Um disse: “Não, porque minha avó falou que aqui é casa de “viado””. O meu filho até hoje tem bisavô. Eu apresento para ele toda a família biológica. A bisavó dele tem 93 anos. Ela foi à porta da mulher e arrumou uma briga. Aí veio na festa toda a família dele para provar que tinha resolvido a situação. Quando eu peguei meu filho, sofri alguns preconceitos de vir viatura da polícia militar na minha porta alegando que havia denúncia de sequestro. Tive algumas coisas negativas, mas a população em geral foi muito legal. Quando eu peguei meu filho, ele tinha cinco dias. Ele não tinha tirado nem o cordão do hospital. Ele não tinha tomado banho, meu filho estava com doença de cachorro. Do dia que ele nasceu até o dia que a mãe dele me entregou, ela deve ter dormido na rua, no lixo e então pegou doença de cachorro. A população toda me acolheu, todo mundo me ajudou.*

*Com uma semana que estava com meu filho eu ganhei, não esqueço desse número porque me marcou, trezentas e quarenta e cinco peças de roupa em uma semana. E eu não tinha emprego, tinha 21 anos. Trabalhava como prostituta na rua, fazendo programa. Parei de fazer programa e agora o que eu iria fazer? Que loucura, peguei essa criança, agora não posso fazer programa e como vou sustentar essa criança? E aí a sociedade também me ajudou. Inúmeras latas de leite, todo mundo, famílias vizinhas. Depois quando a minha família descobriu que eu estava com a criança já tinha passado meses. Porque o dedo do meu filho era do tamanho de tanto gritar, por vários motivos, um que eu não sabia cuidar, não sabia a hora de dar comida, não sabia nada. As pessoas foram me ensinando as coisas. Eu tive que ligar para uma amiga, eu estava desesperada e disse “o que eu vou fazer com o umbigo dessa criança”? Foi ela que me ensinou a cuidar do umbigo do meu filho. Eu ia contar um caso que está acontecendo aqui em Vitória que está em sigilo na justiça. Duas meninas lésbicas, é a mesma coisa que aconteceu na novela das 8, mas já está na justiça tem dois anos, resolveram ter um filho e escolheram um amigo para fazer sexo e quando a família do menino descobriu entrou na justiça para pegar a guarda da criança. Entrou na justiça por não aceitar que duas mulheres cuidassem. E a justiça deu a guarda de fato e o menino resolveu, ele que não tem relação nenhuma com elas, morar junto com as duas. Eles moram juntos e vivem os três juntos e são amigos. Muito legal. Pessoal o Thomas tem três filhos dele e a mulher dele é uma trans igual a mim e o engravidou. E outra coisa gente, isso não é caso raro não. No Brasil tem muitos casos assim já. A questão da transexualidade do homem é muito difícil aqui no Brasil, mas está chegando com uma proporção muito grande e a gente já tem um número de homens transexuais muito grande. E a questão do homem TRANS, do gênero feminino para o gênero masculino é muito mais fácil do que do masculino para o feminino, porque algumas questões biológicas da pessoa vão aparecer como pelo no rosto para quem tem o sexo biológico. Já no caso da mulher não vai aparecer, ela só vai colocar, o negócio é tirar a mama. E isso é uma vitória importantíssima do Sistema Único de Saúde e eu sei que muita gente vai dizer que a unidade básica do município não funciona e quando eu venho com essas falas as pessoas dizem que não acreditam no que eu estou falando. Eu sou uma defensora do Sistema Único de Saúde do Brasil. Primeiro é entender que o SUS é o único do mundo. Não existe país no mundo que tenha coragem de bancar sistema de graça para as pessoas. Ele não é perfeito, tem muitos erros, mas só de saber que ele é*



*público a gente deve fazer essa defesa. Hoje no SUS você já pode retirar a mama e colocar a prótese caso você tenha necessidade se você for uma mulher ou um homem transexual. Isso é muito importante para a saúde, bancar isso. Lógico, os religiosos homofóbicos ficam possessos: “eu não acredito que eu estou pagando imposto para uma mulher travesti colocar peito”. Eles acham isso um absurdo, mas não acham absurdo quando se fala em pagar uma prótese para uma mulher que sofreu de câncer. Se a saúde é o bem-estar do ser humano, por que não pagar uma prótese também para uma TRANS? Mas é porque tem a questão da transexualidade, do preconceito em torno disso. Mas eu sou apaixonada pelo SUS, não vejo nenhuma política no Brasil que agregue tantas populações. Nós temos políticas de saúde da população em situação de rua, da população negra, da população LBGT, da população Ribeirinha, dos Pomeranos, dos Quilombolas e a população das florestas que são somente os que vivem na Amazônia. Agora a gente lançou a saúde da população das águas. É uma população específica que vive praticamente dentro da água o tempo todo. Alguns estados da região norte vivem dentro da água, principalmente as mulheres que precisam de um tratamento diferenciado em relação às mulheres daqui que não vivem dentro da água. Elas têm o pé muito “comido”, porque vivem lavando roupa, fazendo comida, tudo dentro da água, então o SUS criou uma política específica para elas. Vamos ver agora algumas datas importantes: 29 de janeiro, Dia Nacional da Visibilidade Travesti e Transexual, quem sabe não se propõe um trabalho de trazer alguma atividade para escola? Trabalho fácil, vocês já sabem tudo. Dia 17 de maio é o dia Internacional contra a Homofobia, Lesbofobia e Transfobia. Dia 29 de agosto é o dia da Visibilidade Lésbica. É interessante depois vocês perguntarem também por que a palavra gay, por que a palavra trans, por que a palavra lésbica. Onde estão as transexuais? Nós aqui no Brasil sofremos um preconceito muito grande, mas em outros países, em algumas ilhas nós somos consideradas deusas. Lá nasce um menino ou menino é normal, mas se nascer uma trans na família ela será médica ou professora. Trans só podem ser médicas e professoras, porque o trabalho de medicar e cuidar do ser humano é papel das trans. Em outros países, há um grande preconceito com a gente e quando vocês fizerem uma pesquisa entenderão muitos preconceitos contra a gente são baseados no Cristianismo. E no Cristianismo, mesmo que a gente tenha fé, que acredite tem inúmeros preconceitos. Dia 29 de junho é o Dia do Orgulho LGBT. O triângulo rosa foi criado para identificar*

*homossexuais masculinos nos campos de concentração nazistas. Muita gente não conhece esse símbolo, mas ele é muito usado em nível mundial. Triângulo preto era utilizado com mulheres sem crianças, prostitutas e aquelas com peculiaridades também pelo nazismo. O Machado é um símbolo que também era usado para mulheres lésbicas. A letra grega que foi adotada pelos primeiros grupos de defesa dos direitos LGBT dos Estados Unidos é o Arco-íris que ficou famoso e foi criado na Parada Gay de São Francisco em 1978. E se vocês perceberem nós temos alguns temas que mesmo que tenham visibilidade partiram em 1978 dos Estados Unidos. E se a gente observar de 1978 até agora isso é muito novo para muita gente. Quando a gente compara isso com a idade do seu pai a gente vai perceber que tudo isso que começou nos Estados Unidos até chegar aqui no Brasil, a construção de preconceito foi grande entendeu? OK, alguém tem mais alguma dúvida que eu possa tirar?*

*Aluno: Você toma hormônio?*

*Tomava, tomava muito hormônio, só que a gente tem uma política que não está implementada no Brasil que é de hormonização e ela faz muito mal. Nós temos muita preocupação, e aproveitando para falar disso já que você fez a pergunta, temos a questão da droga. A hormonização para pessoas trans é uma droga. A gente usa, na verdade, o anticoncepcional da mulher. Elas usam para evitar filhos e nós para evitar pelos, engordar, crescer o corpo. Só que isso também é uma droga e traz outras doenças para o fígado. E voltando para a pergunta que você fez, a gente tem debatido muito o crescimento da AIDS, das Hepatites e Sífilis entre os adolescentes. Saindo daquela margem de que os gays que tinham a doença, agora entraram os adolescentes de 15 a 24 anos que são as pessoas mais contaminadas pelos vírus HIV. E só para lembrar a vocês que o vírus HIV não demora muito para morrer. Qualquer lugar do seu corpo ele vai demorar 35 segundos, mas nós temos outras doenças, a gente criminaliza apenas a AIDS e esquecemos as Hepatites principalmente as Hepatites B e C e outra que é a A. O vírus da Hepatite demora 72 horas, então a partir do momento que eu tenho a Hepatite e tomei desse copo 72 horas depois ele vai morrer e o vírus da AIDS com 35 segundos se cair no seu corpo no ato sexual e não estou aqui estimulando ninguém a fazer nada. Tem que ter cuidado com o uso do cigarro, redução de danos por que as pessoas andam fumando cigarro dos outros, andam fumando cigarro de maconha do outro que passa sem saber se a pessoa tem algo que pode ser transmitido. A gente tem feito*

*essa discussão. Eu fiquei feliz, porque foi o embate que eu fiz e aqui no Espírito Santo vamos criar uma portaria agora para começar a pensar na hormonização das mulheres trans. As mulheres estão se automedicando e isso tem criado vários problemas no fígado e no corpo.*

*Aluno: Tem alguma outra forma de tomar isso sem tantos problemas? E em outros países?*

*Tive uma experiência com uma médica cubana. O tratamento e a visão dos médicos de fora do país com a questão da transexualidade é muito diferente. Quando a gente chega ao consultório de um médico brasileiro ele não sabe o que falar, não sabe o que fazer. Eu estou fazendo um tratamento com uma médica que é clínico geral cubana e o tratamento é totalmente diferente quando uma mulher vai lá ver qual vai ser o melhor remédio para usar. Então para gente seria a mesma coisa e tem alguns hormônios que são específicos para as pessoas trans e o SUS vai ter que começar a comprar isso para que possamos usufruir. Acho que não tem muita diferença não, é só trazer a experiência aqui para o Brasil.*

*Aluna: Você poderia ou pode intervir? Acontece um ato de carinho na escola entre homossexuais. É errado entre heterossexuais e homossexuais ou só um lado é errado? Você poderia intervir nisso se você visse ou tivesse um relato.*

*Sim. Se tiver alguma regra é para todos. Não existe lei nenhuma que proíba. Claro que cada escola tem uma história diferente. Meu filho estudou em uma escola com várias regras. Quando ele mudou para outra escola eu tomei um susto, podia entrar de bermuda, etc. Cada escola tem uma regra, mas o carinho que cabe à pessoa hétero cabe a todos. A gente está torcendo por um projeto, lembrando que a maioria dos projetos que dão direito a população LGBT não são da câmara federal nem do senado. A questão do casamento, dizem que é uma vitória. Casamento LGBT não é uma vitória, porque ele não foi votado pelos nossos políticos que elegemos, quem fez isso foi o Supremo Tribunal Federal. Mesmo que seja uma vitória é muito triste que a gente não tem leis. Agora é o banheiro feminino para pessoas trans. Muitas vezes quando a gente vai utilizar o banheiro... nunca aconteceu comigo, não sei por quê. Acho que as pessoas pensam “vem aquela militante lá e vai criar barraco”. Mas acontece com umas amigas minhas. Elas foram retiradas de dentro de banheiros. E agora o Supremo Tribunal Federal vai votar se vai ser possível o uso de banheiro*

*pelas mulheres trans. Vai ser geral, escola, etc. Só que um dos ministros pediu vistas do processo.*

*Aluna: Seguranças vieram tirar garotas lésbicas do banheiro masculino. Como elas devem reagir?*

*Nós temos um diferencial ao tratar as questões de homens gays e mulheres. As mulheres sofrem pela questão da vulnerabilidade de ser mulher. O debate de gênero é importantíssimo em todas as esferas. Nós temos essa problemática dentro do sistema prisional, a questão dos homens trans, como nós vamos fazer. Como que nós discutimos sobre um homem trans daquele tamanho dentro do sistema prisional. Onde vão colocá-lo? Se souberem que aquele homem tem uma vagina dentro do sistema prisional?*

*Aluno: Vai ser estuprado.*

*Temos inúmeras situações para resolver. São muitos casos de mulheres lésbicas, às vezes muitas não se reconhecem no gênero como homem trans, mas se vestem de acordo. Elas frequentam banheiro e as outras acham que é um homem que está entrando. Todo caso vai ser um caso diferente, mas primeiro o que eu sempre indico para tudo é tentar conversar. Tentar conversar com a direção, com a pessoa que te pegou e tentar conversar com a direção do shopping, por exemplo, e assim sucessivamente. Se isso não der certo, você vai ter que partir para outras coisas. Por exemplo, aconteceu comigo um dia desses. Entramos eu e meu filho em uma loja de um shopping e eu marquei com ele na porta da loja. Eu percebi quando uma mulher começou a segui-lo. Quando veio conversar comigo, eles devem ter pensado assim: “preto com uma trans, marginalização total! Vamos começar a seguir”. E eu fiquei olhando para a segurança e disse que fiquei incomodada com a presença. Ela me disse que não tinha nada e era normal e que estava andando pela loja. Como eu conheço algumas pessoas que trabalham em loja, tem um sistema para descobrir quando uma pessoa é suspeita. Meu amigo me disse que é quando te oferecem uma bolsa. Então quando você está numa loja e te oferecem uma bolsa grande você é suspeito. Que horrível, já me ofereceram uma bolsa duas vezes. Só que o mais interessante é que saí da loja e conversei com a segurança. O povo que estava dentro da loja veio me buscar na porta e disse “não acredito que você está indo embora, você tem que voltar. O que fizeram com você foi mais grave do que pensa”.*

*Ela passou o rádio dizendo “está subindo uma travesti com um cara”. O casal foi me buscar na porta. Aí eu os testei: vocês vão comigo? “Sim, vamos”. Na minha cabeça eles imaginaram que eu iria buscar a polícia e iriam aguardar. Meu filho é grandão, mas também é um adolescente. Você percebe que é preconceito e já na hora que o casal voltou eu chamei a gerente. Aí vem a questão mais absurda. A gerente perguntou assim: “você sabe qual a orientação sexual da segurança”? Eu disse não. Ela respondeu: “ela é lésbica”. Em algum momento, nós seremos preconceituosos conosco mesmo.*

*Aluno: Você falou sobre vários projetos e eu gostaria de saber como posso ficar mais informado.*

*Nosso Brasil é um país continental, o Brasil é muito lindo e um dos maiores preconceitos nossos é achar que nosso país é feio, que tudo que é de fora do país é melhor. É muito complicado, eu indico o que eu faço. Eu pego no computador do serviço e baixo os sites que eu mais gosto como o do Ministério dos Direitos Humanos, Ministério de Políticas para as mulheres. O deputado que você votou, por exemplo, você entra no site e pede a ele por email para mandar tudo que ele faz todo mês para você. Na câmara federal você escolhe os deputados que você quiser para saber tudo que ele faz como ponto, quantos dias foi à sessão e você começa a cobrar. É assim que os jornalistas fazem para falar mal dos políticos. São criadas algumas leis que você consegue pegar os políticos, saber salários, quanto ele ganha a mais e comissões na câmara. Essa luta por comissões não é para te defender não. É por que o salário deles aumenta. Você baixa o que tiver interesse. Por exemplo, uma coisa interessante: vai acontecer um evento interessantíssimo, não sei se vocês sabem. O governo está realizando conferências com todas as populações. LGBT, mulheres, etc. De mulher acontece sexta e sábado, LGBT domingo e segunda. Quinhentos e cinquenta jovens e adolescentes passarão três dias no SESC de Guarapari debatendo sobre políticas para adolescente. Isso é importantíssimo. São nesses espaços que agente coloca propostas. Caso você não defenda, pode perder algumas coisas. Anote, mande para alguém, a gente tem conselho lá na prefeitura. Eu ajudei a mudar o sistema do ENEM com um email. Agora estou ajudando a mudar a alta médica da população em situação de rua. Eu recebi um caso de uma pessoa em situação de rua. Quando eu cheguei lá não consegui resolver o caso dessa pessoa. A mulher falou assim “eu não sei o que vou*

*fazer, ele já está de alta e tem que ser tirado do hospital". Eu disse que não poderia dar alta assim. Para alguém que tem família eles vão buscar. E para uma pessoa em situação de rua, quem vai buscar? Eu mandei um e-mail para o Ministério da Saúde questionando essas altas médicas do hospital para pessoas em situação de rua. Não podem receber alta! Quando tem alta você para de receber medicamento, soro e alimentação. Se eu estou em situação de rua não podem cortar minha alimentação.*

*Aluno: Vão parar de dar alta e o hospital vai parar de receber e mandar para outro hospital.*

*Temos que criar outros critérios, pois não posso jogar aquela pessoa na rua. Nós temos alguns lugares de debate. Conselhos são lugares de debate. Conselho de Criança e Adolescente, de Jovens, de Mulheres, de Negro. Todos esses espaços são legítimos de luta e quando vocês tiverem essas demandas tragam para o movimento social que a gente faz a denúncia. Por exemplo, no ENEM foi a questão das travestis e transexuais fazerem o Enem e fazerem com o nome social. Na primeira vez do Enem, eu fui uma das únicas pessoas a fazer a prova, fomos três no Brasil. Eu questionei o Enem, criei um e-mail e falei que o atendimento não estava bom. Eles fizeram um atendimento por telefone e a primeira pessoa a receber a ligação foi eu. O Ministério da Educação me ligou e o atendimento foi péssimo. Escrevi o relato e mandei para o ministério e eles pagaram uma formação para 250 pessoas a partir do e-mail que mandei depois de 03 dias. Eles viram que o atendimento da mulher estava péssimo. A mulher sugeriu que pela minha voz ela estava conversando com homem. Ela não perguntou. Tem que saber o que é nome social. São pessoas que vivem outro gênero que o sexo não compete. Fizeram a formação. Outra vez também em uma escola me proibiram de votar na eleição para diretor por que só podia votar quem apresentasse documento. O Ministério da Educação ligou e disse "ela tem que votar". Pago tudo e agora quero votar na eleição para diretora e não posso? A gente tem que buscar os direitos da gente, principalmente através do voto, mesmo que esteja errado é a melhor forma de uma escolha democrática. A gente tem que entender e saber em quem votar.*

## PÓSCRITO

Chego ao fim deste trabalho satisfeito pela sua (in)conclusão e consciente de que uma pesquisa com inspiração fenomenológica é aberta, sem pretensão de oferecer respostas definitivas e acessíveis para que os leitores produzam e/ou construam visões diferentes sobre o fenômeno com o qual me envolvi e busquei descrever.

Longe das escolas acontecem práticas pedagógicas que se direcionam especialmente para grupos socialmente excluídos. Esses movimentos de educação social modificam os olhares historicamente construídos sobre a rua que a marginalizam ou a definem como local apenas de violência.

A pedagogia social, que fundamenta a educação social, é uma ciência preocupada com os processos de socialização humana e tenta alcançar espaços onde o Estado não chega por ação ou omissão. Sua proposta é contribuir para a politização de sujeitos e grupos em situação de vulnerabilidade de forma que se reconheçam enquanto sujeitos de direitos e cobrem do Estado o cumprimento de obrigações constitucionais como a garantia de políticas públicas que promovam a igualdade econômica e a diversidade social, cultural, sexual, etc.

Nesse sentido, qual o tipo de educação que se produz na “margem”? Esse foi um questionamento que me fiz ao iniciar o trabalho e para tentar respondê-lo mergulhei de forma ética e comprometida no mundo-vida de uma (trans) educadora social com relevante atuação no movimento LGBT capixaba e brasileiro. Essa colaboradora, que construiu junto comigo a pesquisa, dispôs-se generosamente a narrar/(re)inventar sua história de vida e cotidiano para que eu pudesse me envolver e captar os sentidos e significados de sua existência.

A inter-relação entre meu mundo e o da colaboradora me possibilitou uma mistura muito prazerosa e a combinação de vários sentimentos. Admiração pela força empreendida no enfrentamento de uma vida difícil e marcada por diversas privações e preconceitos; tristeza pelos múltiplos processos de desumanização sentidos no corpo e na alma; alegria pela forma como transformou dificuldades em possibilidades e satisfação pelo compromisso assumido, após todas essas

experiências, de defender, especialmente a população trans, mas também qualquer grupo em situação de vulnerabilidade.

O Ser Lady Débora (trans) educadora social se mostra como um ser-com-o-outro, comprometendo-se com ele numa busca contínua pela dignidade e garantia de direitos. A vivência da exclusão sentida em casa e na comunidade não impediu que a educadora social aprendesse sobre política e direitos nas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica e carregasse esses aprendizados para a “rua”. Essa mesma rua, um espaço psicológico para Lady Débora, se tornou local de moradia, de trabalho e, principalmente, de resistência.

A espiritualidade entra nesse contexto como uma ferramenta de proteção quando a rua se apresenta potencialmente perigosa e imprevisível. Crer em alguma coisa significou experimentar com mais coragem a possibilidade da morte, pois *“a vida e a morte sempre andam com a travesti” (Lady Débora)*.

Lady Débora já era uma revolucionária nos bancos da escola. Na mais tenra idade essa transmulher encontrou forças para enfrentar o preconceito contra si e defender colegas que conviviam com problemas parecidos, pois ela sentia que não poderia deixá-los para trás.

O Ser Lady Débora (trans) educadora social se produz com um “descer do salto” para promover rebeldias na mundanidade da rua. Essas transgressões cotidianas buscando o *ser mais* acompanham o que defende Freire (2005) quando ensina que a tarefa do educador é contribuir para a humanização do mundo.

O Ser Lady Débora (trans) educadora social se materializa em um ser-da-esperança que ama as pessoas e o mundo, que não se esquiva de espalhar amorosidade, que aprende com seus pares e demonstra gratidão. Mas, o Ser Lady Débora (trans) educadora social se funda na subversão de normas para construção/produção de uma (trans) educação fundamentalmente revolucionária.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa.** 01/08/2012 300 f. Tese (Doutorado em educação): Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ARAUJO, Valdinéia Pinto de Sampaio. Educação e diversidade (s): **Qual a cor da homofobia no arco-íris da escola?** 01/08/2012 136 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em educação): Fundação Universidade Federal do Piauí, Teresina.

ARROYO, Miguel Gonzales. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GOMES, Nilma Lino; GIOVANETTI, Maria Amélia. **Diálogos na educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2007. p. 19-50.

BARBOSA, Ana Carolina Santos. **A construção de corpos travestis: trajetórias que falam de binarismos e subversões no espaço escolar.** 11/06/2015 100 f. Dissertação (Mestrado em Geografia): Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BARROS, Daniela Torres. **Experiência das travestis na escola: entre nós e estratégias de resistências.** 26/02/2014 166 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BARROS, Denis Dias; SILVA, Valdir Pierote. **Método história oral e de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional.** Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/14087/15905>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2016.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz diferença.** Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016/19404>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 2009.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: história de um preconceito.** Belo Horizonte – MG: Autêntica 2010.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução.** Elementos para uma teoria do sistema de ensino. (trd) Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

CALIMAN, Geraldo. **Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social na europa (Itália).** Disponível em:

[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100015&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100015&script=sci_arttext). Acesso em: 23 de agosto de 2015.

CALIMAN, Geraldo. **Pedagogia social: seu potencial crítico e transformador**. Disponível em: <http://sites.unicentro.br/wp/cursodepedagogia/files/2011/08/caliman-pedagogia-social-transformadora.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2016.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social: contribuições para a evolução de um conceito. In. Da Silva, Roberto et al. (Orgs.). **Pedagogia social: contribuições para uma teoria geral da educação social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

COLODETE, Paulo Roque; PAIVA, Jacyara Silva; PINEL, Hiran. **Pedagogia Social**. Definições, formações, espaços de trabalho, grandes nomes & epistemologias. Disponível em: <http://www.soufabra.com.br/revista/index.php/cedfabra/article/view/11/3>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora!** as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551997000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010). Acesso em: 15 de fevereiro de 2016.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2008.

DAVI, Edmar Henrique Dayrell. **Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti**. 29/07/2013. 184 F. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.

DENTZ, René Armand. **Corporeidade e subjetividade em Merleau-Ponty**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/4238/3356>. Acesso em: 05 de setembro de 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_, **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_, **Virtudes do educador**. Disponível em: <https://escrevivencia.files.wordpress.com/2016/02/virtudes-do-educador.pdf>. Acesso em: 27 de março de 2016.

\_\_\_\_\_, **Educadores de rua: uma abordagem crítica**. Disponível em: <https://escrevivencia.files.wordpress.com/2016/02/educadores-de-rua.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. (TRD.) Raquel Ramallete. Petrópolis – RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** (TRD.) Raquel Ramallete. Petrópolis – RJ, Vozes, 2013.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas.** São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire.** Rio de Janeiro: Scipione, 1989.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.** Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/viewFile/3909/2386>. Acesso em: 20 de outubro de 2015.

GADOTTI, Moacir. Prefácio. In. FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silva Vilodre; FEPIPE, Jane. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis – RJ: Vozes 2013.

GONÇALVES DOS SANTOS. Rafael França. **As aparências enganam? a arte do fazer-se travesti.** Curitiba – PR: Appris, 2015.

GRACIANI, Maria Stela. **Pedagogia Social de Rua.** São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 2014.

GRACIANI, Maria Stela. Desafios metodológicos da prática social transformadora ou teorizar a prática social para transformá-la. In. Da Silva, Roberto et al. (Orgs.). **Pedagogia social: contribuições para uma teoria geral da educação social.** São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2013/2014.** Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio-homicidios-2013.pdf>. Acesso em 02 de setembro de 2015.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia.** São Paulo: Editora Madras, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** (TRD.) Raquel Ramallete. Petrópolis – RJ, Vozes, 2013.

LEITE JUNIOR, Francisco Francinete. **Travestilidades e Envelhecimentos: cartografando modos de vida na transcontemporaneidade.** 11/08/2015 198 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia): Universidade de Fortaleza, Fortaleza.

LEME, Maria Cecília Garcez. **Pedagogia social crítica e teologias da libertação: caminhos que se encontram na práxis latino-americana.** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/07.pdf>. Acesso em: 23 de janeiro de 2016.

LOURO, Guacira. Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Editora Portugal, 2000.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis – RJ: Vozes 2012.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: Ensaio sobre teoria queer**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. et al. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

MACHADO, Evelcy Monteiro. **Pedagogia social: percursos, concepções e tendências**. In. Da Silva, Roberto et al. (Orgs.). **Pedagogia social: contribuições para uma teoria geral da educação social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2011.

MACHADO, Evelcy Monteiro. **Pedagogia social no Brasil: políticas, teorias e práticas em construção**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/PAL010.pdf>. Acesso em 17 de agosto de 2015.

MACHADO, M. M. **Merleau-Ponty e educação**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2010.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Centauro, 2006.

MARTINS. Lucivaldo Ribeiro. **Entre ocós, truques e atraques: a produção de confetos sobre as experiências de educadoras trans do projeto transforma ação**. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/140/DISSERTA%C3%87%C3%83O.pdf?sequence=1>. Acesso em 15 de junho de 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo – SP: Loyola, 2002.

MEIRELES, Ariane. Celestino. **Políticas públicas sobre diversidade sexual na educação e vivências pedagógicas de professoras lésbicas na escola: notas sobre a cidade de Vitória**. 01/06/2012. 200 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em política social): Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MENDONÇA, Cristovam; PINEL, Hiran (Orgs.). **Homossexualidades: violência, desafios & possibilidades pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João editores, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**: Vozes, Petrópolis – RJ, 2010.

MONTREOZOL, Jeferson Renato. **Sobre a educação aquendada:** uma análise da relação entre a identidade sexual travesti e o processo de educação formal. 01/08/2011. 182 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em educação): Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

MORAES, Cândida Andrade de. **Pedagogia social comunidade e formação de educadores:** na busca do saber sócio-educativo. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-autorias/artigos/pedagogia-social.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2015.

PAIVA, Jacyara Silva de. **Epistemologia da educação social de rua.** Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092010000100015&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092010000100015&script=sci_arttext). Acesso em 12 de outubro de 2015.

PERES, Wilian Siqueira. **Travestis brasileiras:** dos estigmas à cidadania. Curitiba: Juruá, 2015

PETRUS, Antoni; ROMANS, Mercé; TRILLA, Jaume. **Profissão:** educador social. Porto Alegre – RS: Artmed, 2003.

PINEL, Hiran. **Educadores da noite.** Belo Horizonte: Nuex-Psi, 2004.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes & uma educação social;** cinema, existencialismo e inclusão. Vitória: Do Autor, 2005.

PRADO, Marco Aurélio Máximo et al. Escola e política do armário na produção das hierarquias sexuais no Brasil. In: RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. (Orgs.) **Currículos, gênero e sexualidades.** Vitória – ES: Edufes, 2012.

REIS, Alice Casanova dos. **A subjetividade como corporeidade:** o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET\\_37/02\\_Alice%20Casanova%20dos%20Reis.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/37/PDF%20para%20INTERNET_37/02_Alice%20Casanova%20dos%20Reis.pdf). Acesso em: 08 de setembro de 2015.

RIBAS MACHADO, Erico. **As relações entre a pedagogia social e a educação popular no Brasil.** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v1/24.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

RIBAS MACHADO, Erico. **O desenvolvimento da pedagogia social sob a perspectiva comparada:** o estágio atual no Brasil e na Espanha. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/ERICO\\_RIBAS\\_MACHADO\\_rev.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/ERICO_RIBAS_MACHADO_rev.pdf). Acesso em: 22 de novembro de 2016.

ROCHA, Leonardo Tolentino Lima. **Norma de gênero e instituição escolar:** um estudo sobre as estratégias de enfrentamento à homofobia nas escolas das redes públicas de ensino da região metropolitana de Belo Horizonte. 01/04/2012. 170 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em psicologia): Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RODRIGUES, Alexsandro. **Sexualidade (s) e currículo (s):** práticas cotidianas que nos atravessam produzindo experiências. 31/08/2009. 280 F. Tese (Doutorado em educação): Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

RODRIGUES, Alexsandro. **Onde estão “aqueles que não falamos o nome”.** In. PINEL, Hiran; MENDONÇA, Cristovam (Orgs.). Diversidade sexual: silêncio, diálogo & currículo. Pedro e João Editores, 2013.

ROSATO, Tatiana Penariol de. **Reforma de currículo e identidades sexuais:** performances de gênero em adolescentes de escolas estaduais de ensino fundamental em Cuiabá. 01/03/2011 124 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em educação): Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

RYNNANEM, Sanna. **Os fundamentos de uma pedagogia social crítica.** Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/File/1632/979>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

SADALA; Maria Lúcia Araújo. **A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida numa perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty.** Disponível em: [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/a\\_fenomenologia\\_como\\_metodo\\_par\\_a\\_investigar\\_a\\_experiencia\\_vivida.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/a_fenomenologia_como_metodo_par_a_investigar_a_experiencia_vivida.pdf). Acesso em 09 de setembro de 2015.

SALES, Adriana. **Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis.** 01/12/2012. 114 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em educação): Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

SHIMURA, Joyce Mayumi. **Memórias escolares de travestis:** a formação dos sujeitos nos discursos da ciência. 01/02/2012 104 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em educação para a ciência e a matemática). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

FERRAZ DA SILVA, Aline. **Currículo e diferença:** cartografia de um corpo travesti. 08/09/2014 102 f. (Doutorado em Educação): Universidade Federal de Pelotas.

TAMAROZI, Edna; Pontes, Renato Costa. **Educação de jovens e adultos.** Curitiba – PR: Iesde Brasil, 2009.

TORRES, Marco Antônio. **A emergência de professoras travestis e transexuais na escola:** heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporânea. 01/09/2012. 360 f. Tese (Doutorado em psicologia): Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VERAS, Elias Ferreira. **Carne, tinta e papel:** a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em fortaleza (CE), nos tempos dos hormônios/farmacopornográfico. 07/12/2015. 228 f. Tese. (Doutorado em História): Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ZAMPROGNO, Marisange Blank. **As políticas de inclusão da educação profissional e tecnológica:** o caso do Instituto Federal do Espírito Santo. 25/03/2013. 165 F. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



#### UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Convido a Senhora \_\_\_\_\_, a participar da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, intitulada **“(TRANS) PENSANDO A EDUCAÇÃO SOCIAL: OS SENTIDOS DE SER (TRANS) EDUCADORA SOCIAL”**, por constituir-se sujeito deste estudo, sob sua expressa autorização. Essa investigação pretende compreender os sentidos atribuídos por uma educadora social trans à sua prática como educadora social. Usaremos como aporte teórico-metodológico a fenomenologia existencial, com a realização de entrevista não-diretiva, com uma questão central: O que é ser trans educadora social? As informações levantadas por meio da entrevista e fotografias serão posteriormente transcritas para otimizar a análise dos dados. A concordância em participar dessa pesquisa é voluntária, livre e gratuita, não haverá nenhum tipo de pagamento nem despesa durante a realização do estudo. É de garantia plena à pessoa colaboradora do estudo, sigilo de sua identidade e o anonimato das informações prestadas ao pesquisador. As gravações e fotografias serão de minha inteira responsabilidade não me estando autorizado o uso de terceiros para ouvi-las e/ou usar citações. As fotos capturadas e as informações capturadas das respostas dadas serão tratadas com zelo, de forma ética, a fim de que seja evitada a identificação do colaborador no corpo do trabalho caso ele não queira. O colaborador deve estar ciente de que os resultados dessa

investigação poderão ser publicados e/ou divulgados, mantendo-se o princípio sigiloso de sua identidade. Caso surjam dúvidas referentes ao teor da pesquisa ou em qualquer aspecto de sua essência, e deseje obter informações sobre seu andamento, por favor, comunique sua decisão por meio do email.

Email: rodrigobravi@gmail.com

---

Local e Data

---

Assinatura do Pesquisador

Declaro estar ciente das informações acima prestadas e consinto em participar desta pesquisa. Declaro também ter recebido cópia deste termo de consentimento.

---

Nome do Participante  
ou responsável legal

---

Assinatura do Participante

Local e Data



## APÊNDICE B – Fotografias da educadora social e do Projeto Trans em Ação

Fotografia 1- Lady Débora ministrando palestra na escola



Fonte: Capturada pelo pesquisador

Fotografia 2 – Lady Débora na sede de uma entidade LGBT



Fonte: Capturada pelo pesquisador

Fotografia 3 – Material do Projeto Trans em Ação



Fonte: Capturada pelo pesquisador



Fotografia 4 – Cartilha do Projeto Trans em Ação



Fonte: Capturada pelo pesquisador

Fotografia 5 – Cartilha sobre HIV



Fonte: Capturada pelo pesquisador